

ACÁCIA

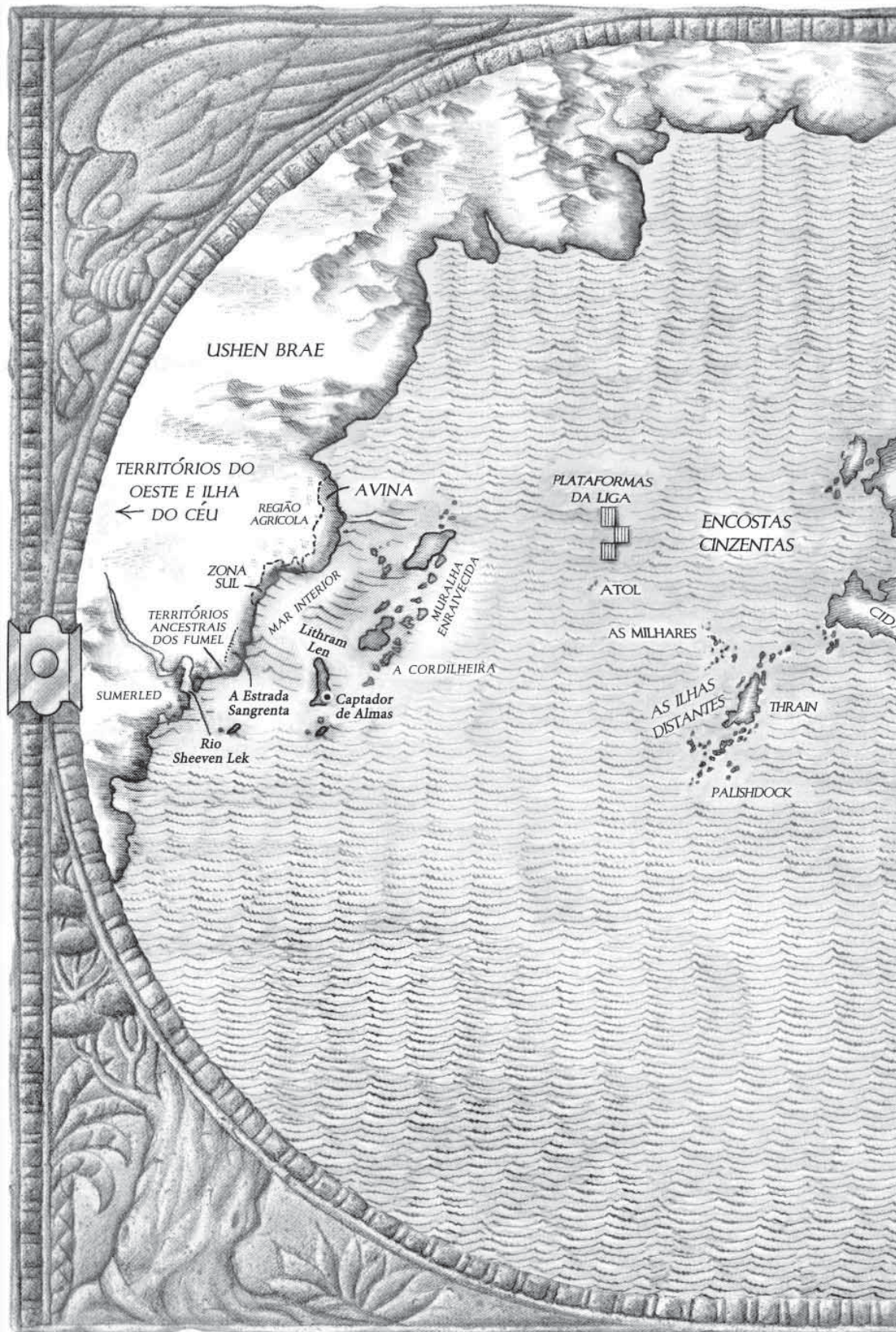
∞ A UNIÃO SAGRADA ∞

Tradução de João Pinto

DAVID ANTHONY
DURHAM



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina



USHEN BRAE

TERRITÓRIOS DO
OESTE E ILHA
DO CÉU

REGIÃO
AGRÍCOLA

AVINA

PLATAFORMAS
DA LIGA

ENCOSTAS
CINZENTAS

ZONA
SUL

MAR INTERIOR

ATOL

TERRITÓRIOS
ANCESTRAIS
DOS FUMEL

Lithram
Len

A CORDILHEIRA

AS MILHARES

SUMERLED

A Estrada
Sangrenta

Captador
de Almas

AS ILHAS
DISTANTES

THRAIN

Rio
Sheeven Lek

PALISHDOCK



Para Sorley, Beth, Gudrun e Jamie

A HISTÓRIA ATÉ AGORA

∞ **O**utras Terras e *O Povo das Crianças Divinas*, o terceiro e o quarto livro, respetivamente, da saga *Acácia*, começam com um prólogo que remonta ao tempo do domínio de Hanish Mein. Os traficantes de escravos da Liga apanharam os gémeos Mór e Ravi, numa captura maciça de crianças para a Quota. Numa praia remota da Candovia rural, Ravi tenta instigar os outros jovens à rebelião. Quando é capturado, um dos funcionários da Liga poupa-lhe a vida, dizendo-lhe que um destino diferente espera por ele — bem como pela sua alma — nas Outras Terras.

A história propriamente dita começa cerca de nove anos depois dos acontecimentos ocorridos em *Acácia: Ventos do Norte* e *Acácia: Presságios de Inverno*. Corinn Akaran, que agora é a indiscutível rainha do reino de Acácia, mantém um controlo cerrado sobre os seus súbditos. Confia em muito poucas pessoas, para além da sua assistente, Rhrenna, uma mulher do Mein com quem estabeleceu amizade durante o domínio de Hanish Mein. Corinn ordenou que fossem realizadas experiências para a criação de uma nova destilação da bruma — chamada *vintage* —, para que pudesse ser adicionada ao vinho. O *vintage* está a ser criado em parceria com a Liga, com quem Corinn fez as pazes depois da guerra empreendida por Hanish. A rainha permitiu que a Liga expandisse as suas operações até às Ilhas Distantes e aquela encontra-se atualmente a gerir as ilhas como se se tratasse de um feudo privado, com o objetivo de conseguir uma Quota de crianças em grandes plantações. Para além das obrigações inerentes ao seu cargo, Corinn possui uma faceta maternal mais afável. Ama loucamente o seu filho de oito anos de idade, Aaden. E ele é o único que sabe que Corinn está a estudar *A Canção de Elenet*.

Os dois irmãos mais novos de Corinn também andam atarefados. No início do romance Mena Akaran encontra-se nas planícies de Talay, onde é responsável pelo extermínio das Aberrações, as criaturas mutantes que resultaram da magia corrupta que os Santoth lançaram quando destruíram o exército dos Mein, depois da morte de Aliver. As Aberrações diferem na forma, no tamanho e na perigosidade, mas Mena — juntamente com o seu marido, Melio, e o amigo de Aliver, Kelis de Umae — conseguem derrotá-las uma a uma. O irmão dela, Dariel Akaran, tem vindo a acalmar a culpa que sente por ter permitido que Aliver defrontasse, num duelo, Hanish, e para isso supervisiona vários projetos de reconstrução por todo o império.

O enredo principal começa com a chegada de *Sire Dagon* e *Sire Neen*, que trazem notícias para Corinn de uma contrariedade ocorrida nas Outras Terras. Os homens da Liga explicam-lhe que os seus negócios, na realidade, nunca foram com os lothan aklun. Estes não passam de intermediários que trabalham para um povo bem mais numeroso, os auldek. Frustrada, ao longo dos anos, por saber tão pouco acerca dos auldek, a Liga começou a «procurar informações» sobre eles. Infelizmente — assim afirmam —, foram denunciados vários espões da Liga. Receando que esse erro crasso viesse a pôr um fim ao comércio, os homens da Liga solicitam que Corinn viaje para as Outras Terras, a fim de renovar a boa-fé dos acordos comerciais. Ela não aceita a proposta, mas faz com que Dariel vá no seu lugar. Também envia Rialus Neptos para manter as coisas debaixo de olho. O líder dos numrek, Calrach, bem como vários membros da tribo, incluindo o seu filho, Allek, também são nomeados para ir, a fim de servirem de embaixadores e ajudarem a convencer os auldek a continuar o acordo comercial com os acacianos.

Várias personagens secundárias introduzem importantes sequências na narrativa. Barad, *O Pequeno*, um desgastado operário que havia trabalhado nas minas de Kidnaban, é agora um ativista político. Viaja por todo o império, fazendo discursos e tentando construir uma resistência organizada contra a dinastia dos Akaran. Acredita que o Mundo Conhecido pode vir a ser governado com mais equidade. Chega mesmo a depositar a sua confiança no rei ausheniano, Grae, o qual deseja ver o poder de Acácia diminuído. O arrojado monarca concorda em fazer uma visita à corte da rainha para a seduzir e obter informações sobre a melhor forma de a derrubar.

Kelis, o talayano que era amigo íntimo de Aliver na juventude, deixa o serviço de Mena para responder a uma convocatória do seu líder. Fica a saber que Aliver tinha sido pai de uma menina, Shen, com

uma das suas amantes, Benabe. Durante os sonhos, a criança tem conversas com os Santoth. Eles têm-na estado a chamar, para que se lhes junte. Uma vez que Kelis já tinha ajudado Aliver a encontrar os feiticeiros, é escolhido para acompanhar Shen e Benabe até junto dos Santoth. Um jovem, chamado Naamen, também os acompanha. Viajam a pé até ao sul de Talay, numa jornada que se vai tornando cada vez mais mágica à medida que se vão aproximando dos Santoth. Por fim, acabam por se encontrar com Leeka Alain, o antigo soldado que matara os primeiros numrek. Durante todos aqueles anos, este tinha estado a viver com os Santoth. Alain leva-os até junto dos feiticeiros, que raptam Shen e desaparecem com ela.

Delivegu Lemardine, um espião manhoso de que Corinn se serve para as missões mais repugnantes, transmite à rainha informações sobre Barad, *O Pequeno*, informando-a de que está a ser planeada uma conspiração. Lemardine também descobre que a amante de Dariel, Wren, se encontra grávida. Logo que Corinn tem conhecimento disso, envia Wren para Calfa Ven, mantendo-a assim longe de todos enquanto decide o que fazer com ela.

Mena continua a caçar as Aberrações, percorrendo toda a região de Talay, pensando em formas engenhosas de capturar e matar as bestas. Finalmente, consegue enfrentar o último monstro. Era suposto tratar-se de um dragão, mas acaba por descobrir que é o resultado da fusão de um réptil com uma ave, um ser belo repleto de penas e estranhamente dócil. Antes que ela o pudesse evitar, o grupo de caçadores de Mena ataca o animal. A princesa é agarrada pela criatura ferida, que levanta voo e se afasta. O animal acaba por cair numa região longínqua. Ambos recuperam dos ferimentos e criam uma ligação afetiva. Mena dá-lhe o nome de Elya.

Dariel encontra muitas maravilhas durante a sua jornada através das Encostas Cinzentas, incluindo ondas enormes e cardumes de lobos-marinhos enraivecidos. Mas o que ele desconhece é que o seu anfitrião, *Sire Neen*, odeia secretamente todos os Akaran. Responsabiliza Dariel pela morte de muitos homens da Liga nas Plataformas. Incrivelmente ambicioso, Neen empreendeu um estratagema para eliminar os lothan aklun e monopolizar a bruma e o comércio da Quota. Ao chegar às ilhas limítrofes das Outras Terras — Ushen Brae, na língua nativa —, Neen aprisiona Dariel e explica que a Liga se aproveitou de um ritual cerimonioso dos lothan aklun para espalhar veneno entre eles. Toda a cultura dos lothan aklun tinha sido aniquilada.

Neen marca um encontro com os auldek. Planeia entregar-lhes Dariel como uma oferta de paz. Mas nada, relativamente ao seu en-

contro com os guerreiros auldek, corre como previamente planeado. A chegada dos numrek lança o encontro num caos. No decorrer do mesmo, Sire Neen é decapitado. Tanto Dariel como Rialus são capturados, mas por fações diferentes. Dariel torna-se prisioneiro do movimento de resistência dos escravos da Quota, o Povo Livre. Durante algum tempo, é tratado com crueldade, sendo injuriado por ser um príncipe da família que fundou o comércio da bruma e de escravos. Não obstante a situação em que se encontra, Dariel começa a sentir-se fascinado pelos seus raptos: Mór, a bela e colérica líder do grupo; Skylene, a amante dela; e Tunnel, um homem com um físico medonho, tornando ainda mais impressionante por a sua pele se encontrar tatuada em tons cinzentos e por ostentar presas douradas no maxilar. Muitos dos escravos da Quota sofreram alterações radicais feitas nos seus corpos — tatuagens, *piercings*, implantes —, com o intuito de ficarem mais parecidos com as divindades animais totémicas dos seus mestres auldek. Com o passar dos dias, Tunnel e Skylene contam-lhe cada vez mais pormenores sobre a vida em Ushen Brae.

Rialus foi capturado pelos auldek. Para sua grande surpresa, Calrach dirige-se à sua cela e conta-lhe que não era somente a Liga que tinha em marcha planos traiçoeiros. Os numrek tinham as suas próprias razões para se deslocarem até Ushen Brae. São uma tribo do povo auldek, uma de entre muitas, mas foram exilados anos antes por terem violado os tabus dos auldek. E foi esse banimento que os levou até ao Norte Distante, onde acabaram por descobrir o caminho do polo para o Mundo Conhecido. Os anos que passaram ao serviço de Hanish e, mais tarde, de Corinn, foram uma continuação desse castigo. Agora, Calrach regressou à sua terra natal com novidades que ele acredita irem devolver o estatuto da sua tribo no seio dos auldek.

Calrach explica a Rialus a mesma informação crucial que Dariel aprende com o Povo Livre. Os lothan aklun possuíam um dispositivo, chamado apanhador de almas, que conseguia extrair almas das crianças da Quota e implantá-las em hospedeiros auldek. Armazenavam as almas no interior dos corpos deles, tornando-os realmente imortais, mas também estéreis. Precisam dos escravos da Quota por causa das suas almas, para o trabalho e para serem capazes de cumprir o ciclo natural da vida do qual já não fazem parte. Os numrek, não obstante, ao chegarem ao Mundo Conhecido, descobrem que tinham recuperado a sua fertilidade, da qual o filho de Calrach, Allek, é prova suficiente. Calrach regressou a Ushen Brae com o objetivo de convencer os auldek a marcharem para o Mundo Conhecido, através da

rota do norte e travarem uma guerra. Podem ter terras novas, crianças novas e vidas novas no Mundo Conhecido. Os auldek obrigam Rialus a contar-lhes tudo o que sabe sobre o Mundo Conhecido, e ele torna-se numa fonte particular de informações para o líder dos auldek, o arrogante Devoth.

Dariel, convencido de que pode fazer alguma coisa para corrigir as injustiças do comércio da Quota, oferece-se para ajudar a resistência. Por fim, acabam por lhe atribuir uma missão. Tinham encontrado um navio de almas — um barco movido por almas aprisionadas — ao qual não queriam que a Liga deitasse as mãos. Por isso, pedem a Dariel para levar o navio até um local remoto e o destruir. O príncipe aproveita a oportunidade. Chega mesmo a permitir que Mór lhe faça uma tatuagem no rosto para se parecer com um escravo da Quota. A embarcação dá provas de ser rápida, fácil de manobrar e absolutamente diferente de tudo o que Dariel alguma vez vira. À medida que se vai deslocando no navio a grande velocidade, descobre que a Liga tinha ocupado a Ilha de Lithram Len, onde se encontra guardado o apanhador de almas. Se eles descobrirem o aparelho e aprenderem a servir-se dele, podem tornar-se imortais. Dariel impede que isso aconteça. Tal como o salteador que costumava ser, rouba pez explosivo das docas e utiliza-o para fazer explodir o apanhador de almas. Pouco tempo depois, logo a seguir a ter destruído a embarcação de almas e ter libertado os espíritos que aí se encontravam cativos, Dariel encontra-se com Mór. Ela deixa-o ir-se embora, em sinal de agradecimento pelas ações por ele levadas a cabo, ou, em alternativa, propõe-se levá-lo até ao interior de Ushen Brae, para que ele possa conhecer os anciãos do Povo Livre. Seguindo Mór, Dariel põe-se a caminho e penetra na vastidão selvagem que é Ushen Brae.

De regresso a Acácia, Corinn escapa por pouco a ser seduzida pelo Rei Grae. Delivegu captura Barad, *O Pequeno*, e leva-o à presença da rainha. Delivegu deduzira que Grae estava a planear uma conspiração conjunta com Barad. A rainha manda prendê-lo e transforma-lhe os olhos em pedra. Corinn limita-se a enviar Grae para casa.

Corinn fica aliviada quando Mena regressa de Talay. A princesa chega a voar, montada em Elya. Corinn mostra-se desconfiada da criatura, mas Mena adora-a. Pouco tempo depois, Aaden também começa a gostar de Elya. Mena volta a encontrar-se com o seu amor, Melio. Os dois conversam sobre a possibilidade de terem filhos, algo que ambos há muito tempo vinham a adiar. É uma ideia agradável, mas não chega a durar muito tempo.

Sire Dagon tem conhecimento do que aconteceu a *Sire Neen* em

Ushen Brae. Fica a par da traição dos numrek e da invasão iminente. Corre a contar à rainha uma versão adulterada dos acontecimentos — uma versão que não atribui quaisquer culpas à Liga. No palácio, os numrek apercebem-se do pouco à-vontade de Dagon e sabem que aconteceu algo com os homens da sua tribo. Então, resolvem dar início a uma sublevação. Quando a chacina começa, a rainha é fechada à chave em segurança, juntamente com Dagon e Rhrenna, mas Mena e Aaden encontram-se no estádio de Carmelia, com guardas numrek a vigiá-los.

Os numrek atacam o jovem príncipe. Apunhalam-no a ele e ao seu amigo, antes que Mena tenha tempo de os impedir. Mena mata os atacantes numrek, agarra em Aaden, e atira-o para Elya, que voa com o rapaz ferido para longe. Melio e outros guardas Marah juntam-se imediatamente a Mena. Lutam contra os numrek, matando-os, assim como todos os outros numrek existentes na ilha.

Corinn serve-se da Canção para curar os ferimentos de Aaden, mas o rapaz continua inconsciente. Ela viaja a sonhar até Ushen Brae. Não é capaz de encontrar o irmão, mas consegue entrar em contacto com Rialus. Através deste, arranja provas de que os auldek se preparam para entrar em guerra. Eles conseguiram reunir um exército enorme: formado por auldek; dezenas de milhares de escravos; e toda a espécie de animais, incluindo antoks, kweider semelhantes a morcegos e fréketes — animais grandes e inteligentes, com asas maciças.

Pretendendo que a nação fique completamente do lado dela ao enfrentarem a invasão, Corinn autoriza a distribuição do *vintage*, tornando desse modo, e uma vez mais, o povo viciado num estado de espírito artificial. Ela dá a Confiança do Rei, a antiga espada de Edifus, a Mena, e envia-a para ser a primeira linha de defesa contra os auldek, para os derrotar ou os atrasar enquanto ainda se encontram no Norte Distante. Também envia Melio com um exército para perpetrar um ataque contra os numrek, em Teh. O plano do casal para ter filhos vai ter de esperar.

Por outro lado, a filha de Aliver volta a aparecer. Kelis, Benabe e Naamen tinham ficado afligidos com o seu desaparecimento. Procuraram-na pelo deserto durante semanas, mas, por fim, Shen, Leeka e os Santoth aparecem sem qualquer explicação. A rapariga diz a Kelis que os Santoth estão agora prontos para regressar ao mundo. Sendo descendente de Aliver, ela libertou-os, e agora quer partir com eles para Acácia. Segundo Shen, os Santoth julgam que Corinn está a cometer erros muito graves com a utilização que dá à *Canção de Elenet*. Eles afirmam pretender ajudá-la. Relutantemente,

Kelis acaba por concordar. Então, o grupo inicia a longa viagem de regresso a Acácia.

Depois do papel tumultuoso por si desempenhado ao desencadear a revolta dos numrek, *Sire Dagon* encontra consolo ao conversar com o Conselho da Liga. Os membros desta concluem que, embora o conflito continue a desenrolar-se, serão capazes de encontrar uma forma de beneficiar com o problema. Um deles, *Sire El*, aproveita a oportunidade para receber a aprovação para um projeto em que andava a trabalhar há já algum tempo — criar um exército com os escravos que foram criados nas plantações da Liga. *Sire Faleen* e *Sire Lethel* põem-se a caminho para tomarem de assalto Ushen Brae.

No último capítulo do livro, Corinn leva a cabo várias ações de magia. Vai ao encontro de Barad e dá vida aos olhos de pedra que este tinha. Lança-lhe então um feitiço de forma a ele parecer estar livre, mas ele apenas dirá aquilo que ela quiser que diga. Ao descobrir que Elya tinha posto ovos — uma informação que ela recebera do seu inteligente espião, *Delivegu* —, Corinn sibila uma feitiçaria às criaturas que ainda não tinham nascido, encarregando-as de se transformarem em monstros implacáveis ao serviço dela. E, a seguir, evoca um espírito do mundo dos mortos: o seu irmão mais velho.

Aliver Akaran está assim de regresso à história.



∞ LIVRO UM ∞

A CANTORA E A CANÇÃO

CAPÍTULO

UM



Corinn Akaran saiu para a luz brilhante da manhã. Caminhou pelo convés do seu navio de transporte de tropas, desceu a prancha até às docas de Teh, e caminhou a passos largos por entre os oficiais militares que aguardavam por ela, como se tudo aquilo fosse uma manobra contínua. Os homens — entre os quais se encontravam Melio Sharrat, o General Andeson, oficiais da guarda Marah e da Elite — separaram-se e dispuseram-se em redor dela, desorientados, embora tivessem estado a fazer preparativos para a cumprimentarem desde madrugada. Durante alguns instantes, o grupo de homens limitou-se a olhar fixamente.

A rainha usava uma armadura que combinava influências das várias províncias do império. Tinha os braços cobertos por uma cota de malha; era fina e leve mas feita com excelentes elos de aço, e estava presa aos pulsos com um toque do estilo senivaliano. Uma thalba do Mein envolvia-lhe o tronco, delineando-lhe os contornos das ancas e dos seios. A saia, também ela feita em cota de malha, era tão curta quanto a de um corredor talayano. Os membros inferiores encontravam-se envoltos por tiras de cabedal, cobrindo-os completamente com uma segunda pele, as quais estavam bem apertadas à volta da barriga das pernas, folgadas à volta do joelho e novamente apertadas na parte superior das coxas. Em cima de tudo isto, ela vestia uma leve capa acaciana, que esvoaçava em seu redor à medida que se ia movimentando.

Baddel, o talayano que havia corrido para ser o primeiro a dirigir-lhe a palavra na sua terra natal, deu-lhe as boas-vindas com uma torrente de louvores entusiastas. Manifestou a sua mágoa pelos ferimentos de que o príncipe Aaden fora vítima: — A traição dos numrek não conhece limites! Ainda não consigo... — Naquele instante não

pôde continuar. Os guardas da Elite da rainha seguiram atrás dela, pondo os conselheiros em movimento. Estes corriam com passos miúdos, tentando manter-se a par dela, todos à exceção de Melio, que parecia estar à vontade, e à passagem dela disse:

— Vossa Majestade, nunca antes a vi... envergando uma armadura.

— Estamos em guerra — respondeu Corinn. — Quanto a isso, sou igual a qualquer um no Mundo Conhecido. General Andeson, fale!

Deste modo, a rainha pretendia que este a atualizasse com as mais recentes informações. E foi o que o general fez. A primeira onda de guardas Marah tinha penetrado nas casas de praia dos numrek, apanhando-os um tanto ou quanto desprevenidos. Tinham lutado por entre as propriedades cheias de corredores e recantos, através das praias, dos embarcadouros e dos jardins em que os numrek haviam vivido num esplendor inundado de sol. Pouco tempo depois, tinham a linha do litoral bloqueada. Grupos de guardas da Elite avançavam para o interior à medida que os numrek iam batendo em retirada.

— Acantonámo-los numa fortaleza da colina, a que os locais dão o nome de Polegar — disse o general. — Trata-se de uma construção antiga. Não tínhamos o lugar em grande consideração, mas os numrek devem ter reforçado as muralhas e abastecido o forte com mantimentos. Tiveram tempo suficiente para planear a traição. Provocámos a batalha diariamente, mas eles já não ripostam.

— Tornaram-se subitamente cobardes — acrescentou um jovem oficial.

— Não, eles estão mas é a brincar connosco — disse Melio. — Enviam as crianças para as seteiras para que elas brinquem a fazer esvoaçar papagaios de papel no ar. Eles são inteligentes a esse ponto.

O olhar de soslaio que Andeson lhe lançou foi de desaprovação. Melio encolheu os ombros e respondeu com um trejeito: *O que foi?! É verdade.*

— Tornou-se numa espécie de jogo da paciência — continuou Andeson. — A fortaleza está construída no alto de um monte isolado. Existe um único caminho que serpenteia pela encosta acima e que dá acesso ao local, mas é demasiado estreito e desprotegido para se poder subir com um exército. Já lhes atirámos com pedras e explosivos, mas eles estão bem entrincheirados. Existem túneis profundos no interior do monte, aos quais apenas se pode ter acesso a partir do interior. Também existe, algures, uma nascente de água. Pode ser que tenhamos que optar por deixá-los morrer à fome.

— O que é uma estratégia pouco heroica — interveio Corinn.

— Eu escolho sempre uma batalha honrosa, Vossa Majestade, mas, por vezes, os nossos inimigos fazem com que isso seja impossível. Aqueles numrek são desumanos. Massacraram os seus próprios servos, sabíeis? E com os corpos deles construíram uma muralha na base da Polegar. Se tivésseis visto...

— Tenho a certeza de que os nossos soldados se portaram com profissionalismo, — interrompeu Corinn — e deposito toda a confiança no vosso comando. Mas agora cheguei. Vou arrumar de vez com este assunto.

Progrediram para o exterior das docas, através de uma área de armazenamento temporário para o espaço aberto cheio de poeira que ficava do outro lado. A costa de Teh era, de certa forma, mais húmida do que a maior parte do território de Talay, mas nesta época tardia do ano os campos de erva que cobriam as colinas a norte ganhavam um tom dourado-pálido que lhes era dado pelo sol. Corinn estava satisfeita por ter conseguido arranjar cavalos a tempo e horas. As montadas encontravam-se à espera deles, seguras por jovens talayanos que pareciam nervosos com aquele trabalho, ao qual não estavam habituados.

— Rainha Corinn — chamou Melio. — Tendes alguma novidade de Mena?

— Não desde que ela enviou uma ave com uma mensagem de Luana. Espero voltar a ter notícias dela em breve. Cavalgue a meu lado, Melio. Quando tivermos tratado dos numrek tenho uma missão para lhe atribuir. Discuti-la-emos enquanto cavalgamos.

Melio fez uma vénia com a cabeça e esperaram de pé, enquanto o escudeiro responsável pelo cavalo de Corinn tentava volteá-lo para o colocar em posição para ela montar.

— Corre um rumor no seio dos soldados — disse Melio. — Tive conhecimento do mesmo com a chegada dos últimos transportes. É acerca de... Aliver.

— Um rumor? Andeson e os outros generais já tiveram conhecimento do mesmo?

— Eu estou mais próximo das tropas do que eles. Foi aí que o ouvi, mas o rumor está a aumentar, pouco a pouco. Mas, apesar de tudo, não é possível que seja verdade, certo?

— Só entre nós os dois, sim, é verdade.

O rosto de Melio incendiou-se. Todas as suas feições díspares ficaram ordenadas de um modo que era surpreendentemente gracioso. — A sério?! Onde está ele?

Corinn subiu para o banco que havia sido colocado para ela. Enquanto se preparava para ganhar balanço e subir para o cavalo disse:

— Está em segurança no palácio. De momento, precisa de algum retiro. Ainda continua debilitado. Por enquanto, é melhor não dar asas aos rumores.

Dez dias antes, a noite em que ela tinha lançado o encantamento fora uma noite longa e extremamente cansativa. Estava já exausta, em parte devido ao feitiço que tinha lançado sobre Barad e à Canção que tinha cantado para os filhotes de Elya. Poderia muito bem ter adormecido mesmo antes de ter iniciado o terceiro feitiço, mas precisava de alguém que a ajudasse a transportar o fardo da governação. Precisava do seu irmão.

Logo que o corpo dele se tornou completamente corpóreo, Aliver caiu bruscamente para diante. Teria caído, não fora Corinn levantar-se de repente e conduzi-lo até à cama dela. Durante alguns instantes, ficou a olhar fixamente para o prodígio que ele era. Estava mesmo ali! Compacto, quente ao toque dela. A respirar. Estava despido, mas ela não pensou nisso. Os olhos de Aliver movimentavam-se por baixo das pálpebras, sonhadores. Em que pensa um homem quando regressa do mundo dos mortos? O que era, afinal de contas, a morte? Não seria o conquistador supremo de todos? Não, não era... pois ela tinha acabado de lhe negar, pelo menos, uma vítima. E Corinn tinha tantas perguntas, mas, à medida que se iam materializando, a sua mente começou a ficar preguiçosa. Sabia que ele iria adormecer durante bastante tempo e, por isso, deixou Aliver e afundou-se num sofá que se encontrava no quarto adjacente.

Rhenna, acompanhada por duas criadas, acordou-a dois dias depois. Rhenna não a teria incomodado, mesmo nessa altura, explicou, a não ser que:

— Ele acordou e pergunta por si, senhora.

Ao ouvir aquelas palavras, Corinn deu um salto e apressou-se a ir até ao outro quarto. Aliver Akaran estava de pé na varanda, com os nós dos dedos brancos, agarrado à balaustrada de pedra, com a boca escancarada de espanto. Tinha um roupão vestido, atado à volta da cintura. Rhenna deve ter mandado trazer o roupão para ele.

Corinn voltou-se, para tentar perceber o que estava a fascinar tanto o seu irmão. O céu, por cima deles, tinha a cor e a textura de uma casca de ovo azul. O sol da manhã, que acabara de se libertar do horizonte, estava cortado ao meio por uma comprida farpa de uma nuvem cor-de-rosa. Via-se um bando de mergulhões de pescoço preto

que batiam as asas e, um após o outro, mergulhavam como dardos, explodindo na água do porto, num frenesim para se alimentarem. Ténues espirais de fumo erguiam-se da parte baixa da cidade como se fossem caules de flores. Poderia ser qualquer uma daquelas coisas o motivo do espanto do seu irmão.

Aliver pousou o olhar na irmã. Os olhos dele eram de um castanho bem mais escuro do que ela se recordava. A pele dele já não estava tão pálida como aquando da primeira noite do seu regresso. Possuía um tom muito mais deslumbrante, com um bronzeado castanho claro. Agora que ela o conseguia ver mais nitidamente, apercebeu-se de que tinha combinado as feições dele com as de Hanish, no momento em que o havia concebido. Estava mais velho do que da última vez que o tinha visto. Incomensuravelmente mais velho, embora transmitisse essa impressão não tanto através dos detalhes das suas feições, mas pela distância da consciência que se escondia por detrás das mesmas.

— Esqueci-me de tantas coisas — disse ele.

— Eu também — respondeu-lhe Corinn.

— Tu ainda eras uma rapariguinha — continuou Aliver.

Corinn abanou a cabeça.

— Nunca o fui.

Aliver tentou esboçar uma expressão com o rosto. De desapontamento. Ou de confusão. De discordância. Uma combinação destas três que as suas feições ainda não conseguiam exprimir.

— Tenho a certeza de que o eras.

Corinn passou a mão ao longo dos caracóis junto da têmpora de Aliver, e depois envolveu-lhe a nuca com a palma da mão. Puxou-o para junto de si e encostou a sua testa à dele, algo que o pai costumava fazer com ela.

— Recordo-me de uma versão mais pequena de mim mesma, mas não era a de uma rapariguinha. Nenhuma rapariga teria tido tanto medo como eu tive.

— E ainda tens.

Afastando-se, ela abanou novamente a cabeça.

— Não. Vou ter que te explicar muitas coisas.

Ao longo dos poucos dias que antecederam a sua partida para a costa de Teh, Corinn tentou contar-lhe o máximo de coisas que pôde. No exterior do palácio, o mundo não tinha feito qualquer pausa para lhe proporcionar um minuto de descanso. Era absolutamente necessário que ela o tivesse para ela, que ela o confrontasse com a verdade tal e qual a conhecia.

Ordenou a Rhrenna e às duas criadas que mantivessem absoluto silêncio relativamente ao regresso de Aliver. Mandou libertar os seus

aposentos de quaisquer outros empregados e pessoal doméstico, e colocou guardas unicamente no exterior do seu quarto. Queria ficar sozinha com o irmão. Nem sequer tentou encontrar uma abordagem argumentada para o que lhe contou. Limitou-se a falar. Transmitiu-lhe todo o tipo de informações que lhe ocorriam à mente, voltando atrás para contextualizar uma qualquer narrativa, dando de seguida um salto até ao presente, para se aperceber, pelo olhar distante e inexpressivo do rosto dele, de que o tinha deixado perdido. Por vezes, os olhos dele ficavam tão petrificados como os de Barad, vazios, cegos, mas, não obstante, fixos de pasmo. Cada vez que isso acontecia ela parava, respirava e começava de novo. Ela recordou-o de quem ele era. Garantiu-lhe que era urgente que ele regressasse à vida e completasse o trabalho que deixara por acabar. E não se tratava apenas disso: havia novas complicações e ameaças, e ela precisava de alguém do seu lado em quem pudesse confiar plenamente.

Aliver começou a andar de um lado para o outro dos aposentos, agitado, examinando várias coisas, levantando objetos e rodando-os nas mãos. Ela começou a caminhar, seguindo atrás dele à medida que ele explorava os jardins, tocando nas plantas e observando as aves, parando para ficar maravilhado com as coisas — a pressão provocada pelo vento quando soprava, o calor do sol sobre a sua pele, as cores dos azulejos existentes no terraço. Por vezes, Corinn chegava a pensar que ele se tinha esquecido dela, mas se parasse de falar ele voltava a sua atenção para ela.

Comiam juntos sempre que Corinn conseguia arranjar tempo. De início, tratava-se de refeições simples, sem os condimentos agri-doces típicos da cozinha acaciana. Ao vê-lo a molhar uma fatia de pão em azeite, Corinn quase se reviu de novo como uma mãe. Ele enfiava o pão na boca e começava a mastigá-lo, tão concentrado no que estava a fazer que ignorava por completo o azeite que lhe escorria pelo queixo. Comia tal e qual uma criança: a comida recebia toda a sua atenção.

Mas ela não podia ficar escondida no interior dos aposentos o dia todo. O trabalho do império nunca chegava ao fim. Tinha que se reunir com conselheiros e senadores. Havia emissários que continuavam a chegar em navios, vindos um pouco de toda a parte do Mundo Conhecido, tanto para demonstrarem a sua tristeza pela traição dos numrek como para lhe perguntarem se as notícias de uma invasão iminente tinham qualquer fundamento. Ela respondeu-lhes afirmativamente. Era algo real. Não deixou quaisquer dúvidas pairarem no ar relativamente a esse assunto, embora, por ocasião de outras reuniões,

tivesse sondado *Sire Dagon* como se não acreditasse, tentando obter dele o máximo de informação possível.

O mundo encontrava-se num turbilhão, e ela era a única pessoa que tinha a responsabilidade de o acalmar. E era bom que ela não se sentisse tão oprimida com esse facto, como sentia antes de trazer Aliver de regresso à vida. De uma certa forma, as coisas tinham-se acalmado. Ele ainda tinha um longo caminho a percorrer, antes de poder emergir como o símbolo do poder dela, algo que Corinn esperava que ele viesse a ser, mas, de momento, já era bom partilhar a companhia do irmão. Ele fazia-a pensar no pai. Até chegou a fazê-la sentir-se mais próxima de Mena e de Dariel. Desejava que eles pudessem ali estar, para poderem ver o que ela tinha conseguido fazer. Quão feliz Dariel iria ficar! E Mena, também. O regresso de Aliver iria resolver todas as contendas que haviam manchado as suas relações. Iriam começar do zero.

Durante dois dias, os numrek que se encontravam na fortaleza Polegar não responderam às mensagens que Corinn lhes enviara. Foi só depois de ela ter aparecido à vista de todos no alto da fortaleza do monte, e de se lhes ter dirigido em voz alta pessoalmente, que os numrek acreditaram que ela tinha vindo para conversar com eles. Com o líder dos numrek, Calrach, ausente nas Outras Terras, e como Greduc e Codeth tinham sido chacinados naquele dia sangrento em Carmelia, Corinn não tinha certeza da pessoa com quem haveria de negociar. Reunida no interior da sombra de uma tenda de linho que flutuava ligeiramente, ficou a saber que Crannag, um parente de Calrach, era quem agora detinha o poder. Era mais velho do que o líder, e mais guerreiro do que estadista. Ótimo. Isso servia na perfeição os intentos de Corinn.

Crannag estava sentado sozinho. Colocou as mãos em cima dos joelhos, sacudiu o cabelo negro e esboçou um sorriso que lhe deixou os dentes a descoberto. Outrora, aquele homem tinha estado de serviço à porta dos seus aposentos e dos de Aaden. Agora, ela mal conseguia reconhecer o guarda que ele fora, por entre os traços presunçosos do seu rosto.

— Muito bem, rainha. Aqui estou eu. — Levantou os braços fortes e fez o gesto de estar a revistar o tronco à procura de armas. Não tinha camisa, os músculos do peito eram proporcionados e bem definidos. Encontrava-se a cerca de trinta passos dela, por isso teve que levantar a voz. — O que pretendeis de mim?

— Quero que morras — respondeu Corinn.

Crannag soltou uma gargalhada grosseira. — Poderíeis conseguir-lo. Com a guarda Marah que ali está... ah... reunida... e eu sem quaisquer armas, estando eles armados até aos dentes... Acho que eles me poderiam apanhar, se quisessem. Mas, é claro que eu poderia muito bem colocar uma mão à volta do seu pescoço antes disso. — Crannag esticou-se, fingindo que estava a levar socos no corpo, ao mesmo tempo que a tentava agarrar. Mas aquela pantomina foi demasiado para ele... Dobrou-se para a frente e desatou às gargalhadas.

— Não é apenas a ti que quero ver morto — disse Corinn. — Quero que todos os numrek paguem pela vossa traição.

O rosto de cor acastanhada de Crannag adquiriu um ar sério.

— Quereis que eu entre ali dentro e traga o meu povo cá para fora para ser chacinado. Presentemente, temos outros assuntos planeados. Trata-se de um plano a longo prazo. Não sabia que os numrek têm muita paciência, pois não? Sempre haveis pensado que éramos mal-humorados, numrek mal-humorados. Ah!... — Ele fez estalar os dedos e revirou os olhos para cima, como se estivesse a tentar encontrar a palavra certa, e logo a seguir encontrou-a. — Taciturnos! Gostais do termo? Pensáveis que nós éramos ta... ci... tur... nos. Pensáveis que nada tínhamos de melhor para fazer do que ficar de pé à vossa porta, enquanto dormíeis, comíeis e vos julgáveis a rainha do mundo. É uma ilha minúscula de excrementos, mas é o centro do mundo!

Crannag encostou-se no assento onde se encontrava. Não passava de um banco de campanha, com um pequeno apoio para as costas, mas ele conseguiu encontrar uma forma de se recostar nele.

— Estávamos a representar, rainha. Estávamos apenas a representar. À espera. Haveis prometido ajudar-nos a regressar a Ushen Brae. Mas nunca haveis tencionado cumprir essa promessa. Mentistes-nos. Agora, ides pagar por isso. — Puxou catarro da garganta e cuspiu-o na direção de Corinn. Tendo em conta a distância que os separava, o cuspo aterrou surpreendentemente perto dos pés dela. Corinn sentiu os guardas Marah tensos. Um deles retirou ligeiramente a espada da bainha. — Haveis vindo até aqui em vão. Nós não lutaremos. Podemos esperar ali — apontou para cima, em direção ao monte de rochas que sobressaía da paisagem ondulada que se encontrava por detrás dele —, durante tanto tempo quanto for necessário. Quando os auldek chegarem, iremos saudá-los como se fossem nossos primos e irmãos, e iremos mostrar-lhes o prémio que encontrámos para eles.

— Não sabes se os auldek vão vir. Pois a única coisa de que tens a certeza é que eles ainda continuam a desprezar-vos.

— Nada sabeis! — Crannag levantou-se e o ombro dele varreu o ar à medida que se voltava, quase como se de um golpe se tratasse.

— Mas uma coisa eu sei! — respondeu Corinn. — Que tu és um covarde!

Crannag começou a afastar-se, caminhando penosamente. Agitou um dos braços, pondo de parte a acusação de Corinn como se de um inseto se tratasse.

— Os numrek que se encontram escondidos no interior daquela fortaleza estão a tremer de medo — continuou Corinn. Depois, levantou-se e começou a segui-lo. Os guardas da rainha deram um salto e tentaram manter-se a par dela. — Os vossos homens não passam de cães, e não são mais corajosos do que as vossas crianças. As vossas mulheres não passam de cadelas maltratadas. Vou contar ao mundo todo que esta é a realidade do vosso povo. As notícias vão espalhar-se a todas as províncias, transportadas nas anilhas de todas as aves. O Mundo Conhecido vai desprezar-vos e, se alguma vez os auldek chegarem a vir, hão de ficar a saber da vossa covardia. Não gostaria de estar na tua pele. — Corinn cuspiu na direção dele. — Não depois de eu ter contado ao mundo inteiro que vim até aqui e lhe propus uma batalha nos seguintes termos: um número igual de homens das minhas tropas contra os vossos. Números iguais, Crannag! Um acaciano para cada numrek. Nada mais.

O guerreiro fez uma pausa, mas não se voltou para trás a fim de a encarar.

— Como vai explicar isso? — Ela estava agora debaixo do sol forte. O pano da tenda que lhes fazia sombra começou a esvoaçar por detrás dela com uma rabanada de vento repentina. Ela esperou um instante e depois acrescentou, num tom de voz mais brando, sabendo que Crannag se voltaria para trás a fim de confirmar se tinha ouvido bem o que ela dissera. — Eu serei um deles. Eu própria estarei presente no campo de batalha.

Alguns dias antes, na noite anterior ao dia da partida dela para Teh, Corinn tinha estado o dia todo ocupada com assuntos de Estado. Só foi ter com Aliver depois de terminadas as suas reuniões tardias. Foi encontrá-lo, para grande surpresa sua, do lado de dentro da porta que comunicava com o pátio superior, que ficava à vista dos guardas e da generalidade do pessoal que prestava serviço no palácio.

— O que estás a fazer?

Por um instante, os olhos de Aliver pestanejaram rapidamente.

— Quero ver os meus alojamentos. Os meus próprios aposentos, as minhas coisas... Deveria ir vê-los. Deveria instalar-me lá.

— E vais. — Corinn fê-lo dar meia volta com gentileza e afastou-o para longe da porta, levando-o para os aposentos dela. — No entanto, não tenhas pressa. Aqui dentro tens tudo aquilo de que precisas. Podes ficar aqui até eu regressar da minha viagem.

— A tua viagem... Porque tens de partir? De que viagem se trata?

Depois de ter feito Aliver sentar-se numa pequena saleta adjacente, Corinn deixou-se cair no cadeirão forrado a veludo que se encontrava do outro lado. Descontraiu-se, sentindo-se verdadeiramente fatigada, consciente de que deveria descansar para o dia seguinte. Uma fogueira pequena ardia na lareira, e ela fez um comentário relativamente ao calor da divisão onde se encontravam e ao ar fresco que se fazia sentir no ar daquela noite. Aliver observava a lareira, mas já sem a mesma curiosidade que havia mostrado aquando dos primeiros dias. Ele já estava a começar a mudar. O mundo não o espantava da mesma forma que anteriormente. Sentia-se mais à vontade com o seu corpo e pronunciava as palavras mais rapidamente. Com as roupas novas que Rhrenna lhe havia trazido ficava muito parecido com um príncipe. Por vezes, os seus olhos ainda pareciam ficar vidrados, mas saía desse estado com uma sacudidela da cabeça.

— Há certas coisas que eu não compreendo — disse Aliver.

Corinn inclinou a cabeça para a frente, à medida que retirava o lenço de renda que trazia à volta do pescoço. — Tens de voltar a conhecer o mundo. E isso não acontece de um dia para o outro.

— Já estou a começar a esquecer a morte.

— Isso é ótimo, Aliver, ótimo! A vida é tudo o que importa. Mesmo durante a morte, os espíritos falaram-te sobre os vivos. Foi o que me disseste na primeira noite em que conversámos.

— Eu pensava dessa forma, mas as coisas já não parecem as mesmas. Quando estava morto, eu não era um ser. Não era uma mente sozinha. Eu estava ligeiramente espalhado pelo mundo fora. Fazia parte de tudo. Como se fosse um pó muito fino, que se infiltra em todo o lado. — Aliver já não sentia dificuldades em controlar as suas expressões faciais. Franziu a testa, e Corinn não se perguntou se ele tinha tido intenção de o fazer ou não. — Quando eu estava nesse estado, as vidas dos humanos não tinham grande importância para mim. Pensava na árvore genealógica dos Akaran tanto como o faz uma pedra no meio de um dos caminhos dos jardins.

— Mas disseste que tinhas conhecimento de coisas que só aconteceram depois da tua morte.

— Fiquei a saber dessas coisas quando tu me estavas a fazer renascer. Eu tinha conhecimento de certas coisas. E ainda tenho, mas não tinham qualquer significado até me tornar novamente em Aliver.

Nessa altura, um tocador de flauta anunciou a meia-noite. Os dois irmãos inclinaram a cabeça para ouvir, enquanto a melodia deslizava pelo palácio, em direção à parte baixa da cidade, numa delicada cascata de som.

Isso fez com que Corinn se recordasse da sua fadiga.

— Quem me dera podermos ficar fechados à chave durante dias a fio. Iria poder contar-te tudo. Absolutamente tudo. Iria fazer com que me compreendesses completamente, de forma a poderes ver o mundo através dos meus olhos.

A rapidez com que o olhar dele se voltou e se fixou nela fez com que ela se calasse.

— Prefiro vê-lo com os meus próprios olhos — disse Aliver.

— Apenas queria dizer que te vou ajudar até seres capaz de ver as coisas por ti próprio. O mundo está diferente, Aliver, tal como te tenho estado a explicar.

Ele abanou a cabeça.

— Não, não me explicaste o que quer que fosse.

— O que queres dizer com isso?

— Disseste-me que precisavas de mim. Que estou aqui para te ajudar.

— E estás — respondeu Corinn.

— Mas não me estás a contar aquilo que realmente tem importância! Amanhã, vais-te embora, mas não me disseste porquê.

Durante um momento, Corinn ficou sem palavras. Levantou-se e colocou-se atrás do cadeirão, passando as mãos pelo encosto antes de o agarrar com força. — Claro que disse!

A boca de Aliver contraiu-se, com uma expressão que Corinn se recordava ter visto alguns anos antes. Ele disse:

— Não, não disseste. Trouxeste-me de volta do mundo dos mortos, mas nem sequer me explicaste como o fizeste. Não me falaste da Mena nem do Dariel. Dos teus lábios... Não ouvi uma única palavra acerca deles.

— Isso não é verdade. — Alguma coisa ela lhe devia ter contado. Tinham falado durante horas. Que outra coisa poderia ser mais importante?

— Tu falas, falas, mas não me contas o que quer que seja. Ainda nem sequer me contaste que tens um filho.

Perante aquelas palavras ela não teve qualquer resposta. Tratava-se

de uma afirmação inverosímil. Ela estava sempre a pensar em Aaden; visitava-o várias vezes ao dia; sussurrava-lhe ao ouvido tudo sobre o regresso de Aliver; regressava para junto de Aliver e...

“Não lhe contei acerca do meu filho”, pensou ela. “Porquê?” Precisou de toda a concentração para anuir e dizer: — Aliver, eu tenho um filho. Tem o nome de Aaden. É teu sobrinho. Está destinado a ser o herdeiro do trono. Será o maior monarca Akaran de sempre. — “Pronto! Era isso que eu lhe queria dizer.”

— Gostaria de o conhecer.

— E hás de conhecer. Todavia, de momento, ele não se sente lá muito bem. Conhecê-lo-ás quando eu regressar de Teh. Até lá, fica aqui a descansar. Quando regressar, vais conhecer Aaden e ver o resto do palácio. Vais conhecer mais pessoas e falar com elas. Vamos enviar uma ave a Mena, com uma mensagem, e também falaremos sobre Dariel.

Aliver ficou a observá-la fixamente.

— Vais confrontar os numrek em Teh?

— Sim, vou.

— O que vais fazer?

— Aquilo que tenho de fazer — respondeu Corinn. — Aquilo que fizeram cair sobre eles mesmos.

— Mas não os podes matar a todos.

— E que sabes tu sobre esse assunto? — retorquiu Corinn. — Sabes tão pouco sobre o que se passou. Deixa-me explicar-te tudo, mas dá-me tempo para isso.

— Como se tivesses aproveitado bem todo o tempo de que dispusemos até hoje?

Corinn friccionou os braços aveludados do cadeirão. Observou o modo como a passagem da sua mão alterava o aspeto do veludo, fazendo com que passasse de mais claro para mais escuro; de mais escuro para mais claro.

— Não gosto desse teu lado.

— E que lado é esse? O que pensa?

— Aquele que se passeia cegamente pelo mundo, com ideais nobres baseados em coisa nenhuma. Repara no facto de teres morrido e eu não. De tu teres falhado e eu não.

— Se é nisso que tu acreditas, deverias ter-me deixado enterrado no meio do pó. Cometeste um erro.

“Seria aquela asserção uma ameaça?”, perguntou-se Corinn. E era, não era? Está de regresso ao mundo dos vivos há tão pouco tempo e já estamos a desentender-nos. Se discutissem ali, nas circunstâncias atuais, que outras batalhas teriam pela frente? Ele seria uma preocu-

pação ao lado dela, em vez de ser um aliado. Nessa altura, soube que tinha cometido um erro. Um pequeno engano. Mas que poderia ser corrigido.

As notas do feitiço desenrolavam-se na sua mente ainda antes de as ter invocado. Tê-lo-ia como aliado, como símbolo e milagre diante de um mundo que precisava de símbolos e milagres. Também teria a sua obediência. A canção assim o faria. Falou enquanto o feitiço entoava na sua cabeça:

— Quando eu regressar, Aliver, começaremos a fazer planos para a tua coroação. Irmão e irmã, rei e rainha. Não haverá casamento, mas será uma união diferente de tudo aquilo que o mundo até então conheceu. Porque não? Não somos diferentes de todos os outros que vieram antes de nós? As leis antigas não se nos aplicam. Juntos, seremos mais fortes, e mais sábios. As nossas forças irão aproximar e reunir o império como nunca antes aconteceu. Consegues visualizar isso?

Aliver desviou o olhar da irmã, não mostrando vontade de lhe responder. Com a Canção sussurrada pelos lábios de Corinn a prendê-lo suavemente. A prendê-lo, e de tal forma que, quando respondeu, Aliver deu à irmã exatamente a resposta que ela desejava.

Corinn caminhava à frente de um contingente de mil trezentos e dezassete soldados. Contando com ela, o número das suas tropas correspondia ao dos numrek adultos que restavam, contabilizando tanto os homens como as mulheres, todos aqueles que tivessem idade para combater e alguns que já a tinham ultrapassado mas que ainda mantinham o seu orgulho. As crianças numrek encontravam-se alinhadas ao longo das muralhas da Polegar, observando o que se passava lá do alto.

As duas forças encontraram-se no campo que ficava a ocidente da fortaleza. O terreno era seco e plano, perfeito para uma batalha. O céu estava azul claro e não tinha nuvens. Por baixo dele, os numrek reuniram-se. Eram altos, com uma média de dois metros e treze centímetros entre os homens, e as mulheres mais pequenas, talvez, mas com uma constituição física tão robusta quanto a deles. O cabelo deles estava como sempre fora, espesso, preto e oleoso. A maioria usava armaduras ligeiras, mas muitos foram para a batalha desprotegidos; e alguns deles encontravam-se com o peito exposto. Eram guerreiros. As suas espadas curvas, os machados de combate e os punhais com serrilha que traziam colocados nos cintos atestavam-no.

Corinn ouviu os seus oficiais a conferenciar. Voltou-se e captou a atenção do olhar do General Andeson.

— Continua tudo tal como lhe disse ontem à noite — afirmou ela. — Não devem desembainhar quaisquer armas. Compreendido? Eu própria me encarregarei de o fazer.

A seguir, deu meia volta e encarou o inimigo. Ouviu-se um sussurrar repentino de conversas por detrás dela. Ela sabia o que estavam a dizer. Julgavam que ela era uma espécie de versão louca de Aliver, tentando repetir o erro cometido por ele ao lutar contra Maeander Mein num campo de batalha muito parecido com aquele onde agora se encontravam. Se os numrek conseguissem avançar, ela seria levada para a retaguarda do exército e rodeada por uma parede de guardas Marah, formada por soldados de pernas compridas, que se apressariam a pegar nela e a correr ao menor sinal de perigo. Pelo menos, fora isso que haviam discutido na noite anterior — que a segurança dela era uma prioridade.

Na verdade, eles recebiam lutar contra os numrek sem se encontrarem em superioridade numérica. Qual teria sido a razão para Corinn propor tais termos? Argumentaram contra, dizendo que se tratava de uma loucura. Poderiam muito bem ter contrariado a ordem por ela dada, mas recebiam ainda mais a vergonha — tal como os numrek. Temiam a rainha, embora, muito provavelmente, quase desejassem que ela percesse. Que morresse e, não obstante, de certa forma, que no final os deixasse vivos para poderem lutar entre eles pelo poder. Tudo isto era verdade. Mas não tinha importância. Eles que vissem e aprendessem ainda mais sobre quem ela realmente era. O que dissera ela a Aliver que iria fazer? Dissera que...

Por um instante, não foi capaz de se recordar. E, depois, lembrou-se. Ela dissera: *Destruí-los. Vou destruí-los.*

Com esse pensamento presente, abriu a mente à Canção. De início, manteve-a junto da curvatura do crânio, deixando-a formar-se, tentando encontrar os ritmos contidos no interior da dissonância. E era de uma tremenda cacofonia que se tratava! Se ela não soubesse, teria pensado que os barulhos na sua mente se tratavam de frenesins tumultuosos de um mundo a explodir. A emoção, a fúria, a beleza, o desejo e a fome primitivas gritavam de mil maneiras diferentes em simultâneo, com o timbre de uma miríade de vozes e notas, tocadas por toda a espécie de instrumentos em guerra uns com os outros.

Ela também conseguia ouvir uma certa ordem por entre a confusão. Conseguia apertar, com os dedos da própria mente, os fragmentos da Canção que quisesse, sendo cada um deles uma linha viva e em

movimento de códigos, runas e palavras, todos mantidos num movimento fluido ao longo de fitas que resvalavam por entre o tumulto. Agora, já era capaz de aguentar muito mais tempo do que inicialmente, quando havia começado o seu estudo. Compreendia o significado mais facilmente do que há algumas semanas, antes de Aaden ter estado às portas da morte, e antes de ter lançado o feitiço aos olhos de Barad e aos filhotes de Elya, bem como antes de ter voltado a reunir o espírito que outrora havia sido Aliver. Sim, agora ela tinha um conhecimento muito mais profundo.

Começou a avançar. Entreabriu os lábios e deixou as primeiras notas da Canção escaparem-lhe pela boca, num tom pouco mais alto do que murmúrios expirados. Os numrek, tendo aceitado o início da batalha por ela lançado, caminharam a passos largos ao encontro dela. À medida que a distância entre eles ia ficando cada vez mais curta, a Canção foi aumentando de volume e começou a alterar a essência do ar, formando correntes à volta de Corinn que se agitavam e se contorciam. Sentiu o coração do feitiço a reunir-se no seu peito, como uma pedra com uma densidade cada vez maior. A mente de Corinn fervilhava de ódio. E seria isso mesmo que ela lhes iria dar. Iria lançar sobre eles uma violenta animosidade, que não poderia assumir uma forma específica mas que, em vez disso, entrava em erupção, assumindo formas sempre em constante mudança. O que ela viu acontecer no campo de batalha que se encontrava diante de si espelhava isso mesmo. Se não dominasse tão bem os seus poderes teria ficado tão chocada pelo horror dos mesmos quanto os soldados atrás dela haviam ficado.

Subitamente, a pedra que se encontrava dentro de si subiu-lhe pelo peito, queimou-lhe a garganta e precipitou-se-lhe pela boca numa grande torrente. Os numrek ficaram parados no local onde se encontravam. Alguns deles recuaram. Muitos caíram, como se tivessem sido empurrados selvaticamente. Corinn fixou o olhar em Crannag. Ela sabia, à medida que tudo ia acontecendo, que o rosto dele iria ficar empolado com o calor que lhe saía do interior do corpo, que o cabelo lhe iria irromper em chamas e que, momentos depois, o seu crânio iria explodir.

O homem que se encontrava ao lado dele tentou fugir, mas os braços e as pernas dele moveram-se com rigidez. Os seus membros deram de si e quebraram-se. Segundos depois, ele estava estatelado no chão, contorcendo-se mas incapaz de combater, e os ossos partiam-se-lhe a cada esforço que tentava fazer. Outro numrek aproximou-se dele, avançando, e Corinn soube qual seria o momento em que a sua pele iria entrar em erupção, com larvas que lhe consumiriam a carne viva.

A armadura dele, bem como as armas, e até mesmo a peruca inesperada que era o seu cabelo, caíram por terra juntamente com a massa contorcida que outrora havia sido o seu corpo.

E o mesmo aconteceu com a totalidade das forças numrek. Não houve dois guerreiros que tivessem morrido da mesma forma, mas morreram todos. Uma mulher transformou-se num saco de carne sem nada de sólido no seu interior. Um homem enfiou a mão pelo peito dentro e arrancou o próprio coração. Alguns arquejavam e contorciam-se com torturas irreconhecíveis. Outros ficaram empolados com cicatrizes semelhantes às da varicela, ou então ficaram amarelos ou gangrenosos. Começaram a crescer coisas dentro de alguns deles, como protuberâncias e chifres que lhes perfuravam a pele enquanto iam gritando. Outros, ainda, dançavam, como se estivessem a ser cortados por armas invisíveis. Um jovem corria cheio de raiva, com a boca vermelha de sangue. Um velho soldado deixou-se cair no solo — um único ponto imóvel no meio do caos — e dobrou-se sobre si mesmo, transformando-se em cinzas.

Enquanto tudo isto ia decorrendo, Corinn permitiu que o seu corpo fosse o instrumento da Canção. Proporcionou-lhe o que ela pretendia e foi mais além, tornando tudo muito mais terrível do que ela própria poderia ter imaginado. A determinada altura, o fluxo de som abrandou, diminuindo de intensidade. E depois cessou completamente.

O silêncio era esplendoroso, mesmo não se tratando de um silêncio absoluto. Ela ouviu os seus soldados a vomitarem. Pelo menos, um dos oficiais que se encontrava atrás dela despejou o pequeno-almoço para o chão com um esguicho. Alguns deles balbuciavam orações, ou expressavam incredulidade. Mas, não obstante, a seguir à Canção, todos esses sons foram abafados pela magia que se tinha manifestado anteriormente. Tratava-se, na verdade, de uma homenagem à língua da criação. E da destruição. A reverência não foi apenas prestada pelos numrek mortos. Nem tão-pouco unicamente pelos seus soldados trémulos. Aquele silêncio era-lhe cantado pelo mundo inteiro. Toda a criação tinha ficado admirada e sem palavras.

Foi o que pareceu durante muitos fôlegos. O exército aproximou-se por detrás dela. Ao aperceber-se de que os seus oficiais continuavam calados e à espera, Corinn disse:

— Enviem soldados à fortaleza a fim de trazerem as crianças. Continuarão vivas, por enquanto, na qualidade de nossas reféns.

A rainha voltou-se, com os elos da cota de malha a chocalharem enquanto se mexia. O General Andeson estava a olhar fixamente para ela, com o rosto pálido. Melio encontrava-se ao lado dele, com os olhos

fixados na carnificina. Recuaram quando o fedor a carne queimada e putrefacta lhes chegou ao nariz. O mau cheiro e os gases dos corpos esventrados eram quase impossíveis de suportar. Corinn respirava pela boca. Foi buscar forças ao temor, espanto e medo patente nos rostos dos homens.

— Mas aqueles que aqui eliminei, — continuou ela, — queimem-nos a todos. Reduzam tudo aquilo que sobrou dos seus cadáveres a cinzas, e levem-nos de volta para Acácia. Vamos misturá-los com argamassa e repavimentar as estradas da parte baixa da cidade com eles. Daqui em diante, mesmo o mais humilde dos camponeses irá caminhar em cima dos restos mortais dos numrek. E o mesmo acontecerá com todos aqueles que se me opuserem.

A garganta de Andeson ficou paralisada. E em vez de falar, anuiu. Corinn deu meia volta nos calcanhares, satisfeita.

Quase conseguiu alcançar os cavalos antes de cambalear, tropeçar e depois cair no chão.

CAPÍTULO

DOIS



Oscau encontrou-se com a princesa Mena Akaran numa extensão de praia deserta, que se encontrava cheia de restos de ossos de baleia e salpicada com pedaços de gelo translúcido vindo do mar. Ele estava sem camisa, apesar do vento glacial que se fazia sentir, com o peito magricela exposto e os músculos pequenos e compactos delineados por baixo de uma fina membrana de pele branco-azulada. O seu cabelo, loiro como uma estriga de linho, pendia mole e emaranhado, entrançado em vários sítios com fitas de cabedal. Não olhou para cima quando Mena saltou da embarcação de desembarque e abriu caminho por entre a espuma a pontapé, até chegar à areia. Ele não cruzou o olhar dela quando Gandrel a anunciou, nem sequer retribuiu os olhares a quem quer que fosse do grupo que a acompanhava. Respondeu às perguntas que Gandrel lhe colocou num dialeto tão rude que Mena não foi capaz de acompanhar o que ele dizia.

— Ele diz que foi aqui que os numrek atravessaram — traduziu Gandrel. Apontou para o homem com uma mão cheia de anéis, enquanto a outra mão pairava no ar, perto de Mena, como se a quisesse impedir de se aproximar demasiado dele. Era assim, protetor, grande como um urso, e com uma cicatriz irregular que lhe atravessava o nariz, dando a ideia de que tinha lutado, mano a mano, com criaturas dotadas de garras. — Onde as Montanhas Choram o Mar, é como ele lhe chama. É uma passagem estreita, que conduz até um caminho que atravessa as montanhas.

Mena olhou de relance para cima, na direção do penhasco íngreme e negro que se erguia da areia, rachado e com fissuras, marmorizado com veios de prata que brilhavam em vários sítios. As nuvens pairavam tão baixo que os pontos mais altos desapareciam no seu inte-

rior. Cascatas de água com espuma saíam por diversas aberturas, quase parecendo que estavam a drenar o próprio céu.

— Então, isso quer dizer que povo dele é poeta — disse Mena. — Nunca o teria imaginado.

— Dificilmente — respondeu Gandrel. — Eles são apenas incapazes de dizer as coisas de forma simples. Ele diz que, um pouco mais para sul do local onde nos encontramos, as montanhas entram pelo mar adentro. São intransitáveis. A única forma de as atravessar é irmos pelo interior, através desta passagem e, por fim, descermos pelos Campos Gelados.

— Podemos acreditar no que ele diz? — perguntou Mena.

Gandrel voltou a falar com o homem, e depois ouviu a resposta que ele lhe deu. — Ele afirma que o pai dele morreu aqui, e que muitos membros da sua tribo foram mortos quando combateram contra os numrek. Foram queimados com pez e chacinados. — Gandrel apontou para o peito do homem. — Os ossos daquele colar pertenciam à mão direita do pai dele. Pelo menos, é o que ele diz.

Mena não olhou para os ossos. Uma artéria pulsava na base do pescoço do homem. Depois de se ter apercebido disso, era-lhe muito difícil desviar o olhar.

— Lutaram contra eles? — perguntou o primeiro oficial de Mena, chamado Perrin. Encontrava-se ao lado da princesa, era alto e tinha braços e pernas compridos, sendo quase tão grande como os numrek. Poderia ter sido imponente, não fora o seu rosto ter contornos tão perfeitos e bonitos, o que lhe dava um ar mais apropriado para ator do que para soldado. O seu cabelo castanho estava constantemente despenteado, o que, também, era algo cativante nele.

— Pelo menos, é o que ele afirma ter acontecido. Às vezes, vem até este lugar para ouvir os fantasmas daqueles que aqui morreram. Faz parte da forma como costumam caçar: dizem que os mortos os guiam.

— E ele ouviu fantasmas? — perguntou Mena.

Depois de Gandrel ter traduzido a pergunta, o olhar do Scav ergueu-se e pousou-se por instantes no rosto de Mena. Os olhos azuis dele poderiam ter sido atraentes, se não estivessem embutidos num rosto tão pálido e exposto às intempéries. Voltou a baixar o olhar e balbuciou a resposta.

— Ele mata sempre, — disse Gandrel, — por causa dos fantasmas que aqui capturou. — Depois, à parte, acrescentou: — É por isso que ele é tão rechonchudo, acho eu.

— Podemos acreditar no que ele diz? — voltou Mena a perguntar.

— Não há razão alguma para o fazermos. Não obstante, podemos

ouvir o que ele tem para nos contar. E observar. Fazer o nosso próprio juízo.

— Como é que ele se chama?

— O nome dele é Kant. Mas o significado não é aquele que nos parece quando o ouvimos. Trata-se do nome de uma ave, que mergulha nos redemoinhos que existem ao longo da costa. — Tentou exemplificar com o rebordo da mão. Mas desistiu a meio caminho do gesto.

— Muito bem — disse Mena. — Diga ao Kant para me mostrar a passagem.

Ao longo dos últimos quinze dias, Mena tinha velejado para norte, a bordo do único navio de guerra acaciano estacionado na costa ocidental do Mundo Conhecido. O *Escolha de Hadin* era insignificante, quando comparado com a grandiosidade das embarcações Ishtat tripuladas pela Liga, mas possuía três mastros, um grande porão e uma blindagem revestida de chapa na proa. Levava a bandeira do império: com a silhueta preta de uma acácia, sobre um sol amarelo e brilhante a espreitar por entre as nuvens.

Uma frota rapidamente reunida acompanhava-a lado a lado, sendo a maioria composta por soldados imperiais, que se encontravam colocados em bases existentes ao longo das cidades costeiras, e por civis candovianos, recrutados para a proteção do império. Os navios formavam uma miscelânea. Alguns eram embarcações acacianas, mas a armada continha navios mercantes candovianos, a abarrotar de mantimentos. Alguns dos maiores barcos de pesca das cidades costeiras transportavam contingentes de tropas, ao mesmo tempo que faziam pesca de arrasto nas águas, para depois salgarem e secarem o peixe.

Já para norte da costa candoviana, afastavam-se do mapa do império e entravam em águas glaciais. Abriam caminho por entre montanhas de gelo que saíam fora da água: ilhas flutuantes que se moviam lentamente, com tons de branco, azul e verde, algumas delas esculpidas com formas intrincadas, parecendo fantasmias e sempre em constante mudança devido à deslocação do sol pelo céu. Nunca antes um exército acaciano tinha cruzado mares como aquele. E faziam-no naquela ocasião apenas porque a Liga e a Rainha Corinn achavam que um exército auldek se encontrava em marcha para os invadir, seguindo a rota terrestre em que os numrek haviam tropeçado durante os seus anos de exílio.

Mena lutava para não pensar demasiado nos dois seres que mais amava no mundo. Melio tinha as suas próprias missões. Era melhor, e ela sabia-o, que ele não estivesse ali com ela. Aquilo era uma guerra, e não a expedição de caça que fora a perseguição às Aberrações. Ela precisava de tomar as decisões certas. E muitas delas iriam enviar os seus soldados ao encontro da morte. Seria ela capaz de fazer isso a Melio? Ou iria protegê-lo injustamente? Não, ele não permitiria que isso acontecesse, o que poderia significar que ficasse sujeito a um grande perigo. Seria muito melhor que ele servisse o império noutra local qualquer. Seria muito melhor que ela tomasse as suas decisões sem pensar no seu sorriso encurvado, no cheiro do seu cabelo, ou na altura que ele a abraçara na tenda, nas planícies de Teh, na noite a seguir a Aliver ter sido morto, ou na promessa que ela fizera de, um dia, carregar no ventre o filho dele. De que servia pensar em todas essas coisas — ou recordar saudosamente o passado, ou ter esperanças no futuro —, quando ela tinha uma guerra pela frente? Seria melhor não pensar nele, nem em Elya.

Tinha deixado a ave-lagarto ao cuidado de Corinn, em Acácia, depois de uma despedida cheia de lágrimas a que pusera um fim abruptamente. Mena receava ter deixado Elya com a impressão de ter partido zangada com ela. Nada poderia estar mais distante da verdade, mas a verdade era que Mena a tinha afastado, exageradamente deliciada com a bondade dos seus olhos. Mena tentava não pensar em Elya, com receio de que os pensamentos, de algum modo, pudessem chegar até ela, mesmo estando a tanta distância. Aquele não era um lugar para Elya. A guerra não era uma tarefa para ela.

A disposição de Mena tornou-se mais sinistra com o desfilar das milhas náuticas. O ar ficou mais frio, o vento parecia tentar empurrá-los de volta para o sítio de onde tinham vindo. Mas o regresso não era uma opção. A Rainha Corinn tinha-o deixado bem claro. “Encontra-te com a tribo dos auldek”, ordenara ela, “fora do Mundo Conhecido. Atrasa-os, para que o império possa ter tempo para melhor se preparar. Derrota-os, se tal for possível.” E, em tudo isso, estava implícita uma outra ordem: sacrifica-te, para o bem da nação.

Gandrel colocou as mãos nas ancas, enquanto ouvia o scav a falar e a gesticular.

— Foi aqui onde os numrek apareceram pela primeira vez. Ele diz que os rastos das carroças deles ainda estão bem sulcados no solo.

Eles encontravam-se a cerca de meia milha da costa, na saliência de uma rocha que parecia querer trespassar o teto de nuvens. Abaixo deles, as arestas irregulares de ambos os lados desciam a pico, deixando uma abertura entre elas que se dirigia para o coração dos Campos Gelados, uma passagem extraordinária pela sua planura e pela promessa de facilidade de travessia, à medida que se ia afastando para o oriente, ficando longe da vista.

— Eles têm mesmo de vir por aqui? — insistiu Perrin. — Se investirmos todas as nossas forças neste setor, e depois eles decidirem passar por outro lado...

— Sim — Gandrel traduziu a resposta de Kant. — É a única passagem. As montanhas a norte erguem-se como presas de lobos. As que ficam a sul diz que se chamam Dentes de Urso. Só aqui, entre as duas cordilheiras, é que se pode passar. Ele atribui a este local o nome de Fôlego do Meio.

Perrin soltou uma gargalhada grosseira e ruidosa.

— Têm nomes destes para tudo.

O olhar contemplativo de Mena vagueava pela paisagem desolada, desde os pontos elevados mais íngremes até à tundra plana. Não restavam dúvidas. Aquele era o local que Corinn queria que ela aguentasse. Era ali que a sua irmã pretendia que a invasão fosse impedida. Sentindo o frio gelá-la até aos ossos, Mena puxou a capa forrada com peles, ajustando-a melhor à volta do corpo.

— Quero descer para ir verificar essas marcas deixadas pelas carroças de que ele falou — disse Perrin. — Não acredito que ainda lá estejam, ao fim de tantos anos. Devo dar ordens aos navios para começarem a descarregar os mantimentos para o acampamento?

— Ainda não — respondeu-lhe Mena. — Venha. Vamos todos ver os rastos das carroças. Também devíamos enviar um grupo de reconhecimento ao longo do desfiladeiro. — E começou a caminhar antes de qualquer um dos homens ter tido tempo de reagir.

E viram os rastos deixados no chão. Ali estavam, claramente visíveis, logo que Kant apontou na direção dos mesmos. Cada um dos sulcos tinha a largura do comprimento de uma carroça, e haviam sido abertos por rodas maciças que tinham revolvido o solo. Mesmo cobertas por musgo esponjoso e erva rija, os sulcos tinham uma profundidade que atingia a altura de um joelho. De acordo com os estafetas que os iam acompanhando com novas informações desde que tinham saído de Acácia, os auldek iriam chegar em veículos com rodas maciças, semelhantes às que haviam sulcado a terra naquele local.

Mena ouvia o discurso surpreendido e desconexo de Perrin e as traduções de Gandrel dos relatos de Kant, em como os scavs haviam sido os primeiros, no Mundo Conhecido, a defrontar os monstros. Mena fez perguntas, alguns comentários e meditou sobre como poderiam servir-se daquela extensão de terreno em seu favor, especulou acerca do melhor local para colocar tropas, fazer emboscadas e do melhor sítio para travar a batalha. Agia como um líder bélico real deveria agir, mas, na verdade, uma questão bem mais importante do que todos aqueles detalhes havia-se instalado na sua mente.

Nessa noite, os seus oficiais jantaram com Mena no *Escolha de Hadin*. Embora fosse estreita e modesta, de acordo com os padrões acacianos, a sala de jantar era bastante confortável. A mesa era formada por uma enorme prancha de madeira tingida, lindamente vejada e trabalhada para que os contornos dos bordos parecessem ajustar-se a cada uma das pessoas, com apoios para cada um dos antebraços e uma modesta concavidade para melhor acomodar cinturas dilatadas. Havia porco condimentado e vegetais grelhados dispostos em salvas de ouro branco, pequenas travessas de iguarias, pescada em salmoura e tigelas com fruta laminada. O vinho tinto escuro era o mesmo que se bebia em Acácia. Para os soldados menos habituados a cargos de comando tudo aquilo lhes deveria ter parecido bastante imponente.

De um modo geral, aqueles soldados eram desconhecidos para ela, tratando-se de um grupo bem diferente dos talayanos com quem tinha caçado as Aberrações. Homens mais pálidos e menos mulheres do que aquilo a que ela estava habituada, candovianos de olhos cinzentos-azulados, alguns senivalianos, e até mesmo uma minoria que poderia ter reclamado identidade do Mein, se estes não tivessem sido derrotados e disseminados ao longo de todo o império. Todos eles pareciam ser muito novos. Alguns já tinham combatido contra Hanish Mein. Todos ansiavam por glória. Pareciam apreciar o perigo que caminhava na sua direção e, ao mesmo tempo, pareciam não acreditar nele.

Quando por fim todos saíram para regressar às embarcações, Mena ficou sozinha com Perrin. Estavam sentados de frente um para o outro, recostados em poltronas macias, junto da pequena salamandra que aquecia a divisão. Bebericavam um licor feito de ameixas amarelas. Apesar do calor aprisionado no interior do forno metálico, sentia-se um frio que rastejava pelos cantos do aposento, através de fendas existentes no madeiramento. As vigias começavam a ficar rodeadas de gelo.

Perrin apoiou as botas de cabedal reluzentes em cima de um escabelo e pousou uma mão em cima do abdómen, dando pequenas palmadas no estômago.

— Vou sentir a falta de refeições como esta. Por muito bem que nós pensemos que nos abastecemos de mantimentos, as provisões não durarão muito tempo. Tive de rir, quando as tropas se fartaram de protestar por não termos aceitado os barris de vinho que a Liga nos ofereceu. Agiram como se lhes tivéssemos estragado as férias há muito tempo planeadas.

— Quando a Liga vem ter connosco com presentes nas mãos, acautele-se. — Melio tinha proferido aquelas mesmas palavras anteriormente. Ao ser ela a pronunciá-las, Mena ouviu a voz dele.

— Tendes toda a razão, Vossa Alteza. De qualquer das formas, o vinho não teria durado muito tempo. Sei-o por experiência própria.

— O senhor treinou no Planalto do Mein, não foi?

Perrin anuiu. O cabelo dele, que lhe dava pelos ombros, oscilou com o movimento da cabeça.

— Estive colocado em Cathgergen durante dois anos. Na verdade, foi uma chatice, tendo em conta que já aí não existiam quaisquer Mein com que nos preocuparmos.

— Visitou muitos locais, no planalto?

— Na generalidade, é quase sempre a mesma paisagem. Neve, árvores e gelo. Neve, árvores e gelo. Ah, existe uma montanha! — Fingiu um ar de surpresa. — Esse tipo de coisas. Fui para ocidente, até Scatevith. Passei três meses de inverno em Hardith. E vi Mein Tahalian no pico do verão.

— E o que achou?

— Nunca lá foi?

Mena abanou a cabeça, negativamente.

— No verão é uma miséria, por causa dos mosquitos e das moscas que picam. Por causa dos insetos, o local era terrível. Éramos picados e o ar encontrava-se tão espesso, por causa deles, que não conseguíamos evitar respirá-los e sufocar. Não foram os invernos que tornaram os Mein tão mal-humorados. Foi a vida selvagem do verão.

— É verdade, o que se diz de Haleeven Mein?

— Que ele costuma acampar no exterior de Mein Tahalian? Sim. Que ele está demente, por causa da dor e da vergonha? Também isso talvez seja verdade. Acho que o vi uma vez, mas estava tão coberto de peles de animais que era impossível ter a certeza. Não é lá uma grande vida, para um homem que poderia ter sido chefe dos Mein. Quase chego a ter pena dele.

Perrin recolheu as pernas, para deixar passar um criado nervoso até à salamandra. O rapaz alimentou o fogo com aparas finas de madeira dura. Enquanto o observava, o jovem oficial continuou: — A

própria Tahalian, só a vi do exterior. Nessa altura, encontrava-se fechada e selada. Estava aninhada, junto ao chão, fingindo estar morta, à espera que nos aproximássemos perto demais. Não se ria de mim, mas eu costumava sonhar que a parte visível de Tahalian (as vigas de madeira e os respetivos pilares) representava o chapéu de um gigante enterrado. Acordei a transpirar no meu saco-cama mais do que uma vez, perante a visão daquela cabeça a erguer-se, com os olhos a abrirem-se, e a criatura subindo a pulso da tundra. Estarei, porventura, a envergonhar-me?

Era precisamente o oposto, pensou Mena. Ele era divertido, agradável de ser visto e ouvido. É raro encontrar um homem tão à-vontade no seu corpo, tão descontraído perante a vida e capaz de falar sem arrogância nem quaisquer intenções veladas. Conhecendo bem o mundo conspiratório da vida da corte em Acácia, Mena achava aquela ingenuidade aparente refrescante.

— Alguma vez chegou a ver o caminho de Tahalian para o Porto de Grace? — perguntou ela.

— Não. No entanto, é um percurso muito usado. A rampa que sobe desde a costa é gradual, ampla. É uma caminhada de quinze dias, se as condições meteorológicas assim o permitirem.

Mena olhou novamente de relance para as vigias, que estavam cada vez mais rodeadas por delicados cordões de gelo. O vento tinha aumentado de intensidade, soprando rajadas e fazendo um ruído esporádico semelhante ao de correntes de ferro a serem arrastadas pelo cordoame do navio.

— Permita-me fazer-lhe uma pergunta. Acha que conseguiremos sobreviver um inverno, acampados neste local?

— Muitos irão morrer, princesa Mena. Nem mesmo os scav conseguem resistir aqui, no exterior. Não expostos desta forma. Podemos sempre deslocar-nos um pouco para o interior, encontrar um lugar abrigado ao longo do desfiladeiro, mas, mesmo assim... será um inverno longo e severo. O gelo isolar-nos-á. No espaço de um mês ficaremos aqui encurralados até à primavera. E iremos precisar de todos os dias desse mês para nos prepararmos. Cada dia começará a ficar mais pequeno e mais frio; a luz do dia diminuirá a olhos vistos. Precisaremos de dividir as nossas tarefas com toda a rapidez. Uns ficando responsáveis pela construção dos abrigos, outros trazendo os navios para a costa, e os restantes ocupar-se-ão da caça e da pesca. Kant diz que existem praias com focas para norte. Deveríamos enviar o maior número de embarcações possível, e carregá-las ao máximo de óleo. Vamos precisar dele.

— Dá ideia de que a guerra é contra o inverno.

Perrin voltou a olhar para o copo de vinho, analisando-o como se o simples facto de fazer esse gesto fosse o suficiente para o voltar a encher.

— E sê-lo-á. Os outros oficiais podem pensar em chacinar os auldek. Eu, quase chego a desejar que eles se despachem e cheguem aqui depressa, para que possamos travar a batalha. Quem sabe? Talvez o façam, mas eu seria capaz de apostar que vamos ficar aqui, à espera — fez uma pausa momentânea, esvaziou o copo e a seguir rodou o pé deste entre os dedos. — Não obstante, foi o que nos foi ordenado. Foram as ordens da rainha. E assim faremos.

— Não acha que o deveríamos fazer?

— Eu não me pronuncio contra os desejos da rainha. Compreendo perfeitamente como a situação é vista por parte de Acácia. A rainha tem razão, obviamente. Se conseguíssemos travar os auldek aqui... Mesmo que só os enfraquecêssemos, que só os atrasássemos, o império teria tempo para estar muito melhor preparado para os defrontar, se eles saíssem aos tropeções dos Campos Gelados. Não, eu percebo muito bem a vantagem de uma movimentação destas. Só que... não seremos nós a tirar partido desse benefício.

Mena baixou o olhar quando os olhos dele se cruzaram com os seus: — Boa noite, Perrin.

Na manhã seguinte, Mena encontrou-se com os oficiais na cordilheira a norte do desfiladeiro e atravessou o cume da mesma, que serpenteava para o interior. O local proporcionava uma vista muito melhor das montanhas que se estendiam para norte, assim como da curva da linha costeira que desaparecia no interior da distante neblina. Perrin, Edell, o comandante da Marah, Bledas, e o senivaliano Perceven representavam as unidades militares que se encontravam sob o seu comando. Daley, o comandante do *Escolha de Hadin*, assim como muitos outros, lideravam a parte naval. Gandrel encontrava-se ali devido ao conhecimento que tinha do scav.

A princesa esperou, enquanto os homens se juntavam à sua volta, todos eles admirando aquela vista que, apesar de deserta, era estranhamente bela de contemplar.

— Olhem! — disse Perceven. — Uma caçada.

Numa extensão inclinada de tundra atapetada de pedras, podia ver-se duas silhuetas a moverem-se. No meio da vastidão dos vales e

das montanhas eram minúsculas, mas o seu movimento era fácil de seguir com o olhar. Uma lebre branca saltava numa frenética e sobresaltada linha em zigzague. Atrás dela pulava um gato das neves.

Mena manteve o olhar fixado na perseguição, mas falou num tom de voz suficientemente alto para que todos os homens pudessem ouvi-la:

— Vamos morrer aqui.

Ninguém contestou a sua afirmação. Olharam para ela, depois uns para os outros e a seguir novamente para a perseguição que prendia o olhar de Mena.

— Os auldek vão chegar e encontrarão um exército de esculturas de gelo à espera deles.

Gandrel disse: — É verdade. Ou então, vão encontrar-nos cortados aos bocados pelos scav. Há muitos por estas bandas, acreditem no que vos digo. Mesmo que seja difícil avistá-los. Não seria capaz de confiar minimamente neles. Nem mesmo aqui no jovem e bem-disposto Kant. — Kant olhava para a caçada, e não deu sinais de ter ouvido nem compreendido.

— Existem muitas formas de as nossas mortes, aqui, serem inúteis — disse Mena. — Se eu soubesse o que está para acontecer, quando e como, tudo seria diferente. Mas, segundo as informações de que dispomos, os auldek podem muito bem chegar daqui a seis meses. Ou até podem mesmo ter seguido por outro caminho. Ou podem nunca chegar. Tendo tudo isto em conta, não posso permitir que passemos aqui o inverno.

O gato das neves deu uma sapatada na pata de trás da lebre. Por instantes, a presa pareceu ter ficado paralisada, com o corpo inclinado enquanto deslizava por cima da tundra. Depois, aterrou com violência. O gato lançou-se sobre ela e os dois animais começaram a rebolar como se fossem uma bola em movimento. Quando pararam, o gato tinha os dentes cravados no pescoço da lebre e esperava pacientemente, enquanto sufocava a sua presa.

Mena desviou o olhar, sentindo-se tão insatisfeita com o resultado final como se tinha sentido enquanto observara a perseguição.

— Esta é a minha decisão — disse.

— Mas a rainha... — ia começar a dizer Perrin.

— Vamos sair daqui imediatamente! — interveio Mena. — Velejaremos até Porto de Grace. Daí, marcharemos pelo interior até Tahalian. Passaremos o inverno na fortaleza e adaptar-nos-emos a quaisquer desafios que o degelo possa trazer. Vá e trate dos preparativos.

Na tarde do dia seguinte, Mena enviou um navio para sul a fim de prevenir a pequena colónia de Porto de Grace de que, em breve, iriam ser submersos pela passagem de um exército em trânsito. A bordo da mesma embarcação também enviou um bilhete que deveria ser entregue por uma ave-mensageira, logo que se encontrassem suficientemente para sul, para haver a certeza de que a ave seria capaz de reconhecer os pontos de referência terrestres. Tinha passado a noite anterior a redigir uma longa missiva que explicava a situação com toda a complexidade inerente. Pela manhã, rasgou-a em pedaços. Em alternativa, a mensagem que enviou era mais concisa:

Rainha Corinn,

O plano para nos encontrarmos com o inimigo no norte distante é insustentável. Estou a deslocar o exército para Mein Tahalian. Iremos lá passar o inverno, a treinar.

Com a vossa permissão, porei fim ao exílio de Haleeven Mein, e pedir-lhe-ei ajuda...

CAPÍTULO

TRÊS



Quando Dariel Akaran olhou pela primeira vez para as ruínas teve que se segurar, agarrando-se ao ombro de Birké.

— Feche a boca! — disse o jovem wrathic com um sorriso largo, ao mesmo tempo que levantava o maxilar descaído de Dariel com um dedo. — Ainda lhe vai entrar alguma mosca.

Encontravam-se no topo de uma colina, numa estrada velha que serpenteava em direção ao vale que ficava lá em baixo. A ruína magnífica de uma antiga metrópole estendia-se à frente deles. A cidade subia pelas encostas onde se encontravam, completamente envoltos por uma muralha defensiva que se erguia e assentava nos contornos das cordilheiras. Dariel ficou absorto, a olhar pasmado para o labirinto de vias públicas e becos, edifícios e pináculos do que, outrora, devia ter sido uma cidade grandiosa. Tinha o mesmo tamanho que Alécia, mas o verde pálido das pedras dos edifícios mostrava uma complexidade de execução que teria deixado os arquitetos acacianos cheios de inveja.

— Que lugar é este? — perguntou o príncipe.

— Amratseer — respondeu Mór. Aproximou-se e colocou-se ao lado deles. Depois disse uma frase em auldek.

— O quê?

— *Seeren gith'vâ*.

Birké traduziu: — Uma cidade morta.

— Morta? Dificilmente estará morta.

Pássaros com bicos grandes patrulhavam os céus em bandos enrouquecidos; pombas cinzentas esvoaçavam com esforço através do ar; estorninhos pretos faziam voos picados, aparentemente pelo prazer que isso lhes dava. Macacos de pelo alourado, parecidos com os que havia em Acácia, corriam pelas ruas e espreguiçavam-se nos telhados,

chamando uns pelos outros com guinchos belicosos. Por detrás de tudo isto ouvia-se um outro som, o sussurrar de vegetação que lentamente ia submergindo a cidade, tão serena e implacável como uma cobra constritora a enrolar-se e a apertar cada vez mais a sua presa. Havia ali vida em abundância, mas não do género que os criadores daquele lugar haviam imaginado.

Desde que Dariel tinha descido daquelas lajes de granito, seguindo Mór durante oito dias, aquele mundo novo tinha-o engolido por completo. Juntamente com Tam e Anira, que tinham vindo com eles, passaram o primeiro dia a escalar saliências na pedra, a embrenhar-se em florestas húmidas, e a escalar mais saliências na pedra. Nessa noite, acamparam na entrada de uma gruta voltada para oeste. Dariel sentou-se, ficando a olhar fixamente para o pôr do sol, por cima de uma interminável ondulação de árvores da floresta, tão vasta quanto o oceano.

Na terceira tarde, seguiram ao longo das margens de um afluente do Sheeven Lek. A água do rio era límpida como o cristal, como se fosse vidro líquido ondulante que revelasse as pedras azuis do leito fluvial e das margens. Quando acabaram de comer, Dariel despiu a camisa e preparava-se para dar um mergulho, a tresandar do suor e sujidade da caminhada.

Birké agarrou-lhe no braço: — O senhor não vai querer fazer isso.

Pouco tempo depois, Birké levou-o até junto do tronco de uma árvore caída, do topo do qual podiam observar um charco profundo existente numa curva do rio. Por baixo deles, cardumes de peixes com barbatanas avermelhadas nadavam num constante movimento oscilante, estendendo-se em grupos esguios para depois se voltarem a amontoar, juntando-se um cardume a um outro para, de seguida, se separarem. Parecia estarem a executar uma dança complicada. Dariel perguntou se eram comestíveis.

— Sim, sim. São deliciosos.

Foi então que aconteceu. Um grupo de pedras no fundo do rio deslizou lentamente para diante, de início, e depois fez uma repentina investida ascendente. Dariel ficou a olhar espantado, enquanto uma fenda se abria de par em par. Ficou de tal forma escancarada que era maior que uma pessoa, engolindo de seguida um cardume inteiro dos infelizes peixes. Só depois de ter voltado a fechar a boca, e a criatura ter começado a nadar para a frente, com batimentos vagarosos e satisfeitos da cauda, é que Dariel percebeu que se tratava de uma qualquer espécie maciça de salamandra. O seu dorso era decorado de forma a imitar as pedras azuis do rio. Apenas tinha que parar de se mexer para se tornar invisível.

— Existe mais alguma coisa da qual eu deva ter medo? — perguntou Dariel.

— Imensas coisas.

No quarto dia, desceram aos ziguezagues por entre brechas ali existentes, rasgadas profundamente na rocha esbranquiçada do solo por um conjunto labiríntico de estreitos riachos. Era um mundo diferente, com florestas de árvores espantosamente delgadas, que se erguiam lado a lado em todas as curvas descritas pelo rio (em qualquer local que pudesse fornecer um pouco de luz solar), esticando-se em direção ao céu, desprovidas de ramos, até as suas copas explodirem numa plumagem de folhas longas e estreitas. Pássaros muito pequenos passavam a grande velocidade por entre as árvores. Tinham construído os seus ninhos bem no topo das copas, moldados entre vários ramos, à semelhança de camas de rede de descanso.

Em alguns locais, as paredes de rocha estreitavam-se tanto de ambos os lados que o grupo tinha que se despir e nadar com as roupas e os mantimentos embrulhados em cima da cabeça. No peito de Dariel o coração batia fortemente, mais por receio de encontrar criaturas escondidas do que pelo esforço empreendido. Apesar de tudo isso, os olhos dele ainda tinham tempo para se demorar no padrão das tatuagens das costas de Mór, na forma como os cabelos loiros dela ondeavam à superfície da água e no maravilhoso movimento das suas pernas. Mas Mór raramente olhava para ele. Podia ter sido a sua companhia quando foi ao encontro do ancião Yoen, na Ilha do Céu, mas esse papel não a tornara mais calorosa em relação a ele. Ela tinha deixado ficar bem claro que o seu coração havia ficado com Skylene, em Avina.

Acho que isso a torna numa pessoa sem coração, pensou Dariel.

Ao fim do quinto dia, voltaram a subir à superfície do mundo e acamparam, protegidos pelas raízes espessas da base de algumas árvores compactas. Na manhã seguinte, o príncipe acordou deitado sobre as costas, com algo a apertar-lhe os lados da cabeça, a comprimir-lhe o peito, e ainda com uma coisa a mexer-se no interior da sua boca. Abriu os olhos e olhou fixamente para o rosto bulboso, de um azul metálico, pertencente a uma espécie de inseto enorme. Os seus olhos eram do tamanho da palma da mão de um homem, tão húmidos

e sensíveis quanto uma bolha de sabão. Um tubo palpitante, saindo do centro do rosto da criatura, prolongava-se para o interior da boca de Dariel, e a grande extensão do seu corpo segmentado mantinha o príncipe comprimido contra o solo.

Dariel tentou dar-lhe uma pancada, mas um dos vários membros da criatura segurou-lhe o pulso em baixo. Tentou utilizar a outra mão, mas apenas conseguiu mexer os dedos. Deu pontapés, debateu-se e gritou. Ou, pelo menos, tentou fazer tudo isso. Na verdade, não podia dar pontapés, porque a criatura tinha pousado o peito segmentado em cima do dele, e as suas pernas prendiam a movimentação das de Dariel. Portanto, estando tão preso de movimentos, podia mexer-se muito pouco. O que quer que fosse que a criatura tivesse inserido na sua boca, fez com que ele se visse impossibilitado de falar. Não obstante, isso não o impediu de gritar no interior da sua mente.

O rosto de Tam apareceu diante dele, a olhar calmamente na direção de Dariel, com os olhos encobertos pelas tatuagens negras e circulares do urso do céu dos Fru Nithexek. Pouco depois, Anira, Birké e, por fim, Mór, também apareceram. Nenhum deles partilhava o seu ar alarmado. Anira esticou-se e afagou gentilmente um dos lados da criatura. Tudo o que Dariel fez foi direcionar a sua confusão para um franzir de testa. Birké riu-se e fez uma observação qualquer. Em resposta, Anira passou as palmas das mãos pelos olhos da criatura e depois inclinou a testa contra ela. O tubo na boca de Dariel foi retirado, o que provocou uma sensação de muitos dedos, que haviam estado a pressionar-lhe os dentes, a língua e o céu da boca, a soltarem-se ao mesmo tempo. A cabeça bulbosa da criatura voltou-se e as suas pernas agitaram-se, ao mesmo tempo que se afastava de Dariel.

O príncipe desviou-se para o lado e pôs-se em pé, cuspidando e praguejando, ao mesmo tempo que ia limpando a boca. Lançou um olhar em seu redor para ver onde se encontrava o monstro e viu-o a esgueirar-se com a ajuda das suas inúmeras pernas. Os outros riram-se.

— Eles são inofensivos, Dariel — disse-lhe Mór. — Chamam-lhes vermes Don. Devias agradecer-lhes — e depois disse algo na língua dos auldek. Os outros esboçaram um sorriso largo. Ela começou a afastar-se, mas não foi capaz de ir embora sem lhe fazer a tradução do que dissera. — Eu disse que aquilo apenas te limpou os dentes. Vai melhorar o teu hálito.

Nessa noite, ao olhar para a vista de Amratseer, Dariel apercebeu-se que os parâmetros com que media o mundo se estavam a desmoronar. Naquele lugar, os monstros mostravam-se à vista desarmada. Um animal podia aparecer e engoli-lo de uma só vez. Um outro podia melhorar a sua higiene oral. Aquela terra estava repleta de sinais de uma civilização com muitos mais anos do que a sua própria, mas, não obstante, as cidades, a cultura e os séculos de História haviam sido derrotados. Tudo aquilo o fez sentir como se nada soubesse acerca da magnificência do mundo e de todas as pessoas e criaturas que nele viviam. Em vez de o assustar, a tomada de consciência que tivera em Ushen Brae trouxe-lhe uma lufada de ar fresco. Ele queria ver tudo...

Dariel caminhou lentamente até ao local onde os outros se agachavam, embora sem nunca desviar o olhar da paisagem.

— Os portões vão dar-nos algum problema?

Mór ergueu o olhar do mapa singelo desenhado no chão por Tam.

— Por que motivo isso haveria de acontecer? Não lhes vamos arranjar quaisquer problemas. Amratseer é *seeren gith'vâ*.

— Os portões estão fechados à chave?

— Os portões estão abertos — respondeu Tam, sem olhar para cima. — Esse não é o problema.

— Nesse caso, vamos entrar — disse Dariel. — Podemos acampar numa das praças. Ah, adorava poder explorar...

— Nós não vamos entrar na *seeren gith'vâ* — respondeu Mór.

— Têm medo de fantasmas? — perguntou Dariel.

— Temos respeito por eles — respondeu Anira. Levantou-se da posição aninhada em que se encontrava e cruzou os braços. Era de origem balbara, tinha a pele muito escura e possuía um corpo sensualmente musculado. Em vez de tatuagens, mostrava a sua afiliação com a tribo anet através do que parecia serem placas de escamas por baixo dos olhos e na ponte do nariz, realces subtis que só eram perceptíveis quando olhados de perto.

— São fantasmas auldek. Não desejam o nosso bem.

— Vocês não tencionam mesmo entrar? É o que me estão a dizer? Quem vos contou as histórias sobre fantasmas? Foram os vossos senhores auldek? Talvez vos tivessem contado histórias por terem medo de regressar, e não quererem os seus escravos a vasculhar as suas cidades antigas à procura de tesouros.

— Que é o que tencionas fazer — comentou Mór. — Continuas a ser um Akaran, pelo que vejo. Continuas a adorar fazer pilhagens e roubos.

— Olha bem para aquele local! Eu não quero roubar, mas... Vocês não têm curiosidade? Não querem...

Mór encurtou a distância que os separava com uma velocidade que fez Dariel dar um passo atrás.

— Não — ripostou ela. — Amratseer é *seeren gith'vã*. Eu preocupo-me com os vivos. Com o Povo. Hoje dormimos aqui, e amanhã começaremos a contornar Amratseer. É tudo. Birké, leva o príncipe e vão buscar água para o acampamento.

Se Dariel pareceu aceitar a recusa foi apenas porque a sua mente já se encontrava para lá daquele assunto. Desceu até um ribeiro que ficava ali perto e encheu odres de água com Birké. Comeu um guisado de tiras de carne seca com raízes frescas na companhia dos outros, e depois fez algumas perguntas, como se as respostas para as mesmas fossem suficientes para o satisfazer.

— No Norte existe uma ruína ainda maior do que Amratseer — disse Tam, em resposta a uma dessas perguntas. Estava sentado com as pernas cruzadas, com um pequeno instrumento de cordas entre as mãos. Tocava-o em curtas séries de notas dedilhadas, como se estivesse a escrever, ou a relembrar, uma melodia. Parecia ter-se esquecido dos vários erros crassos que cometera durante a operação que haviam efetuado para destruir o apanhador de almas. — Chama-se Lvinreth. Em tempos, foi a cidade natal dos lvin. Mas eles abandonaram-na há séculos. Ainda hoje se diz que existem leões da neve a viver por entre as pedras derrubadas. Que passeiam pelos corredores vazios e rugem durante a noite, a chamarem pela tribo, para que regresse.

— Por que motivo abandonaram a cidade?

— Em tempos, os auldek foram tão numerosos como as estrelas. Esta cidade é prova disso mesmo. Mas isso foi há muito tempo. Acabaram por se matar uns aos outros, foram vítimas de doenças, e chegaram mesmo a ser invadidos por uma raça oriunda do outro lado das montanhas que chegou, pilhou tudo, e no fim regressou a casa. Muitas coisas aconteceram para que eles se tornassem na raça enfraquecida que os lothan aklun encontraram a acoitarem-se junto da costa. Nunca o afirmaram, mas acho que eram um povo assustado à beira da extinção. Os lothan aklun salvaram-nos desse fim. Deram-lhes a imortalidade.

— E deram-nos a nós — disse Anira. — Deram-lhes a Quota.

— Na verdade, os auldek são os únicos a pensar que as suas antigas cidades se encontram assombradas. São eles quem quer uma terra nova, para a substituir. Uma guerra deu-lhes um novo objetivo na vida.

— E deu-nos Ushen Brae — ripostou Anira. — É uma bênção eles terem partido.

Mór disse algo em auldek. Os outros ouviram em silêncio.

Dariel olhou-a de relance. Estava sentada com as costas voltadas para o grupo, olhando não para Amratseer, mas sim em direção ao oriente. Dariel não lhe perguntou o que tinha dito. Estava convencido de que ela apenas falava em auldek para o manter fora das conversas, para melhor marcar a linha que os separava, e lembrar a todos esse mesmo facto. Pensou perguntar-lhe por que razão havia ela escolhido a língua dos seus escravagistas, mas acabou por não o fazer.

Mais tarde, nessa mesma noite, Tam acordou-o com uma cotovelada. A excitação que tomou conta de Dariel não era do desejo de passar horas a fio sentado em silêncio e em vigia, a ouvir os outros a dormir e em estado de alerta para qualquer criatura que pudesse fazer deles uma refeição. Não era isso que tinha planeado. Fosse o que fosse que viesse a acontecer com ele, estar naquela terra fazia parte do plano. Estava ali, naquele lugar estrangeiro tão distante de casa. E precisava de o conhecer na totalidade, e de descobrir, se possível, por que motivo a sua vida estava tão profundamente interligada com o destino de Ushen Brae.

Sentou-se de pernas cruzadas por um instante, mas logo que a respiração de Tam se transformou num ressonar próximo e constante, Dariel retirou o fino cobertor que lhe cobria os joelhos e levantou-se. Com as botas agarradas entre os dedos, caminhou na ponta dos pés pela pedra fora, descendo em direção à cidade iluminada pelo luar.

A muralha era monumental. Revestida de veios, rachada com algumas fendas, projetada na sombra e realçada pelo brilho acinzentado da lua, chegava a envergonhar a grande muralha à volta de Alécia. Dariel teve de caminhar ao longo dela durante algum tempo, passando por cima de raízes e de escombros, contornando blocos de pedra que haviam caído da barricada em ruínas. A noite estava barulhenta com o chamamento de insetos e de aves, com o ruído de lutas entre animais perto dali e vários rugidos distantes, sons que Dariel já antes tinha ouvido, mas que agora o perturbavam de uma forma mais acutilante. Um destes sons rasgou o ar de uma forma tal que ele sentiu-o fisicamente, como se estivesse a voar na sua direção, percorrendo todo o comprimento da muralha. Seria a besta a que dão o nome de kwedeir? Dariel ainda não tinha visto uma, mas tinha ouvido falar delas, enormes criaturas semelhantes a morcegos que os auldek haviam domesticado e

utilizavam para caçar escravos fugitivos. *Eles mordem a cabeça. Mas não é suficiente para matar*, disse Birké, *mas é suficiente para te pôr a gritar. Eles gostam disso*. Dariel não acreditara naquela descrição. Mas, agora, começava a questionar-se sobre o assunto.

Chegou junto de um portão com duas folhas. Uma das portas encontrava-se fechada. A outra — enorme, feita com troncos de árvore antigos, unidos entre si por aço trabalhado — tinha caído das dobradiças e batido com força contra um dos lados da entrada. Se Dariel não soubesse, teria pensado que foram gigantes quem construíra aquele lugar.

Voltou a ouvir o rugido. Não conseguiu perceber se estava mais próximo, mas provinha, com toda a certeza, do lado de fora das muralhas da cidade. Perguntou-se se o barulho iria acordar os outros. Provavelmente. Mór iria levantar-se e começar a praguejar com ele por ser um idiota. Dariel não tencionaria discutir com ela se isso acontecesse, mas quando na sua vida voltaria ele a encontrar-se diante daqueles portões? Que outro Akaran alguma vez ali teria estado, para conhecer o mundo como ele estava a fazer? Nenhum, que ele tivesse conhecimento. Era óbvio que ele tinha que ver o que podia ser visto. Dariel rastejou para a sombra por baixo da porta inclinada e entrou na cidade morta de Amratseer.

As pedras verdes que ali se encontravam brilhavam com uma fraca luminescência cuja origem Dariel não conseguiu descortinar. À medida que se ia movimentando através das ruelas e dos becos atravancados, de início pensou que a luz provinha da lua, mas não se tratava apenas disso. O brilho parecia preencher até mesmo os espaços envoltos na penumbra, mesmo os interiores das casas que podiam ser avistados através das bocas escancaradas das portas e das janelas em forma de meia-lua abertas. Era de noite, ainda estava escuro e sombrio, mas era uma espécie diferente de noite, que Dariel nunca havia conhecido.

Caminhava nas pontas dos pés, com todo o cuidado para não tropeçar nas trepadeiras e nos escombros espalhados pelas pedras do chão. *Não te percas*, disse para si próprio. Continuou sempre a direito, o melhor que podia, olhando para a posição da lua e analisando a forma das colinas por detrás dele, como pontos de referência. Pouco tempo depois, as paredes altas dos edifícios com vários andares bloquearam-lhe a vista. Ao aperceber-se disso, deu meia volta. O coração de Dariel batia-lhe com força no peito e uma gota de suor escorreu-lhe da testa. “Isto é absurdo”, pensou. “Apenas dei cem passos. O caminho de regresso fica já ali.”

Decidiu ir dar uma vista de olhos pelos edifícios que se encon-

travam nas proximidades. Depois de entrar num deles, deu tempo aos olhos para se adaptarem, até poder ver o caminho graças ao brilho fraco proveniente das paredes e do chão. Cadeirões de madeira intrincadamente trabalhados, bem como alguns bancos igualmente de madeira, assumiam forma diante dele. Apesar de tudo, não havia quaisquer espíritos. Ainda não. Uma tigela que se encontrava caída no chão, uma confusão de cabos compridos encostados a um canto, um pano pendurado num gancho...

Entrou no aposento seguinte, um espaço habitacional, que tinha cadeiras estranhamente dispostas em círculo, mas sem qualquer mesa colocada no centro. Encontrou quartos de dormir e arrecadações, divisões com azulejos que deviam ter sido casas de banho, varandas que davam para as traseiras de jardins que já não eram jardins. Encontravam-se tão ao abandono que as árvores irrompiam por eles fora e havia macacos (muitos deles assustaram-se com Dariel, assim como eles também o assustaram) que subiam por elas acima para procurarem abrigo em segurança. Era tão estranho entrar dentro de casas despojadas dos seus habitantes e, não obstante, tão cheias de sinais do que ali se havia passado.

Voltando a sair para a noite, Dariel apercebeu-se de um portal abobadado que se encontrava um pouco recuado. Rodeado por edifícios altos de ambos os lados, não conseguia ver até onde o portão conduzia. Caminhou na sua direção, debaixo da sombra da passagem em abóbada, e entrou para um pátio compacto.

O que em tempos devia ter sido um maravilhoso tapete de pedras da calçada estendia-se diante dele. Havia um padrão nas cores, conseguia aperceber-se disso, mas estava manchado, cheio de marcas e desvanecido. As pedras encontravam-se levantadas aqui e ali por três raízes que haviam escapado do terreno, libertando rebentos que irrompiam para se transformarem em novas árvores, criando assim uma miscelânea de remendos. O espaço era tão vasto que Dariel mal conseguia vislumbrar, por entre a cortina de árvores, a passagem abobadada que se encontrava do outro lado. Havia edifícios que orlavam o pátio de ambos os lados, fazendo-o recordar dos terraços superiores do palácio, em Acácia. Só que eram muito, muito mais largos.

Algumas das árvores eram maciças, de uma forma estranha, com troncos mais espessos do que quaisquer outros que alguma vez vira, com ramos semelhantes a andaimes e despojados de folhagem, mas atravancados de... Não, apercebeu-se Dariel. As árvores mais largas não eram mesmo árvores. Tratava-se de esculturas, com ramos que serviam de poleiros para figuras pesadas parecidas a morcegos. Algumas

estavam sentadas em cima dos galhos. Outras estavam penduradas por baixo deles. Kwedeir. Kwedeir esculpido na pedra, ou moldados em bronze ou qualquer outro metal. Dariel caminhou até junto da escultura que se encontrava mais próxima, ficando na mancha de sombra por baixo dela. Seriam de tamanho natural? Não parecia ser possível, mas Birké tinha dito que eram suficientemente largas para que um auldek pudesse cavalgar nas suas costas. E estas eram, seguramente, largas.

— Este lugar... Corinn teria detestado este lugar, por tantos motivos.

Um dos kwedeir virou a cabeça na direção de Dariel. O príncipe ficou paralisado a meio de um passo. O animal empurrou o focinho para a frente e cheirou o ar. Os dois olhos pretos da criatura fixaram Dariel. Não se tratava de estátua alguma, um facto que, de repente, parecia absurdamente óbvio. Era peluda, e escura, e tão manifestamente viva, bastante diferente da família de pedra no meio da qual se encontrava empoleirada.

Dariel praguejou num sussurro.

O kwedeir deu um salto no ar. As suas asas abriram-se, negras contra o céu noturno. Soltou um grito que pareceu rasgar a pele do rosto de Dariel. Este voltou-se e começou a correr. A grande velocidade, mal conseguiu chegar à passagem abobadada antes do kwedeir. Atravessou-a numa corrida, enquanto a criatura batia as asas por cima da entrada.

Encontrava-se a meio caminho da fileira de edifícios que tinha acabado de explorar quando uma sombra da lua se abateu sobre ele. Saltou para um dos lados ao mesmo tempo que o kwedeir aterrava no chão, ficando ao lado dele. Tudo o que via era asas membranosas em movimento, membros desajeitados e um focinho fétido que não parava de cheirar, prestes a morder, repleto de dentes amarelados. Dariel afastou-se dele, tropeçou, e depois afastou-se para longe a gatinhar.

A besta soltou um grunhido e voltou a dar um salto no ar. Acabou por aterrar mesmo por trás de Dariel, no momento em que ele se precipitava na direção da porta mais próxima que se encontrava aberta. O príncipe tropeçou num cadeirão e estatelou-se em cima do tampo de uma mesa, deslizou em cima dela e caiu no chão. O kwedeir bateu as asas. Começou a dar patadas na pedra enfraquecida da moldura da porta, e parte dela desmoronou-se ao receber o primeiro golpe. Dobrou as asas e contorceu-se para a frente, irrompendo pela pedra com a força serpenteante do seu corpo.

Dariel fugiu para mais longe, ainda dentro da casa. Ouvia a criatura a atravessar e a esgaravatar atrás dele. Correu pela divisão fora

e entrou num pequeno pátio. Lançou-se numa correria pelo recinto, saltou por uma janela das traseiras, desceu um lance de escadas e foi dar a um corredor escuro. Já não ouvia a besta, mas continuou a andar. Atravessou becos, chapinhando numa lama imunda que lhe dava pelos tornozelos, passou por baixo de uma ponte, e acabou por entrar no pequeno cubículo de uma divisão, onde permaneceu encolhido encostado a um canto.

Quando a sua respiração se acalmou o suficiente para se poder aperceber de que conseguia ouvir um roedor a guinchar algures naquele espaço, Dariel começou a relaxar. Levou as pontas dos dedos ao nariz, apertando-as como se fossem tesouras.

— Pelo nariz de Tinhadin — disse, servindo-se de uma expressão que já não utilizava desde a infância, mas que agora lhe parecia apropriada, uma vez que os seus joelhos tremiam como os de uma criança.

Quanto tempo levaria uma coisa daquelas a esquecer-se dele? Memória curta. Deviam ter uma memória curta, de certeza. Nesta altura, já deve estar ocupado a fazer outra coisa qualquer. E se voltasse a aparecer? Prepara-te para essa eventualidade. É só isso. Luta com ele. Nem sequer havia pensado em desembainhar a adaga para combater o kwedeir. Retirou-a naquele momento e colocou-se na ombreira da porta.

Ficou ali durante algum tempo, com os olhos a perscrutar o céu e a varrer os edifícios que se erguiam à sua volta. Não viu nada a descer do alto. Os sons eram os mesmos que ouvira anteriormente. Tinha acabado de sair para a ruela, esperando recuperar o rumo, quando algo dobrou uma esquina próxima e ficou imóvel, olhando fixamente na sua direção.

Não se tratava do kwedeir, mas quando começou a ouvir um ronco suave na garganta do animal, e quando os pelos ao longo do dorso se eriçaram em tom de raiva, Dariel apercebeu-se de que aquela coisa o poderia matar ali muito rapidamente. Um cão. Uma criatura esguia, de patas compridas, tão alta como os cães de caça de Calfa Ven. Os seus olhos brilhavam com a mesma cor que o seu pelo curto e acastanhado. Estava agachado, com a cabeça esticada perto do chão e os músculos dos ombros tensos e inchados. Deu um passo em frente. Uma vez mais, os músculos e as articulações começaram a mover-se suavemente.

Dariel aninhou-se, golpeando o ar com a adaga em sinal de aviso.

A sombra alada avançou, tapando o céu e paralisando o cão com uma pata erguida no ar. O kwedeir pairava por cima do animal. O cão inclinou a cabeça, pressentindo-o. Antes que este tivesse tempo de reagir, o kwedeir dobrou as asas e desceu. Atirou o cão para o chão e

cravou as mandíbulas à volta do pescoço e da cabeça do canídeo. O cão tentou lutar, mas o kwedeir desferiu-lhe um golpe com a pata de trás nas costas, provocando-lhe cortes profundos. De seguida fez pressão para baixo, colocando o peso nas patas traseiras. O cão começou a garrir em pequenas explosões frenéticas. E depois o kwedeir mordeu com força. O som de ossos a estalar era audível, assim como era o esparrilhar de fluidos que saíam pelas mandíbulas da criatura. Não fez qualquer pausa, e bateu as asas levantando voo. O cão morto oscilava com ar moribundo nas mandíbulas do kwedeir, enquanto este subia até à altura dos edifícios, passando por cima deles, e desaparecendo de vista.

Dariel não se mexeu do local onde se encontrava, protegido pela ombreira da porta. Deixou-se apenas descair e sentou-se nas pedras do chão, arfando tão profundamente como se tivesse andado de novo a correr.

— Isto acabou realmente de acontecer? — Olhou de um lado para o outro, como se ali pudesse estar um companheiro para confirmar o que acabara de ver. Não havia ninguém, obviamente, mas isso não o impediu de fazer várias vezes a mesma pergunta, à medida que gradualmente ia recuperando o fôlego.

Tal como acontecera antes, apercebeu-se de que deveria mudar de sítio outra vez, porque ouviu um guincho na divisão, algures por trás dele. Ou, não era exatamente o som de guinchar... era mais um gemido, um fungar. Havia um padrão inerente àquele som, como se os roedores estivessem a fazer barulho e depois ficassem em silêncio. Chamando e depois ficando à escuta. Pensando no assunto, aqueles sons não eram minimamente parecidos com os de um rato, ou de qualquer outro roedor.

Dariel levantou-se e deslocou-se cuidadosamente para o interior da divisão. Viu um caixote do qual não se tinha apercebido anteriormente, virado sobre um dos lados, com a abertura voltada para a parede. Aproximou-se e ficou de pé ao lado dele, em silêncio, o tempo suficiente para voltar a ouvir o gemido. Com a adaga empunhada diante dele, tocou no caixote com a ponta do pé e afastou-o para um dos lados, até que conseguiu ver o que se encontrava encolhido no seu interior.

Eram dois cachorrinhos. Com olhos grandes e cautelosos, olhando fixamente para ele. Tinham um ar inocente e um focinho arredondado, as orelhas descaídas e as maxilas ligeiramente a tremer.

— Oh... vejam só — disse Dariel. Embainhou a lâmina e aproximou-se cuidadosamente. — Vejam só — Afagou um dos cachorros na cabeça. O animal tentou recuar. — Chhht... Não, não, está tudo bem.

— O seu toque foi delicado. Os dedos afundavam-se no pelo macio, por cima das orelhas, e depois por baixo do queixo. O outro cachorro aproximou-se. Agora, que estava mais perto, podia ver que os olhos dele eram da mesma cor que o pelo, de um tom ligeiramente castanho-avermelhado. Tal como o cão que vira lá fora. Dariel estendeu-lhe a mão para que a cheirasse. Depois disso, o cachorro passou-lhe a língua cor-de-rosa e húmida pelos nós dos dedos. Antes que Dariel tivesse tempo de sorrir perante a alegria daquele gesto, a percepção de algo fê-lo parar.

— Aquela era a vossa mãe, não era? — Dariel avançou em direção à porta e analisou o espaço. Estava tudo como dantes, escuro e brilhante ao mesmo tempo, calmo e crepitante sem qualquer movimento visível, silencioso e cheio de uma cacofonia de sons. Estava tudo exatamente na mesma, não obstante, agora havia algo de diferente.

Olhando de novo para os cachorros, Dariel perguntou: — O que vou eu fazer com vocês os dois?

CAPÍTULO

QUATRO



∞ **R**ialus Neptus ia para a cama todas as noites a jurar para si mesmo que não estava a trair a sua própria raça. Estar realmente a fazer o que os auldek lhe tinham pedido fazia dele o maior vilão da História do Mundo Conhecido. Não se lembrava de alguém que tivesse descido tão baixo. Nem mesmo durante os anos infelizes em que servira Hanish Mein tinha sido um tão grande traidor. Nessa altura, apenas tinha estado à espera do momento certo, fingindo servir Hanish e os numrek. Havia dado provas disso ao colocar os numrek ao serviço de Corinn e ao salvar o império! Iria descobrir uma forma de o poder voltar a fazer. Iria mentir e inventar, confundir e obscurecer, enganar e desapontar, e, de alguma forma, emergir de tudo isso como um herói para a posteridade. Tinha de o fazer. Tinha uma mulher, chamada Gurta. Tinha um filho que já devia ter nascido e estava a viver neste mundo. Isso não seria mais importante do que tudo o resto?

Ir dormir com todas estas convicções, fez com que o despertar pela manhã fosse mais peculiar. Deu por si rodeado pelo inimigo. Viu-se a passar por gestos que se pareciam, cheiravam e se assemelhavam à mesma traição que tanto desprezava. A situação era suficientemente complicada para desafiar a capacidade que tinha de dar desculpas emaranhadas. Os numrek nunca haviam sido, de facto, fiéis aos Akaran. Os «aliados» que tinha levado até junto de Corinn há muito que planeavam a conquista de todo o Mundo Conhecido. A horda dos auldek que avançava à volta da curva do mundo era, em todos os aspetos, a ameaça que eles próprios se consideravam ser, e estavam constantemente a autoeducar-se relativamente a tudo o que era acaciano (sendo Rialus o seu instrutor). Em que momento, exatamente, se iria ele transformar no agente da defesa acaciana que pensava ser?

— Rialus, Homem da Liga!

Rialus ouviu o grito de chamamento vindo do lado de fora do seu quarto. Reconheceu a voz: era a de Allek. Rialus estava sentado com as pernas cruzadas, uma almofada para escrever à sua frente e uma caneta na mão, em equilíbrio por cima da almofada. “Deixa-me em paz”, pensou Rialus. “Continua”. Já tinha começado a escrever outra entrada no seu diário, numa tentativa de delinear as suas ações, justificando e explicando como se comportava quando estava com os auldek. Pensava que esses documentos seriam uma mais-valia, caso alguma vez viesse a ser chamado perante a Rainha Corinn. Por alguma razão, achava extremamente difícil organizar os seus argumentos de uma forma coerente.

Fingel desenroscou-se do canto do quarto onde se encontrava e dirigiu-se para a porta. Rialus acenou-lhe para que ficasse onde estava. “Não sejas parva, rapariga!”, pensou, tal como já havia pensado por diversas vezes. A jovem do Mein, que era a sua escrava desde Avina, demonstrava uma persistente falta de vontade para antecipar os seus desejos. Deveria ser óbvio como a morte que ele não queria ser incomodado.

— Está alguém à porta — disse ela, olhando-o fixamente com os seus olhos cinzentos.

Como se se tratasse de uma deixa, a porta circular foi aberta de par em par, para deixar entrar uma rajada animalesca de vento uivante que irrompeu pelos aposentos dentro, tornando-o imediatamente gelado. Uma silhueta coberta de pelo atravessou a soleira. O homem estava tapado da cabeça aos pés, encapuzado, e trazia óculos pretos. Lançou um olhar momentâneo pelo espaço; sem dúvida para permitir aos seus olhos ajustarem-se à luz esbatida da divisão.

— Rialus — disse Allek. — Veste-te! Para com esses rabiscos. Sabeer quer massajar-te os pés. Ou então... quer que massajes os pés dela. Já me esqueci de qual era. De qualquer das formas, ela mandou chamar-te. Qual foi o feitiço que lhe lançaste? — perguntou Allek.

— Não foi um feitiço, mas sim a minha inteligência e o prazer da minha companhia — respondeu Rialus.

A silhueta encapuzada soltou uma gargalhada grosseira.

— Sim, sim. O teu charme. Vem, Rialus! Mostra-me o teu charme em ação. Ela está no navio a vapor.

— Diz-lhe que estou ocupado, por favor. Que estou a...

— Vou arrastar-te pelos caracóis do cabelo se não te começares a vestir imediatamente. E, além disso, vou adorar fazê-lo. Tal como aconteceu da última vez.

“Continuas a ser uma besta”, pensou Rialus. — Está bem — balbuciou, colocando a caneta de lado e arrumando as suas coisas. — Já vou. Tem calma.

Com todo o cuidado, Rialus vestiu as calças justas forradas de pele e calçou as botas. Encolheu-se para dentro do casaco feito de pele de foca. O vestuário dava-lhe um aspeto inchado. Tinha aprendido da pior maneira de todas que se a roupa lhe ficasse folgada, o frio malévolo acabaria por encontrar o caminho para a sua pele, por isso fechou bem todas as fivelas. Até apertou a viseira para lhe proteger os olhos, e por fim colocou o capuz na cabeça. “Tudo isto para ir dar um passeio que apenas demora alguns minutos. Raios partam este lugar!” E com aquele pensamento, seguiu Allek até ao exterior.

O vento fustigou-o como se tivesse estado à espera por cima da porta, esperando que ele saísse para o agredir. Estava de pé, em cima de uma plataforma que se encontrava num dos lados daquilo a que os auldek chamavam estações, aos solavancos, perante uma paisagem na qual ainda lhe custava a acreditar. O espaço por ele ocupado não passava de uma câmara entre várias, que faziam parte da enorme estrutura feita de madeira e aço, uma torre móvel que abria caminho através da terra gelada com uma estabilidade implacável. À sua volta, deslocavam-se outras estações, puxadas por longas filas de rinocerontes a elas atrelados, a mesma espécie lanosa que os numrek tinham montado quando entraram no Mundo Conhecido. As estruturas rangiam e gemiam. As criaturas bramiam e resfolegavam. A neve que caía ocultava as outras estações, transmitindo a sensação de que continuariam a movimentar-se para sempre, muito para lá do alcance da sua vista.

As embarcações eram relíquias das antigas viagens dos auldek, rapidamente equipadas para aquela jornada. De facto, uma grande parte dos preparativos foi facilitada devido às enormes quantidades armazenadas de equipamento antigo e instrumentos a que os auldek apenas tiveram que sacudir o pó e colocar em uso. As estações. Vagões de carga. Os trenós. Reservas de armas e provisões, toneladas de cereais e outros géneros alimentícios armazenados em caixotes e barris. Tudo isto posto em movimento mais rapidamente do que Rialus alguma vez teria pensado ser possível. Os escravos guardavam manadas de animais no exterior de Avina. Rinocerontes. Antoks. Kwedeirs. Já para não mencionar os fréketes. Rialus não tinham avistado muitos monstros desde que o tempo frio se instalara, mas pensava que eram alojados em estações construídas propositadamente para eles.

Havia silhuetas em constante movimento, por baixo e entre as estruturas, conduzindo animais, içando provisões, fazendo um sem-fim

de coisas que eram necessárias para alimentar e cuidar de um exército sempre em constante movimento. Rialus duvidara que isso pudesse ser possível, mas os auldek (ou os seus escravos) eram mais eficientes do que havia pensado. Descarregavam as provisões de alimentos de uma forma organizada, que significava que podiam abandonar os veículos que os tinham transportado. Comiam os animais libertados desses veículos, ou quaisquer outros que tivessem ficado feridos ou adoentados. Rialus até suspeitava que os próprios escravos acabavam por se tornar em comida para os animais, ou pior que isso. Tentou não pensar no assunto.

Um homem cavalgava montado num antok, balanceando ao sabor das passadas largas que o animal dava, tão à vontade quanto um cavaleiro em cima de uma montada de confiança. O animal libertava pequenas nuvens de vapor branco por baixo das pesadas mantas de retalhos que o cobriam. Rialus sentiu uma onda de vapor à sua volta, embaciando-lhe a viseira. Conseguia cheirar o odor fétido libertado pelo bafo da criatura. Mas aquilo não fazia qualquer sentido. Não estava assim tão perto dele. Rialus esfregou a viseira durante alguns segundos, esborratando o que se passava diante dele. Puxou o capuz para trás e arrancou a viseira da cabeça.

O antok já se tinha afastado, mas tinha deixado ficar o hálito vaporoso para trás. Um ruído vindo por trás de Rialus fê-lo voltar-se, para dar de caras com os olhos azuis cristalinos de uma leoa das neves. A felina encontrava-se agachada a uma curta distância, numa saliência da estação, estava tensa, como se pudesse saltar a qualquer momento. Rialus não fazia a mínima ideia do que aquilo significava, mas a fêmea daquela espécie preocupava-o tanto quanto os machos maciços. Na Natureza, segundo lhe disseram, eram as fêmeas que faziam a maior parte das caçadas. Os machos limitavam-se a servir-se dos músculos para lutar entre si e conquistar as parceiras. Eram animais miseráveis, pensou Rialus. Tateou à procura da escada, passou por cima do bordo e desceu.

Ao descer da escada para o solo gelado, Rialus deu um salto para o chão, como sempre fazia quando saía da estrutura em constante movimento. Pôs-se de pé, tendo cuidado com as pesadas rodas do veículo, e teve de correr a custo para conseguir apanhar Allek. Descreviam um caminho em ziguezague, por entre o fluxo ribombante, vociferante e gemente de homens e máquinas, bem como de animais peludos, com chifres e presas, sempre fustigados pelo vento.

Entraram na estação de vapor por um alçapão que foi baixado para poderem saltar. Pouco tempo depois, após ter subido uma es-

cada em caracol, Rialus estava a lutar para se ver livre das roupas, já com a atmosfera mais quente à sua volta. Pelo menos, o navio a vapor tinha essa vantagem. Tratava-se de uma estação excepcionalmente bem construída, que apresentava um sistema de aquecimento complexo, alimentado pelo pez inflamável que os auldek tinham trazido em grandes quantidades. Uma fornalha que ardia algures bombeava suficiente ar quente para permitir que os auldek andassem pelo espaço meio-nus, com os escravos a abaná-los, a servir-lhes bebidas geladas e a massajá-los. Isso fazia sempre Rialus recordar-se dos banhos em Cathgergen, uma memória que tentava evitar, ao lembrar-se do desfecho da mesma.

— Ah, Allek, encontrei o meu Homem da Liga — disse Sabeer. — Nunca me desiludes.

— Tento não o fazer, minha querida — respondeu Allek, fazendo uma vénia com a cabeça.

“Minha querida?” Rialus esboçou um sorriso de escárnio interior. “Como se tivesses alguma hipótese com ela”.

— Vem, Rialus, senta-te junto de nós.

Sabeer encontrava-se recostada num divã baixo, apoiada sobre um cotovelo, bebendo algo de um pequeno copo azul. Era alta e tinha pernas compridas, com uma musculatura tensa que vibrava como uma mola em espiral, fazendo com que até os movimentos lânguidos parecessem, de alguma forma, perigosos. Vestia uma peça de linho fina, perfeitamente desenhada para envolver os seus contornos, mas, não obstante, ficar folgada. Uma outra mulher, Jâfith, encontrava-se deitada numa pose semelhante. Um homem chamado Howlk estava sentado com os pés dela no colo, uma postura absurdamente submissa para um guerreiro que, Rialus sabia disso, gostava de lutar nu em combates até à morte — ou até ao limite do que um mortal poderia suportar.

Dois humanos mantinham-se afastados daquele grupo, um deles a bater um ritmo num tambor que trazia à altura da cintura, enquanto o outro chocalhava uma matraca na palma da mão. Se não fosse o líquido lodoso nos copos, qualquer um poderia ter-se esquecido de que a estação estava a atravessar uma região coberta de neve.

Rialus sentou-se na almofada que Sabeer lhe indicou. Ficara petrificado ao descobrir que ela era a mulher de Devoth, mas não era capaz de perceber o que significava esse título. Raramente os via juntos, e quando isso acontecia eles comportavam-se mais como irmãos do que qualquer outra coisa — era um tratamento profundamente familiar, o suficiente para que também fossem profundamente desdenhosos um

com o outro). Mantinham aposentos separados, e Sabeer passava o tempo com quem muito bem entendia. E, por alguma razão, Rialus era uma dessas pessoas.

— Howlk estava a recitar uma canção para Sumerled — disse Sabeer, ao mesmo tempo que apertava a coxa de Rialus. — Continue, senhor. Deixe Rialus ouvir o fim.

O guerreiro auldek aclarou a garganta. Fechou os olhos, enquanto massajava a planta dos pés de Jáfith com os dedos e o tronco lhe estremeceu com o esforço, como se estivesse completamente concentrado na pressão dos seus dedos. Levantou as feições austeras, com o cabelo comprido a cair-lhe para cima dos ombros, e contou uma história de amor épico e tragédia, que teria feito todo o senado acaciano desfazer-se em lágrimas. Dois amantes foram vítimas da fúria dos Lvin, por um crime qualquer que Rialus não foi capaz de descortinar muito bem. Rialus já tinha ouvido poemas a serem recitados daquela forma anteriormente, mas Howlk possuía uma voz particularmente adequada para o efeito. Embora contra a sua vontade, estava petrificado.

Rialus tinha deixado de se surpreender com a complexa miscelânea que era a cultura dos auldek. Por vezes, pareciam ser tão bárbaros e inclinados para a violência quanto os numrek. Mas esses momentos não os definiam na totalidade. Devoth com os seus colibris dançarinos. Como quando Rialus viu os auldek desenharem tapeçarias de jardim com seixos coloridos, obras de arte complexas que iriam ficar borratadas e desintegrar-se quando aparecessem as primeiras chuvas. Tinham conseguido alcançar um equilíbrio nas suas vidas, mas tratava-se de um equilíbrio de extremos. Ali estava uma raça que seria capaz de gritar por sangue pela manhã e depois cuidar de quintas de escaravelhos nos seus terraços ao fim da tarde. Ali estava um povo que seria capaz de abandonar a sua pátria para marchar em direção à guerra, para depois trazer estranhos artefactos sensíveis com eles.

Nunca se haveria de esquecer do banquete improvisado que tivera lugar numa praia de pedras negras, com as ondas a rebentarem à distância. Os auldek arrancavam delicadamente as folhas violetas de um qualquer vegetal parecido com uma flor. Mergulhavam cada uma das folhas, semelhantes a couro, em óleos fragrantes e raspavam o tecido mais fino com os dentes superiores. Tinha um sabor agradável, depois de uma pessoa se habituar, mas foi aquele espetáculo de criaturas grosseiras, todas em silêncio a mergulharem as folhas, que ficou marcado nele como uma das mais estranhas visões que já presenciara.

Quando Howlk terminou a canção e recusou os aplausos que lhe foram oferecidos, Rialus perguntou-lhe: — Quantos anos tem essa história?

— Um par de séculos — respondeu Howlk. — Na verdade, trata-se de um poema recente.

— Tão recente assim? Então... o senhor conhecia esses amantes malfadados? Pessoalmente, quero eu dizer.

Howlk desviou o olhar sem dar resposta, instalando um silêncio incómodo.

Um movimento por cima do ombro de Rialus captou a atenção de Sabeer. Várias mulheres Lvin subiram as escadas em caracol. Embora fossem humanas, Rialus reconheceu-as imediatamente. Todos os movimentos por elas executados assinalavam a sua posição, não apenas pela afiliação com a tribo a que pertenciam, mas pela sua simples e sublime deslocação. Os seus corpos eram flexíveis e esculpido, aperfeiçoados através de um treino tortuoso que as transformara em lutadoras quase do mesmo nível que os próprios auldek. Andavam por ali usando apenas saias curtas. Tinham os seios a descoberto, com braços esculpido e longos músculos retesados nas pernas enquanto subiam as escadas. À semelhança do seu totem animal, moviam-se com uma graciosidade felina, volteando e subindo em direção ao próximo nível sem fazerem qualquer pausa.

Atrás das mulheres vinham os pavorosos caracóis e o rosto páli-do e leonino de Menteus Nemré. Tal como as mulheres que o haviam precedido, estava praticamente nu. Os músculos do escravo eram absurdamente protuberantes no peito e nos braços, revelavam elegantes secções bem definidas no abdómen, e destacavam-se nas grossas faixas que lhe percorriam as pernas. Parou a meio do caminho, enquanto subia as escadas, para analisar a divisão. Por um momento, pareceu estar a olhar tão fixa e intensamente para ele que Rialus sentiu vontade de se contorcer. Na realidade, contorceu-se. Não obstante, nada mudou na atenção que o olhar fixo de Menteus lhe dedicava.

À medida que o seu tronco ia ficando mais estreito, do abdómen para baixo, a cor da sua pele mudava de um pó branco para um magnífico castanho-escuro — a sua cor natural. Uma sombra de Talay. Parou no patamar e analisou o indolente grupo auldek.

Era estranho pensar que aquele homem era um escravo, uma vez que nada havia nele que denunciasse a mínima subserviência. Rialus nunca antes tinha estado tão perto dele. Não conseguia pensar nele sem ver imagens dos estragos que provocara aquando dos jogos, em Avina. A velocidade do seu ataque. A forma como os membros e o sangue voavam, devido à forma como manuseava a espada. A morte por ele infligida, sem qualquer outro objetivo senão o de determinar a ordem pela qual as tribos iriam marchar nessa campanha.

Ao aperceber-se de que o homem estava a olhar fixamente para Sabeer, Rialus olhou para ela. A mulher sorriu e baixou a cabeça em sinal de saudação. O olhar dela ergueu-se à medida que Menteus Nemré continuou a subir.

— Não devias fazer esse tipo de perguntas — disse Sabeer, referindo à questão colocada por Rialus. Inclinou-se um pouco mais. — Estás a deixar-nos embaraçados. Como vê, já nos esquecemos.

— Esqueceram-se?

Ela encolheu os ombros, acabou a conversa com um acenar de mão, e depois fez sinal aos músicos.

— Cantem!

— Diga-me, em que acreditas tu, Rialus? Ouvi a Quota falar de alguns deuses. Que existe um que dá prendas, não é verdade? — perguntou Howlk.

— O deus dos presentes — disse Allek, num tom sarcástico.

— Sim, esse mesmo. Pode convencê-lo a oferecer-me alguma coisa? Eu quero um monte de coisas boas.

Olharam todos para Rialus com um ar brincalhão nos rostos sérios, expressões que iam ficando mais divertidas à medida que ele tentava transmitir os detalhes essenciais que diziam respeito ao Doador. Mal Rialus tinha acabado de começar, Jâfith disse: — Que disparate! Acabaste de inventar isso tudo, Homem da Liga?

— Não, ouvi outros contarem o mesmo por diversas vezes — disse Allek. — A fé deles é fraca. Não fiques ofendido, Rialus. Que sentido faz um único deus ter criado tudo? Por que motivo iria ele criar... coelhos. São macios e fofos, não é verdade? E depois criar raposas que os caçam e desfazem em pedaços? Para quê fazer isso? Esse deus não é deus para os coelhos. É um demónio que favorece os seus inimigos. Mas nem esse deus honra a raposa, pois cria outros animais maiores do que ela. Cria lobos. Cria os vossos acacianos. Até tu, Rialus, serias capaz de matar uma raposa se tivesses um pouco de sorte e a arma adequada.

— E se a criatura for aleijada, ou velha — acrescentou Jâfith.

— Não faz qualquer sentido. É um deus baralhado que tanto cria caçadores como caçados, assassinos e os que são assassinados. Saúde e doença, tudo ao mesmo tempo...

— Não, o Doador não criou a doença — disse Rialus. — Foi Elenet quem fez isso!

— Elenet? — perguntou Sabeer. — Quem é Elenet?

— Um dos primeiros humanos. Ele seguiu o Doador, aprendeu a sua língua e tentou utilizá-la, mas quando o fez libertou a doença, a enfermidade, a morte. Coisas como...

A voz de Rialus começou a enfraquecer, à medida que a expressão triunfante no rosto de Howlk ia crescendo.

— Ouve aquilo que estás a dizer. Dizes que um humano roubou as palavras da criação a um deus? Tudo o que ele teve que fazer foi falar como um deus, para se tornar num deus?

— Isso é o mesmo que dizer que se roubares a armadura de Devoth e a usares, te tornas igual a ele — disse Allek. — É isso que pensas, Rialus?

— Não. Eu...

— Mas foi o que esse Elenet fez — disse Howlk. Rialus tentou dizer algo mais, mas Howlk falou por cima da sua voz. — Trata-se de uma loucura, do princípio ao fim. Sabes como é que o mundo realmente funciona? A vida é uma guerra. É a luta entre várias forças que a define. A fome corrói-te o estômago até ser derrotada pelo comer. E então, precisamente quando o comer começa a adormecer, a fome ergue-se e agarra-o pelo pescoço, matando-o por inanição. A noite subjuga o dia; o dia queima a noite. Para trás e para a frente. Para trás e para a frente. Guerra, Rialus, mas não o caos. É essa a diferença entre nós. Quando em conflito, tu e o teu povo veem confusão, veem algo que é preciso suportar enquanto esperam pela paz. Nós, todavia, vemos o conflito como sendo a vontade dos deuses.

— Eu acho que isto são boas notícias para nós, não é verdade? — perguntou Allek. Os outros concordaram que assim era.

Sabeer levantou-se.

— Rialus, não prestes atenção a estes tolos. Vem, vamos divertir-nos em privado.

— Eu? — perguntou Rialus.

Ela sorriu, num tom sugestivo.

— Sim, tu, nenhum dos outros me interessa esta noite.

Ouviu-se um enorme protesto em sinal de resposta, misturado com convites e encorajamentos sugestivos feitos a Rialus. As observações espirituosas seguiram-nos até ao fim da divisão, onde Sabeer calçou botas de pelo de raposa branca e um casaco, feito de uma qualquer outra pele, que enrolou à volta dela sem o apertar muito. Rialus, sem saber muito bem para onde estava a ir, mas tentando sentir-se aliviado por sair de ao pé dos outros, enfiou-se dentro das suas roupas exteriores. Rialus receava que Sabeer esperasse dele um desempenho do ponto de vista íntimo. Receava-o e, no entanto, não era apenas o seu estômago que formigava de antecipação.

Havia outro tambor a tocar nos aposentos de Sabeer. Alguns servos ainda pairavam junto deles, mas Rialus esqueceu-se deles mal Sabeer se deitou com ele. Ela pressionou o seu corpo robusto contra o dele, franzino. Ela rodeava-o, fazendo-lhe carícias, pressionando os seios contra as costas dele, e as longas pernas dela entrelaçadas com as pernas magricelas de Rialus.

Assim posicionada, ela passava o dedo para cima e para baixo no braço dele.

— Compreendeste o que os dois amantes fizeram de errado na canção cantada por Howlk? Eles eram velhos. Tu próprio sabes que nenhum de nós, dos auldek, é velho de corpo. Todos nós tomamos a nossa primeira alma numa idade de presunção. Compreendes? Se estávamos destinados a ser imortais, queríamos ser fortes para todo o sempre, jovens, bons a combater e a fazer amor, sem nenhum sinal do nosso princípio nem do nosso fim. É por isso que nenhum de nós está em corpos de crianças, não existem crianças imortais. Isso seria algo bastante perturbador, acho eu. Foi por isso que eu escolhi ter para sempre o mesmo aspeto que agora tenho. Fiz uma boa escolha, não achas?

Rialus corou.

— Vós sois... muito bem constituída.

— Tens cá uma língua de mel. — Sabeer soltou um riso por entre dentes, e depois ficou com um ar sério. — O que aqueles dois amantes fizeram de mal foi terem desdenhado a imortalidade. Desistiram dela e acabaram por morrer nas suas verdadeiras almas, as que tiveram de início. E depois essas almas verdadeiras deixaram os seus corpos envelhecer. Isso, por si só, transformou-os em... Não sei que lhes hei de chamar. Marginais. Não é bem isso. Num casal sagrado. Talvez o tivessem sido. Mas depois, ao aproximarem-se da morte, pediram novamente a vida. Nessa altura, quiseram almas do apanhador de almas. Compreendes que eles não o poderiam ter? Consegues imaginá-los? A eles, velhos para sempre? Apaixonados e velhos para sempre? Não, não podíamos permitir que isso acontecesse. Contudo, gostaria de me recordar deles. De me recordar mesmo deles.

— E não vos recordais?

Sabeer passou uma perna por cima de Rialus. A pele dela era macia e quente, e ele estava contente por estar de costas voltadas para ela, encurvado sobre a tumescência junto da sua virilha.

— Não, já há muitos anos que não me recordo. Nenhum de nós se recorda. Estou a fazer-te uma confissão, Rialus. Sabemos o que está escrito. Sabemos coisas porque mantemos o conhecimento vivo. Em registos. Em canções. Apenas podemos guardar as memórias de

oitenta anos, aproximadamente. A duração de uma vida longa normal. À medida que íamos crescendo para lá dessa idade as nossas infâncias desapareciam, e a seguir a nossa juventude, e até mesmo o dia em que comemos a nossa primeira alma e conquistámos a vida eterna. Rialus, outrora vivi no interior, num palácio nos Territórios do Oeste. Amei um homem chamado Merwyn. Vivemos setenta e cinco anos juntos, mas não conseguíamos ter filhos. A tristeza provocada por isso foi demasiada para ele, e decidiu libertar as suas vidas, para ter uma última morte. Pelo menos, é o que as histórias escritas dizem acerca dele. Eu própria não me lembro do que quer que seja. Afirmamos que abandonámos as cidades por causa de guerras antigas e carnificinas. Talvez seja verdade, mas não é por isso que reaceamos ter de voltar a travá-las. Acho que aquilo que nos assusta não é o recordarmos, o não conhecermos as nossas próprias vidas, sermos estranhos para nós mesmos.

— Eu... Eu compreendo — disse Rialus. — Deve ser como... como quando os velhos na minha terra perdem a cabeça e as memórias. Não é a mesma coisa, claro, porque se esquecem do ontem e se recordam do que aconteceu há cinquenta anos, mas algo do mesmo género. Saber, vós sois como nós. A vossa imortalidade não vos tornou diferente, de modo algum. Vós sois tal como...

— Não sejas tolo — disse ela. Apoiou-se em cima de um cotovelo e pressionou um dedo contra os lábios dele para o fazer calar-se. — Rialus, Língua de Mel. É o que te deveríamos chamar. Estás sempre a tentar salvar o teu povo. — Ela sorriu e inclinou-se o suficiente para o poder beijar. — Gosto de ti, Rialus, Língua de Mel, mas quando chegarmos às tuas terras, partirei para o campo de batalha com os meus parentes, tal como planeámos. E tu não podes mudar isso.

Ela afastou o dedo, mas Rialus continuava a senti-lo, como se tivesse deixado ficar uma marca nos seus lábios, uma ferida antiga e amarga, já cicatrizada. O que estava ele a fazer na cama com uma criatura daquelas? A ouvi-la. A falar com ela. A excitar-se com ela e, por um momento, a compreendê-la. “És um tolo, Rialus!” Em alternativa, tentou recordar-se de Gurta. Ela também se tinha enroscado à volta dele daquela maneira, mas tinha-o feito com o amor verdadeiro que sentia por ele. Ela dissera-lho tantas vezes. Gurta, não deixarei que fique contigo.

— Sabes, Rialus, consigo ver a beleza na tua raça. Já tive amantes da Quota. Não é uma vergonha. — Passou o dedo em pequenos círculos pela pele macia da parte de dentro do cotovelo dele, sorrindo perante alguma da alegria que aquela conversa lhe trouxe de volta.

— Não é vergonha nenhuma. Eu até gosto de ti, Rialus, embora seja estranho. Tu não és... quer dizer, um espécimen que possa ser considerado atraente pela tua raça, pois não? Nunca ninguém te disse que eras bonito, pois não?

Ela era uma mulher bárbara e malvada. Ele poderia ter descoberto mil formas de a insultar. Mas, em vez disso, ouviu-se a si mesmo dizer: — Não, nunca ninguém me disse que era bonito.

— Rialus — continuou Sabeer —, meu pobre Homem da Liga. Eu também não acho que sejas bonito, mas gosto de ti. Terás sempre o teu lugar junto de mim. Quando tudo tiver terminado e o teu mundo for nosso, devias vir ter comigo e ficarmos num palácio qualquer. Podes trazer a tua mulher, também. Onde achas que devo tomar um palácio?

“Nunca o hás de tomar”, pensou Rialus. “Tu e todos os da tua espécie hão de morrer primeiro. Certificar-me-ei disso”.

— Fala-me dos melhores de entre eles — incitou ela, dando-lhe uma cotovelada. — Conta-me aquilo que não contaste ao Devoth.

E, apesar dos pensamentos que pululavam na sua mente, ele começou: — Acho que deveríeis conhecer Calfa Ven, fica nas montanhas de Senival. É um pavilhão de caça...

— Oh! Caça... Isso parece-me uma ótima ideia.

“Se lá formos juntos, vou fazer de ti um alvo para treinar”, jurou Rialus. E depois, em voz alta, disse: — Ou os palácios do penhasco de Manil...

— Palácios em penhascos? Maravilhoso!

“Empurro-te de um deles abaixo e fico a ver-te cair no mar”.

Sabeer enroscou-se contra ele.

— Conta-me mais coisas.

E ele assim fez. Não conseguia resistir à tentação.

— Claro — replicou. — Existe também a ilha de Acácia...

CAPÍTULO

CINCO



Aliver Akaran esticou-se e tocou no queixo da estátua. Tateou os contornos do maxilar do talayano. Passou-lhe os dedos por cima dos lábios carnudos e acariciou-lhe o topo da cabeça rapada. Parecia extremamente real, até aos mais ínfimos pormenores — a textura da pele e das pestanas, a expressão de profunda concentração, as clavículas e o peito inclinados de corredor, e os músculos bem delineados das suas pernas. A estátua estava paralisada numa posição de movimento, com uma lança de ferro erguida no alto pelos dedos de uma das mãos. O outro braço encontrava-se apertado acima do bíceps por uma braçadeira. Uma faixa tuvey, recordou-se Aliver.

— Eu conheço-te — disse o príncipe. — Outrora, já corremos juntos.

Disse aquilo e sabia que correspondia à verdade. Ficou mais animado, mas também sabia que aquela silhueta não passava de uma obra feita de madeira, ferro e tecido. Os outros, que se encontravam espalhados pelo corredor iluminado por lamparinas, sentiam o mesmo que ele. O senivaliano usava uma armadura coberta de escamas e tomava o peso de uma espada curva com um braço robusto. As penas de águia do guerreiro vumu eram ostentadas numa faixa colocada à volta da sua cabeça. Os vários acacianos, vestidos com diferentes uniformes militares, possuíam um rosto semelhante ao de Aliver: com uma tez castanho-clara, feições regulares, os queixos altivamente erguidos e olhos escuros perspicazes. Até havia um soldado do Mein, de cabelos louros e olhos acinzentados, com um nariz e ossos da face salientes. No queixo brilhava-lhe uma barbicha de ouro.

— Eu conheço-te — disse Aliver. — Outrora, lutámos um contra

o outro. — Novamente, era verdade e mentira ao mesmo tempo. Havia tantas coisas que eram verdade e mentira ao mesmo tempo.

Olhando para trás ao longo do corredor que conduzia ao seu quarto de infância, Aliver não viu apenas o cenário que se revelava diante de si, mal iluminado e sossegado pela calada da noite, mas também viu um milhar de outras imagens daquele mesmo lugar. Viu-o pela luz da manhã e pelo brilho ofuscante da luz do céu da parte da tarde, abafado por céus cinzentos e carmesins quando o sol poente brilhava através das janelas voltadas para ocidente. Viu tudo aquilo pelos olhos da criança que corria pelo corredor fora, com passos rápidos e cheia de vontade de brincar. Viu tudo aquilo pelos olhos do jovem que fora, no dia em que o seu pai morrera, enquanto caminhava de costas erguidas e insensato orgulho. Viu aquele espaço repleto das pessoas que outrora tinham passado pela sua vida.

— Conheço-vos a todos.

Sentiu-se assaltado pela mesma sensação ao sentar-se no seu quarto antigo. Passou a mão pela colcha de seda. Pegou na estatueta de Telamathon — o que derrotara o deus Reelos e os seus cinco discípulos — e tocou no rosto do homem com os dedos. Observou as tapeçarias da parede e os bustos dos primeiros reis, voltados para leste a fim de saudarem o sol da manhã. O quarto continuava mobilado do mesmo modo que se recordava dele, quase como se tivesse sido preservado para o seu regresso. Mas sabia que não tinha sido assim. Ninguém estava à espera do seu regresso, muito menos ele. Mas ali estava, de corpo e mente; e com o passar das horas tornava-se cada vez mais ele próprio. E cada vez menos o que quer que fosse que tivesse sido.

Era quase como se a sua carne e a sua pele estivessem a encolher para se adaptarem à sua forma, ficando agora mais aconchegadas à sua volta. O que quer que fosse que Corinn tivesse feito para o trazer de regresso à vida, nunca deveria ter sido feito. Sabia disso com uma certeza que nunca antes sentira. Mas estava feito, e ele tinha que se habituar a viver com isso. Só não sabia muito bem *como* iria viver assim. Não obstante, o facto de ter andado a vaguear pelo palácio parecia tê-lo ajudado. Levantou-se e continuou.

Não teria sido capaz de explicar como sabia onde encontrar o rapaz. Limitou-se a levantar-se e a procurar. E ao procurar, soube. Entrou no quarto no momento em que saía de lá uma criada. Surpreendida com a sua presença, atirou-se contra a ombreira da porta e ficou direita como uma tábua enquanto ele se aproximava. Era uma reacção bastante semelhante à que os outros criados tinham ao cruzar-se com ele. Observou o rosto de feições suaves dela por breves instantes, não

o reconhecendo mas julgando-o agradável, e depois acenou-lhe com a cabeça ao passar por ela para entrar no quarto.

Aaden, uma criança com oito anos de idade, encontrava-se deitado em cima da colcha da cama. Vestido com roupa de dormir de seda verde, estava enroscado para um dos lados, com os joelhos puxados para cima e as mãos unidas. Havia algo na postura do rapaz que parecia ter encenado, demasiado meticuloso para ser natural. Talvez a criada o tenha apenas colocado noutra posição. Sim, era isso. Eles cuidavam dele enquanto dormia.

Aliver sentou-se ao lado dele. Sentiu-se como se já conhecesse o rapaz, como se pudesse sentar-se sem recear que o jovem pensasse tratar-se de uma intromissão, como se já tivesse passado algum tempo na companhia dele. Mas isso nunca acontecera. Corinn sempre adiarda o encontro de ambos, mas, naquele momento, ela não estava ali. O que também era uma coisa boa. Ele começava a conhecer-se a si próprio e ao mundo atual muito mais depressa, agora que não tinha de lutar com a energia cautelosamente enrolada que redemoi-nhava em torno dela.

— Quando vais acordar? — perguntou. — Gostaria que pudéssemos conversar, só nós os dois, por uma vez que fosse. Em tempos, já fui um rapaz como tu. Um príncipe a quem prometeram o mundo. Não restam dúvidas de que te mentiram... para o teu próprio bem, assim acreditam eles. Mas nada de bom provém das mentiras, nem mesmo das bem-intencionadas. Uma das coisas que não te contaram foi que o mundo não é realmente teu. És apenas uma parte dele. Nascestes não para ser servido por ele, mas sim para o servires. Pelo menos, era assim que eu sentia as coisas. Talvez o facto de teres nascido nesta família não tenha sido uma mera casualidade. Podes muito bem ser o maior de todos nós.

O maior de todos eles? Era essa a sua opinião? Que estranho, sentir isso tão enraizado em si, apesar de nada saber sobre aquele rapaz, para além da identidade dos seus pais. Corinn tinha dito algo acerca da grandeza de Aaden. Tinha dito muitas coisas; e tinha deixado muitas coisas por dizer. Aliver estava consciente de ambas. As conversas entre os dois haviam criado um mal-estar que lhe provocava um desconforto no fundo da consciência. Não conseguia encontrar uma forma de se aproximar e viver aquela situação, como uma parte de si desejava. Mesmo quando ela havia dito coisas com as quais ele não estava de acordo, sentira-se impotente para se opor verdadeiramente.

Alguns dias antes de ela ter partido para Teh, dissera-lhe que acreditava que os Santoth tinham tentado comunicar com ela. Afirmou que tinham falado com ela por intermédio de pessoas nos seus sonhos.

— Em tempos, pensei que isso não fosse possível — dissera-lhe. Estava sentada, a partilhar o fim da noite com ele. A lareira já tinha ardido, deixando ficar brasas incandescentes, o que fez o ambiente tornar-se mais acolhedor. Ele observava os dedos dela a revirarem um lenço rendado, a apertarem e a afrouxarem, a apertarem e a afrouxarem. — Mas agora, tudo é possível. Mesmo tudo.

— O que dizem eles? — perguntou Aliver.

— Fazem promessas. Súplicas. — Ela não olhava para Aliver. Quase parecia estar a falar pelos dois. — Pedem, pedem e prometem. É uma grande confusão, a sério!

— O que te pedem?

— Pedem-me que revogue o exílio deles, que os traga de regresso a Acácia, e que lhes entregue *A Canção de Elenet*. Comportam-se como se lhes pertencesse! E o que me prometem eles? São um tanto ou quanto vagos, relativamente a isso. Prometem ser o meu exército de feiticeiros. Para me protegerem de forças que eu não entendo. Como se precisasse deles para isso.

— Talvez precises. Eles cuidaram de mim. Corinn, eu fui à procura...

— Deles? Foste fazer um disparate. Ajudaram-nos a ganhar a guerra, portanto, não te culpo em demasia por o teres feito, mas aquilo de que precisávamos era mesmo a canção, e não de mais cantores para a entoarem.

Talvez ela soubesse o que era melhor. Os pensamentos dele ainda estavam algo turvos relativamente à sua vida passada. Mas, não obstante...

— Acabei por não os conseguir encontrar; foram eles que me encontraram. — Fora exatamente isso que acontecera. Tinha pensado que eles eram pedras. Teria morrido a escassos metros deles, se não se tivessem erguido e o tivessem salvado. — Apenas queriam ser libertados do exílio e poder voltar a estudar a língua do Doador.

— Sei muito bem disso — disse Corinn. — Estão desesperados por terem o meu livro na mão. Demasiado desesperados.

— No lugar deles, não terias tu também ficado desesperada? — Aquilo fê-la erguer o olhar. — Imagina se...

Aliver não foi capaz de terminar a frase. Com os olhos de Corinn fixados nele, intensos e brilhantes em sinal de aviso, as palavras dele

ficaram presas, como se a sua garganta tivesse sido apertada e silenciada. Durante algum tempo não respirou. Depois, começou a arfar e apercebeu-se de que respirava. Eram apenas as palavras que não conseguiam passar pelos seus lábios.

Corinn voltou a olhar para o lenço que tinha no colo.

— Deixaram-me em paz, há pouco tempo. Estou contente por isso. Os meus sonhos já são bastante confusos, sem a ajuda deles. Nós não precisamos deles. Tinhadin não precisou deles; e eu também não.

— Mas, e se...

— Não, eu estou certa — disse ela. — Deixa ficar as coisas como estão. — Antes de as palavras dela terem acabado de ressoar, já ele acreditava que ela estava certa. De certa forma, era um alívio. Tantas dúvidas confusas substituídas pela certeza dela. Ele nem sequer tinha a certeza daquilo que estivera prestes a dizer.

— Oh, olha para isto! — Corinn puxava algo do lenço. — Um ponto solto. — Puxou pelo fio, segurando-o com dois dedos. Soltou-se com facilidade. Fez estalar a língua contra o céu da boca, o que representava uma repreensão para quem tivesse tricotado o xaile. A seguir, após uma pausa deliberada, continuou a arrancar os pontos.

Sentado ao lado de Aaden, Aliver suspirou. Pensar na irmã deixava-o simultaneamente exausto e animado. Ainda não conseguia compreender o que tudo aquilo significava. Esticou-se e afagou os fios de cabelo ondulado da testa da criança, puxando-os para trás. Ele era lindo. Como poderia um filho de Corinn não ser belo?

— Eu queria que tu acordasses e falasses comigo, mas não podes. Por isso, devo ser eu a falar contigo. Que me dizes de uma história? Gostavas que te contasse uma história? — Aliver estendeu-se ao lado dele. — Ora vejamos...

E contou-lhe histórias. Não apenas uma. Mas várias. Falou-lhe de Kira, a rapariga que tinha um dom mágico. Conseguia dobrar pedaços de papel, com formas aladas, e atirá-los para o ar, transformando-os em aves com vida. Tratava-se de um talento simples, que ela julgava ser verdadeiramente inútil, até ela entendê-lo melhor. Falou-lhe de uma aventura que Bashar vivera enquanto andava a caçar o seu irmão em Talay, como caíra num poço profundo e só conseguira escapar com a ajuda de um homem sem pernas que escalava sobre as costas, o qual lhe mostrou como sair do poço. Contou-lhe pequenos fragmentos da sua própria infância, à medida que se ia recordando deles, e contou-lhe

metade da história de Aliss, a mulher de Aushenia que matara o Louco de Caraven. Mas só metade, apesar de tudo, pois apercebeu-se de que, em determinada altura, o final era mais sangrento do que aquilo que gostaria de descrever a um rapazinho que dormia.

Falou durante tanto tempo que acabou por ficar rouco e cair num longo e meditativo silêncio, enquanto olhava para o teto e ouvia a respiração tranquila do rapaz. Por fim, quando os flautistas tocaram o passar de uma terceira hora, Aliver colocou os pés no chão e levantou-se.

— Dorme em paz, meu sobrinho. Acorda em breve.

Tinha apenas começado a afastar-se quando os olhos do rapaz se abriram. Olhou para Aliver. As íris dos olhos dele eram do mesmo cinzento que os olhos dos Mein, o que era um contraste surpreendente com a amplitude das suas formas acacias. O rapaz bocejou durante algum tempo e depois humedeceu os lábios.

— Eu... Eu estive a sonhar.

Aliver nem sequer pensou que se devia mostrar surpreendido pelo seu despertar. Em vez disso, preferiu demonstrar alegria. Voltando a instalar-se na beira da cama, perguntou: — E sonhaste com o quê?

— Que estava a caminhar lá fora e que as nuvens eram pedras. Pedras enormes a flutuar.

— A sério? Eu não acho que as pedras consigam flutuar.

— Mas aquelas conseguiam. E sonhei que a água transbordava dos tanques existentes nos terraços, e os peixes começavam todos a nadar no ar. E eu também conseguia nadar, desde que tocasse nas gotas de água flutuante. Foi divertido, pelo menos até me recordar dos peixes-anzol. Quando me lembrei deles, soube logo que estavam a chegar, e lancei-me para o chão.

— Os teus sonhos têm muitas coisas flutuantes.

— Nem sempre. Certa vez, eu era muito magro. — Aaden levantou os braços e abanou-os ligeiramente, demonstrando uma parte da sua magreza temporária. — E noutra vez, conseguia comer tudo. Quero dizer, mesmo tudo. Podia morder uma parede e mastigá-la, e a colcha da cama, e a lamparina a óleo. Tudo. Nada me sabia bem, mas continuava a conseguir comer tudo.

— Isso poderia vir a ser-nos útil, em várias situações.

— Pois podia. Quando estamos a travar uma guerra. Seria muito mais fácil abastecer-se as tropas se os soldados conseguissem comer qualquer coisa. Pedras. Erva e outras coisas semelhantes.

Aliver esboçou um sorriso largo.

— Isso seria uma vantagem para nós, mas só se o inimigo não fosse capaz de fazer o mesmo.

— Não, não conseguiriam fazê-lo — disse Aaden, como se já tivesse pensado na resposta. A seguir, olhou para o teto, claramente a pensar em algo, e a considerar se deveria traduzir os seus pensamentos em palavras. — Sonhei que o meu amigo Devlyn tinha sido morto.

— Ah... — Aliver apertou o pulso do rapaz suavemente. — Isso não foi um sonho. Ou... não foi apenas um sonho.

— Eu sei. Mas, apesar de tudo, tinha esperanças que me disseses que tinha sido. Quem me dera que o tivesses feito. Eu teria acreditado se mo tivesses dito. Quem és?

Aliver aproximou-se um pouco mais de Aaden.

— Sou teu tio.

— Não és o Dariel — disse Aaden. — Ele foi para as Encostas Cinzentas.

— Não disse que era o Dariel. Eu sou o Aliver.

Aaden soltou um audível suspiro de confirmação.

— Claro que és! Foi a mãe que te trouxe de volta?

Aliver anuiu.

— E vais apanhá-los?

— Quem?

— Os meus guardas. Os que apunhalaram Devlyn. Eu vi-os a fazê-lo, sem qualquer razão. Também me queriam matar. Ele está mesmo morto?

— Acho que sim — respondeu Aliver. — Eu... sei que ele morreu, sim. Não tenho a certeza de como sei disso, mas a verdade é que sei. Eu sei muitas coisas, Aaden, mas são todas novas para mim. É como se... tivesse acabado de descobrir uma nova biblioteca cheia de livros. Eu tenho-os. São meus, mas ainda não os li todos. É capaz de me levar algum tempo.

O som de alguém a arfar chamou-lhes a atenção. A criada estava de pé, do lado de dentro da porta, com a boca aberta de espanto e uma pergunta debaixo da língua que não conseguia formular. Tentou várias vezes, depois voltou-se e saiu disparada do quarto.

— Ela não vai demorar muito tempo a regressar, acho eu — disse Aliver.

Aaden suspirou.

— Foi chamar a mãe?

— Não, a tua mãe foi para Teh. Estava zangada com todos os numrek, e não apenas com os guardas que vos magoaram, a ti e ao Devlyn. Acho que ela os foi castigar.

— Ótimo! Não há desculpa alguma para tal comportamento. O que lhes vai ela fazer?

Aliver passou a mão pelos cabelos do rapaz.

— O que querias tu que ela lhes fizesse?

— Não sei — respondeu Aaden. — Eles mataram o Devlyn. E ele era meu amigo.

— Isso foi uma ação má da parte deles.

Aaden juntou os lábios, contraindo-os, e depois anuiu.

— Por que motivo fizeram eles aquilo? Ele não fez mal algum, para além de ser meu amigo. — De repente, como se a mágoa dessa recordação tivesse acabado de explodir nele, Aaden chegou-se para a frente, encostando-se a Aliver. — Ele era o meu único amigo.

Aliver segurou o rapaz contra o peito enquanto ele chorava, afaçando-lhe o cabelo. Pelos vistos, Aaden não tinha herdado o dom do avô, o de ser amado por todos os seus pares. Gridulan fora o último monarca acaciano a ter um grupo de irmãos sempre do seu lado, leais e afetuosos, isto se as histórias sobre eles fossem de confiança. Leodan apenas tinha o seu traçoeiro chanceler, Thaddeus Clegg. O próprio Aliver poderia ter tido Melio como um companheiro chegado, mas fora demasiado tolo para aceitar as ofertas do jovem com a sinceridade com que lhe eram oferecidas. Pelo menos, Aaden sabia chamar amigo a um amigo.

— A tua mãe vai ocupar-se deles — disse Aliver. — Ela disse-me que iria tratá-los com justiça.

— Ótimo! — disse Aaden, com um travo amargo a trespassar a mágoa que sentia. — Devia matá-los a todos.

Aquelas palavras fizeram Aliver levantar-se. Matá-los a todos!? Seria essa a ideia de justiça do rapaz? Ou seria a da mãe dele? Soube imediatamente qual era a resposta, e com isso passou a compreender melhor a soberana em que a sua irmã se havia transformado. Assim como o tipo de mãe que era. Não foi capaz de decidir qual seria a melhor reação a ter, por isso, abraçou o rapaz até o pesar dele esmorecer. Enquanto o fazia, o seu horror perante o desejo de vingança de Aaden perdeu todas as formas de perspicácia e adquiriu arestas confusas. Achou tudo aquilo difícil de entender.

Por fim, Aaden afastou-se dele, parecendo estar exausto, para além de extremamente infeliz.

— Acho que estou cansado. — O rapaz deitou-se, pousando a cabeça na almofada, em cima da marca que o seu corpo já havia moldado. — Quando me levantar, temos que ir à procura de Elya.

— Elya!?!...

— Não conheces a Elya? Ela salvou-me. É um dragão. Bem... é uma espécie de dragão. É dragão. É lagarto. É pássaro. É uma mistura

dos três. Não sei bem que outro nome lhe dar sem ser o de dragão, apesar de tudo. Qual é a tua opinião?

— Não sei — admitiu Aliver. — Não tenho pensado muito em dragões. Mas já ouvi contar uma história ausheniana sobre dragões. Acho que se tratava de uma criatura com escamas, contra a qual Kralith, o deus deles com forma de grou branco, combateu por uma razão qualquer. Nunca pensei que existisse realmente um deus com forma de grou branco, e por esse motivo também nunca dei muita atenção aos dragões.

— Mas vais dar. Ela é maravilhosa. E voa. A Mena encontrou-a e trouxe-a para aqui. Onde está a Mena?

Onde estava a Mena? Só o simples facto de ter formulado aquela pergunta, gerou algo dentro dele. Não tinha uma resposta imediata, mas ao ter colocado a questão em palavras, sentiu-se abandonado e com o peso do mundo às costas. Ele não sabia onde ela estava, mas sentia que *poderia* saber. E poderia, se esperasse e deixasse as coisas acontecerem. Tal como aprendera a movimentar-se pelo palácio, única e simplesmente recordando-se dele. Tal como soubera onde Aaden estava a dormir, única e simplesmente porque se tinha colocado a pergunta, e pressentira a resposta de uma forma tão acessível quanto o ar à sua volta. Não conseguia tocar nesse seu instinto. Nem agarrá-lo firmemente. Mas conseguia respirá-lo. As respostas para tudo encontravam-se ali, à sua disposição, bastando-lhe apenas respirá-las.

— Ela foi para norte, — respondeu Aliver, — para o meio do frio. Foi travar uma guerra. E levou com ela a Confiança do Rei.

Aaden olhou-o de soslaio.

— Mas acabaste de dizer que não sabias onde ela estava. Ainda há pouco tempo me disseste isso. E agora já sabes?

— Eu já não estou como dantes.

— Antes, estavas morto.

— Exatamente!

— E agora já não estás.

— Precisamente!

Aaden contraiu os lábios, ponderou sobre o assunto, e decidiu: — Gosto mais de ti vivo.

Aliver sorriu.

— E que outras coisas sabes?

— Consigo ouvir a criada a voltar — respondeu Aliver. — E traz reforços com ela.

Logo a seguir, Rhrenna irrompeu pelo quarto, acompanhada por um grupo diversificado de pessoas (criados, médicos e funcionários da casa). A divisão foi imediatamente tomada pelo caos.

CAPÍTULO

SEIS



∞ **K**elis de Umae receava que os Santoth fossem tão notórios que anunciassem a sua presença a todos os talayanos. Enquanto ele, Shen, Benabe, Naamen e Leeka marchavam vindos do Sul Distante, as silhuetas silenciosas e encapuzadas seguiam no rasto deles. Pareciam uma mancha quando se movimentavam e os rostos delas apenas se vislumbravam à distância. Quando aqueles seres se aproximavam tornavam-se menos nítidos, e não mais, como seria de esperar. Embora passasse dias a fio junto deles, Kelis nunca tinha a certeza de quantos eram. Tentou contá-los, mas perdeu-se, pois ao ver que se estavam a misturar uns nos outros, apercebeu-se de que não conseguia recordar-se se já havia contado um determinado indivíduo ou não. O silêncio deles era mais irritante do que qualquer outra coisa. Não se tratava apenas da ausência de barulho; era mais como se absorvessem o som à volta deles. Por causa disso, e com alguma frequência, a cabeça de Kelis erguia-se repentinamente à sua procura, ficando com a impressão de que algo tinha sido roubado à riqueza do mundo na área por eles ocupada.

Estaria ele errado por não confiar neles? Era algo que não podia afirmar. Shen tratava-os como um grupo de tios encantadores. Aliver tinha passado algum tempo na companhia daqueles mesmos fantasmas. Eles haviam-no recebido de braços abertos, adorado, chorado e até chegado a vingar a sua morte. Por muito horrível que tivesse sido a sua violência na batalha contra as forças de Hanish Mein, a verdade é que tinham combatido por Aliver. Pelos Akaran. Tinham salvo inúmeras vidas talayanas e acacianas. E isso fora muitíssimo importante. Kelis apenas desejava que eles não lhe provocassem tal desconforto.

Depois de atravessarem o rio pouco profundo que delimitava a fronteira do Sul Distante, Kelis tentou dar o seu melhor para avançar por entre o caótico emaranhado de pequenas aldeias e comunidades de pastores sem estabelecer contacto humano. Por vezes, Shen olhava para ele com algum ceticismo; Benabe fazia o mesmo em relação a outros. Dava-lhes instruções sem qualquer tipo de explicações. Quando não tinham outra alternativa senão abrir caminho por entre um grupo rochoso de colinas, atravessando um vale que se espraiava até à aldeia halaly de Bida, Kelis chamou Naamen à parte e conferenciou com ele.

— Não sei o que poderá acontecer quando atravessarmos a aldeia. Estejam preparados para o que der e vier.

O jovem levou o braço bom à adaga embainhada.

— Eu estou!

— Shen não se preocupa com o facto de nos encontrarmos com outros povos, mas até os halaly têm olhos para ver. Não sei o que vão pensar dos Santoth, nem o que os Santoth lhes farão em troca. Se as pessoas os temerem, pode ser que nos deixem passar. Ou não!

— Acha que devíamos falar com o velhote acerca disto?

— Atualmente, Leeka Alain pertence a dois mundos. E já não compreende este lá muito bem. Não queria partilhar muita informação com ele. Está apenas preparado para enfrentar o que quer que seja. Nós somos guardiães. Não tomamos as decisões de Shen; limitamo-nos a protegê-la o melhor que pudermos, está bem?

— Não me consigo recordar de alguma vez ter tido qualquer outro objetivo em mente — disse Naamen.

Surpreendentemente, Kelis também não se recordava.

Os habitantes da aldeia de Bida tinham construído as suas casas a partir de rochas vulcânicas; eram formas irregulares que mantinham juntas com argamassa feita a partir de areia de cinza branca. À distância, a aldeia parecia uma manada de ruminantes pintalgados, a pastarem no meio das acácias. À medida que iam descendo em direção a ela, Kelis e Naamen seguiam à frente do grupo, com Shen, Benabe e Leeka a alguns metros atrás. O rebuliço em constante movimento que seguia atrás de todos eram os Santoth.

Os primeiros aldeões com que se cruzaram eram pastores, que conduziam touros com cornos compridos. Possuíam os rostos cheios e arredondados dos halaly, e eram morenos, mas de um modo diferente dos talayanos. Os seus olhares fixos e inexpressivos não revelavam hospitalidade nem agressividade. Deixaram os olhos revirarem-se para a mãe e a filha. E depois olharam para lá delas. Um deles disse alguma coisa a outro, numa língua que deveria ser um dialeto local. Seguiram

caminho, chicoteando os touros com uma vergasta para que não se afastassem do caminho. Kelis voltou-se para observar, e ficou espantado por ver os três homens e os touros a atravessarem pelo meio da hoste de feiticeiros. Os Santoth fluíam para a frente sem parar, abrindo uma passagem entre eles para que os aldeões pudessem passar sem sequer se aperceberem da presença deles.

Um pouco mais à frente, próximo da entrada da vila propriamente dita, um homem saiu da muralha defensiva e colocou-se à frente do caminho que seguiam. Empunhava uma lança, que poderia ser gémea da de Kelis, com uma haste da espessura de um dedo e uma ponta longa e achatada, tudo numa única peça feita de ferro.

— Conheces a sede? — perguntou o homem.

— Conheço, mas há água no céu — respondeu Kelis. O homem anuiu em sinal de aceitação daquela verdade, e Kelis acrescentou: — Estamos aqui de passagem. Simplesmente de passagem.

O homem estaria no seu perfeito direito de colocar um sem-número de perguntas. O que estariam a fazer os talayanos ao saírem do Sul Distante com uma mulher e uma criança? Porque estariam eles em terras halaly? Quem seriam todas aquelas silhuetas encapuzadas que estavam a espreitar por detrás deles? Qualquer uma destas perguntas, perfeitamente normais, seriam bicudas de responder, e Kelis sentiu as respostas por ele já preparadas como se fossem grãos de areia seca na sua língua.

A sensação foi tal que ele precisou de algum tempo para entender o que o homem lhe estava a dizer, à medida que ia descrevendo onde se encontrava o poço público, para lhes oferecer água caso necessitassem dela. Também disse que o mercado estava quase a fechar, mas, se se despachassem, ainda poderiam comprar comida para a viagem. Kelis olhava-o fixamente. Na verdade, Naamen teve de lhe dar um encontrão no braço para que ele se mexesse.

— É estranho — disse Naamen, quando se encontravam no meio das casas da vila.

— O quê? — perguntou Benabe. — O facto de estarmos a ser seguidos por um bando de feiticeiros antigos e meio-mortos? Ou o facto de ninguém parecer conseguir vê-los?

— Eu disse-te que nada de mal nos ia acontecer — sibilou Shen.

Atravessaram a povoação sem despertar mais curiosidade do que a que causaria um pequeno grupo de estrangeiros. Retiraram água do poço profundo. Era límpida e fresca. Nas tendas do mercado compraram cartuchos de papel com carne seca de antílope, *kive* em pó, folhas de chá amargo, e um colar comprido de pimenta púrpura, que Naamen

usava pendurado ao pescoço, como se fosse uma joia. Benabe escolheu contas, para enfiar num cordão e fazer uma pulseira para Shen.

Durante todo esse tempo, os Santoth seguiam no encalço deles. Invisíveis para os locais, agrupavam-se nas ruas, avançavam serpenteando por entre as tendas, e roçavam-se ao passar pelas pessoas, que não lhes prestavam mais atenção do que teriam prestado à passagem de uma brisa.

Kelis tentava não olhar para eles, mas era difícil não o fazer. Os Santoth faziam mais caso dos locais do que os locais faziam deles. Um Santoth parou na entrada de uma cabana e ficou a olhar fixamente para o interior da mesma durante um longo e arrepiante momento, antes de continuar o seu caminho. Outros pareciam desviar-se do coletivo e demoravam-se pelas tendas, passando as suas mãos amortalhadas pelos alimentos. Um deles encontrava-se a apenas alguns centímetros à frente de uma mulher que estava a falar, e a silhueta encapuzada encontrava-se tão próxima que a respiração da mulher agitava o capuz do feiticeiro. O coração de Kelis batia mais depressa do que se tivesse estado a correr.

De repente, uma criança deu meia volta e desatou a correr, atravessando a muralha de Santoth. Passou pelo meio deles, e os Santoth avançaram com apenas um ondular de agitação a assinalar o impacto do rapaz. Foi só mais tarde, quando Kelis a voltou a avistar, que a criança parou, tocando no peito com os dedos de uma mão, e olhando em redor, perplexa. Kelis manteve o grupo em movimento. O seu ritmo cardíaco não diminuiu de intensidade até se encontrarem bem longe da aldeia, caminhando novamente em direção à segurança das planícies.

A vista de Umae a brilhar cinzenta sob o luar era a paisagem mais bela e tranquila que Kelis via há muito tempo. Era a sua terra. A sua base durante tantos anos, onde a sua família ainda residia, um lugar repleto de memórias — incluindo muitas de Aliver. Aproximou-se dela sozinho, tendo deixado ficar os outros a alguns dias de viagem. Por recear a interferência de Sinper Ou, não queria que se aproximassem da aldeia. Se alguma coisa lhe acontecesse — se não regressasse a uma determinada hora, previamente estabelecida —, os outros deveriam continuar para norte a toda a pressa.

Entrou na povoação adormecida como se fosse um ladrão, que era precisamente aquilo por que os cães da aldeia o iriam tomar se o

ouvissem, vissem ou cheirassem. Circundou o local, para que o vento dissipasse o cheiro dele para longe da aldeia. Conhecia o caminho para o local onde se encontrava Sangae e começou a andar nessa direção, entrando e saindo das sombras, contornando cabanas, e seguindo ao longo das paredes dos armazéns, furtivamente, parando com frequência para escutar os ruídos da noite. Passou pelo muro do jardim da sua mãe, passando a mão pelos tijolos cozidos pelo sol e sussurrando um cumprimento para ela. O cão que se colocou à sua frente quando passava na entrada da cabana de Adi Vayeen já o conhecia desde que nascera. Kelis emitiu um som e fez o gesto que costumava usar com os canídeos. O cão sentiu a mão e encostou-se à perna dele. Kelis coçou-o durante algum tempo.

Apesar de toda a familiaridade, os dedos de Kelis tremiam enquanto estava na ruela, ao lado da casa adormecida de Sangae. Deu um puxão na fina cortina, que parecia uma parede pendurada a balancear ao sabor da respiração da noite. Afastou-a com um movimento que pretendia imitar uma rajada de vento. Durante o tempo que a cortina levou para regressar ao seu lugar habitual, perscrutou a divisão. A seguir, entrou pela abertura.

Sangae estava deitado de lado, dormindo em cima de uma esteira enrançada. Encontrava-se sozinho, como costumava fazer nos últimos anos, desde que a sua primeira mulher morrera e ele acabara por encontrar um sono repousante na solidão. Kelis tinha apenas dado um passo para se aproximar quando os olhos do idoso se abriram subitamente. Fixaram-se em Kelis, que devia ter parecido uma silhueta incaracterística contra o pano da entrada iluminada pelas estrelas.

— Pai, perdoe a noite pela sua escuridão — disse Kelis.

O idoso levou algum tempo para lhe responder.

— Eu perdo, porque o ar da noite é fresco. Kelis?

— Sou eu.

Sangae ergueu-se para se sentar e recebeu um abraço de Kelis. Apertou-o com força durante algum tempo e depois afastou-se. Passou os dedos pelas feições do homem mais novo.

— Tu estás vivo?

— Estou. Estamos todos vivos. E Shen também.

— Acende uma lamparina para podermos ver — sussurrou Sangae, fazendo sinal na direção de uma lamparina de fazer chá que se encontrava no chão a seu lado. — Mantém a chama baixa. Aqui há perigo. Não, espera, vamos um pouco mais para dentro, antes de acenderes.

Alguns minutos depois, os dois homens estavam sentados de frente um para o outro, em cima de pequenos bancos existentes no barracão de armazenamento do complexo. A lamparina projetava um brilho amarelado que lhes delineava as feições de baixo para cima; em redor deles encontravam-se vasos enormes, prateleiras com artigos para a casa e pilhas de sacos com cereais. Sangae chamou delicadamente pelos cães e amarrou-os para que guardassem o barracão.

Kelis contou-lhe a estranha viagem que fizeram até ao Sul Distante. Sangae ouviu-o, enquanto preparava um pequeno bule de chá que colocou por cima da lamparina. Kelis sentia as palavras fluírem-lhe com grande facilidade. Não se tinha ainda apercebido do quanto guardava dentro de si. Quando fugira da manada de *laryx* com Shen presa às suas costas. As montanhas que se moviam em redor deles, como se a terra estivesse a deslizar-lhes por baixo dos pés, em vez de serem eles a caminharem em cima dela. Bandos de aves que voavam por cima deles como se fossem dardos, para de seguida se despenharem e morrerem. A forma como, certa manhã, os picos acabaram, e o famoso general, Leeka Alain, estava de pé à espera deles, sozinho no meio do deserto. Quando caminharam ainda mais para sul, até lhes aparecerem os Santoth, sob a forma de pedras em redemoinho e quando levaram Shen com eles durante algum tempo, para depois a trazerem de volta e anunciarem que iriam todos marchar para confrontar a rainha.

— Isso foi sensato — disse o idoso, depois de Kelis lhe ter explicado que tinha deixado ficar os outros num esconderijo, bem longe da aldeia. — Sinper Ou tem espiões em todo o lado. Mesmo aqui, receio dizê-lo. Ele nunca confiou em ti. E Ioma ainda menos. Sabias que ele começou a enviar espiões através das planícies logo após tu teres partido? Ele roía-se todo por dentro por ter deixado ir a rapariga. É só me deixou voltar para casa porque pensava que me ia apanhar a fazer alguma coisa.

Sangae serviu um pequeno pires de chá de arbustos e ofereceu-o a Kelis. O homem pegou nele e bebeu.

— Sinper Ou tem muitos amigos, Kelis. E muitos mais gostariam de ser amigos dele. Com dinheiro a rodos como ele tem, comprou muitos olhos.

— Shen tem os seus próprios amigos. Estou a referir-me aos Santoth. Eles vieram connosco. Querem impedir Corinn de causar dano com a sua magia. Eles sentem-no, disse-me Shen, e sabem que ela está a abrir fendas no mundo, ou algo do género.

Sangae abriu a boca, mas de nada se lembrou para dizer.

— Duvido que alguém fosse capaz de lhes roubar a Shen contra a

sua vontade. Eu não sei o que são os Santoth. Nem o que eles querem, na realidade. Já estou com eles há algumas semanas, mas não se deixam ver. Não obstante, Shen confia neles, mas...

— Então, também tu deves confiar.

— Mas não confio — ouviu-se a si próprio dizer. — Eu bem tentei, mas não consigo confiar neles.

— Porquê?

Kelis fez estalar a língua no céu da boca.

— Não sei. Eles parecem-me... falsos. Nunca pronunciam uma palavra.

— Porque as línguas deles são perigosas. E tu sabes disso. Talvez tenha chegado o tempo de eles se voltarem a juntar ao mundo. Se a Corinn os pudesse ensinar... poderia vir a tornar-se incrivelmente poderosa. Como Tinhadin. Isso ter-me-ia assustado anteriormente, mas, escuta, há algo mais. — Sangae pousou a mão velha e áspera em cima da de Kelis e apertou-lha. — Perdoa-me por não te ter contado isto antes. Queria ouvir as tuas palavras antes de toldar a tua mente com o que te vou contar. Até pode não ser verdade, mas muitos acreditam que o é. As pessoas andam por aí a dizer que Aliver está vivo. Dizem que Corinn o trouxe de regresso à vida servindo-se da Canção. As notícias acabaram de chegar a semana passada. Toda a região a norte daqui já o sabe. Os peregrinos estão a avançar em massa para Acácia.

E o mesmo estava a acontecer com uma parte da mente de Kelis. Os pensamentos fugiam-lhe com uma rapidez tal que o seu corpo ficou momentaneamente vazio.

— Não há melhor altura para levar Shen e os Santoth para Acácia. Isso pode resolver tudo. Sinper Ou ainda representa um perigo, mas se lewares Shen ao pai dela, ele deixará de ser uma ameaça. Tens de levá-la, tal como te pediram que fizesses. Continua no teu pequeno grupo. Mantém os Santoth escondidos. Junta-te aos peregrinos que se dirigem para Acácia e anuncia a chegada de Shen diretamente a Aliver.

— E se, na realidade, ele não regressou?

Sangae passou os dedos pela pele enrugada da testa.

— Reza ao Doador para que ele tenha regressado. Pressinto que o destino do mundo depende novamente dele.

CAPÍTULO

SETE



Perante um encontro de mercadores de Bocoum, Barad, O Pequeno, sabia exatamente o que queria dizer. Havia recitado as palavras dentro da sua cabeça, tanto quando estava acordado como durante os seus sonhos. Iria dizer-lhes o seguinte: — A dinastia Akaran foi estabelecida tendo por base atos perversos. Profundamente enraizado nas almofadas dos cadeirões reais encontra-se o sangue de dois irmãos chacinados pela mão de outro irmão. Trata-se de uma nação construída a partir da rutura das relações entre velhos amigos, tendo um deles enviado o outro para o exílio. É o produto de um homem tão enlouquecido pelo poder dos seus feitiços que acabou por banir da nação os seus companheiros, para os punir por se terem insurgido contra ele. Um povo só tem duas escolhas quando confrontado com uma verdade tão aterradora: negá-la e continuar a viver chuchando na teta da mentira como crianças; ou enfrentá-la com olhos de adulto bem abertos. E se a enfrentarem, o que se seguirá? Existe apenas uma possibilidade. Têm de dismantelar a mentira. Têm de deitar abaixo tudo o que foi construído a partir dessa mentira, uma vez que se encontram corrompidas e vos derrubarão antes de terem tempo para virar a cara.

Os mercadores ouviram-no, aplaudiram-no, louvaram a rainha e agradeceram-lhe pelas palavras proferidas.

Dias mais tarde, enquanto falava para os ricos de Manil, decidiu dizer o seguinte: — Os senhores podem perguntar-me «Por que motivo devo mudar aquilo que até agora tem funcionado tão bem? Por que motivo devo lançar por terra a minha riqueza, o meu orgulho e a minha História?» Eu digo-vos que não possuem riqueza alguma. Que não têm qualquer orgulho. Que não possuem um verdadeiro conhecimento da História. Todas essas coisas a que se agarram não passam de

vapores disfarçados de verdade. Um homem não pode comer vapor. Uma mulher não pode enrolar vapor à sua volta e encontrar calor. Uma criança não pode acordar a meio da noite e correr à procura de vapor para obter conforto. E os senhores podem dizer-me «A minha mãe viveu e morreu assim. O meu avô viveu e morreu assim. O mundo pensa que a minha nação é suprema. Mas que loucura o senhor querer que eu vire as costas a tudo isso!» De que forma posso eu refutar essas palavras? Com uma certeza. E essa certeza é a de que todos os crimes, mentiras e falsidades vos serão devolvidos, e com juros. Mas os senhores podem dizer «Prove-nos isso.» E tudo o que tenho que fazer é apontar para norte. Estou a falar do que avança na nossa direção, atravessando o gelo. Não se trata de invasores estrangeiros. Não se trata de uma extravagância do destino. Não se trata de horrores montados contra nós sem qualquer explicação. O que avança na nossa direção são as figuras vivas dos nossos anos e anos de loucuras e injustiças.

Os ricos de Manil fizeram brindes em honra dele.

Antes de uma reunião do Senado Acaciano, em Alécia (convocado para uma sessão especial a fim de o ouvir), ele tencionava rugir, e foi o que fez: — Apenas uma coisa pode ser feita! Devemos despedaçar todas as mentiras. Devemos transformar em farrapos as fraldas com que nascemos, afastar-nos da ilusão, ficar nus e assustados durante o tempo suficiente para reorganizarmos o mundo tal como, por direito, ele deveria ser. Vai ser difícil. Vai ser doloroso. Vai ser uma experiência como nenhuma outra por nós antes enfrentada. Mas sairemos dela mais próximos dos verdadeiros seres que todos nós desejamos ser. Seremos irmãos uns dos outros.

Por entre os rostos jubilantes que o aplaudiam à medida que ele ia saindo dali, Barad viu Hunt, o companheiro que representava Aos. Este estava parado, com a boca fechada e um ar sério. Barad queria correr na sua direção, mas, em vez disso, passou por ele, voltando a cara para o lado à medida que se ia aproximando. «Por que razão fiz aquilo?» perguntou-se, ao mesmo tempo que os pés o afastavam para longe dali.

Depois de ter terminado cada um destes discursos, quando já não tinha mais palavras e a sua voz grave ficou calada, quando abandonou os seus gestos animados e olhou, através dos seus olhos de pedra, para os rostos em que as suas palavras haviam realizado milagres... apercebeu-se de que não tinha dito uma única palavra do que tencionara dizer. Em vez disso, tinha louvado a rainha. Tinha-lhe tecido elogios e reforçado os grilhões do império. De certa forma, ela controlava cada palavra proferida pela boca dele. Cada destino fora por ela escolhido.

De cada vez que ele voltava os seus passos numa determinada direção era para seguir um caminho que ela já havia previamente delineado.

Às vezes, as palavras que ele pronunciava eram de sua autoria, mas apenas por breves instantes. Ocasionalmente, comentários mais mordazes, alguns apartes, e até mesmo críticas à rainha, escapavam-se-lhe dos lábios. Nos primeiros dias, ele tinha pensado que poderia basear-se nisso, interligando-os por forma a poder explicar os seus verdadeiros sentimentos. Mas apenas conseguiu tecer um humor insensível e familiar com esses mesmos comentários.

Nem tão-pouco conseguia demonstrar o quanto gostava das pessoas para quem discursava, algo de que se recordava a cada instante. Reconheceu os rostos dos agricultores que habitavam a norte de Danos. Eram os mesmos no seio dos quais ele havia cuidado do Rei Grae, de Aushenia. Agora, enquanto lhes falava, podia ver nas caras deles o quanto se esforçavam para ligar a sua mensagem anterior com qualquer que fosse a ideia que ele estivesse agora a defender. Em Bocoum, uma mulher de certa idade olhou-o fixamente com os olhos raiados de sangue, o rosto dela estava enrugado devido a um qualquer grande esforço de compreensão. Ele queria tanto explicar tudo àquela mulher. Em vez disso, resolveu fechar a boca e contrair os lábios, enquanto se voltava para se afastar.

Enquanto observava a sua embarcação a zarpar do porto de Alécia, viu os rochedos de onde as crianças mergulhavam para irem nadar com golfinhos. Foi atingido por um salpico de espuma nos dedos, que depois levou até aos lábios. Esta era uma terra digna de ser amada, povoada de almas que ainda não tinham tido o direito de ser quem realmente eram. Embora tivesse regressado a Acácia cheio de medo, até a visão da ilha o fazia recordar disso. Aos seus olhos, a ilha e o céu, o mar revoltado e as criaturas saltitantes que nele habitavam eram todas gradações de pedra, com texturas diferentes de um mundo de granito. Num determinado local, as pedras eram compactas. Num outro, as pedras eram líquidas. Uma pedra transparente como o vapor aqui, e uma outra reluzente como o dorso molhado de um golfinho acolá. Ele via tudo com uma claridade que não era diferente da anterior, mas tratava-se de uma claridade de areia e rochas, com tons de branco, cinzento e preto.

Nos seus sonhos, o mundo era como sempre fora, por vezes tão vibrantemente colorido que ele acordava sobressaltado com a alegria de o ver. Acordava naquele mundo de blasfémia cinzenta. A forma como Acácia trespassava aquele mar de cor turquesa. Socalco após socalco, subindo cada vez mais alto, tão cheios de cor, cada pináculo uma

joia a tentar brilhar mais do que os seus pares, à medida que perfurava o ventre do céu. Como poderia o coração de uma nação tão corrupta ser tão tremendamente belo? Como poderia um mundo em que ele tinha vivido durante tantos anos continuar a surpreendê-lo, a confundi-lo e a derrotá-lo? Como poderia ele ver uma coisa e recordar-se de uma outra, a cada um dos minutos que passavam da sua liberdade aprisionada?

Era de enlouquecer qualquer um, mas ele não deveria mostrar-se surpreendido. A rainha dissera-lhe que as coisas se iriam desenrolar daquela forma. Há algumas semanas, quando ela avançara para ele e lhe segurara a cabeça entre as mãos, ele teria levantado uma mão para a esmagar. E tê-lo-ia feito, não fosse ela ter enfiado os dedos nos olhos dele, pressionando-os. Havia nos lábios e nos dedos dela o zumbido de um poder que anulava a ligação entre a vontade dele e a sua capacidade de reagir. A raiva que sentia não desaparecera no seu interior, mas o punho erguido para a esmagar não tinha qualquer relação com isso. Ficou suspenso no ar durante algum tempo, até os dedos se abrirem e a mão acabar por se pousar, suavemente, no braço dela.

— A tua mente pertence-me — sussurrara ela.

Em resposta, ele formulara blasfêmias por detrás dos lábios, refutações, uma litania de condenação. Quando mexera os lábios, dissera: — Sim. — Ao ouvir as suas palavras gritara: — Não! — mas os lábios dele tinham dito: — Sim.

Tendo deixado de ser um pária, Barad podia vaguear por onde quisesse no interior do palácio, mesmo pelos terraços mais altos que ficavam próximo dos aposentos reais. Estava aprisionado, mas, para o mundo inteiro, parecia ser um homem livre. Podia seguir os seus pés até onde o quisessem levar. Manifestamente, a rainha tinha dado instruções para que ele fosse tratado como qualquer dignitário de alta patente, sempre que se encontrasse na ilha. Mas não podia empreender ações provenientes de quaisquer desejos que fossem contrários às aspirações da rainha. Podia decidir abandonar a ilha e esconder-se num sítio qualquer, mas acabaria por se esquecer da sua missão logo após os primeiros passos que desse. Certa altura, até chegou a imaginar a sua própria morte. Mas, em vez de se servir da faca que havia escolhido para a cravar na sua própria carne, decidiu utilizá-la para descascar uma maçã.

Por causa daquela maldição, estava agora sentado num banco, no centro da construção labiríntica de canais, ouvindo o gorgolejar do fontanário, e observando os peixes que se moviam lentamente, deslizando por entre a água que passava por baixo dele. Estava exatamente onde a rainha queria que ele estivesse. E sabia disso, mas nada podia fazer.

Rhrenna estava sentada ao lado dele, escrevinhando notas numa folha de pergaminho.

— Uma viagem cheia de sucesso, diria eu. A rainha vai ficar contente contigo.

Barad desviou o olhar da água e revirou os olhos na direção dela. O esforço empreendido para mexer as órbitas de pedra foi considerável. Fatigava-o mais do que movimentar o seu enorme corpo pelo mundo fora, e se mexesse demasiado as órbitas ficava com dores de cabeça que podiam durar dias. No entanto, elas tinham uma vantagem. Por vezes, viam com uma clareza que os seus antigos olhos nunca tinham possuído. Na verdade, não se tratava de uma questão de acuidade visual. Era mais por traduzirem a verdade de uma forma mais completa, como se ele conseguisse ler as emoções e os pensamentos tão distintamente quanto via as feições que os escondiam.

Aclarou a garganta para evitar responder ao comentário dela. Ter-lhe-ia dito que detestava a rainha, e que não queria saber se ela ficaria contente ou não. Ter-lhe-ia cuspidado e chamado serva da repressão, um instrumento iludido de uma mestra perversa. Mas nada disso teria saído como ele pretendia.

— Encontraste-te com algum dos teus antigos conspiradores? Com algum dos companheiros, como lhes chamas?

— Sim, em Manil — ouviu-se a si mesmo responder. — Hunt chegou de Aos.

— E?...

— Ele pensa que estou louco — respondeu Barad.

Rhrenna sorriu, uma expressão que lhe fazia semicerrar os olhos, deixando-os quase fechados.

— Sim, mas para louco fala com muita sabedoria. Tenho a certeza de que foi isso o que o deixou ofendido.

— O que o deixou ofendido — disse Barad, — foi que os companheiros se desagregaram. E culpa-me por isso. A notícia do meu apoio à rainha espalha-se à minha volta como se fosse uma doença.

— Acho que é mais como uma cura, uma cura contagiosa. — Rhrenna entrelaçou as mãos em cima da escrivaninha e observou o céu. Delicadas faixas de nuvens rendilhavam a imensidão azul. O ar

tinha um ligeiro toque de frio, a brisa que dava a ideia de outono na ilha. — A rainha vai ficar contente contigo, quando regressar.

Barad apercebeu-se de que uma das lascas de carvão duro com que Rhrenna estava a escrever tinha caído para cima do banco. Enquanto ela continuava a olhar para o céu, ele colocou a sua mão enorme sobre a lasca. — E quando vai ela regressar?

— Dentro de uma semana ou duas, no máximo. A campanha dela foi um absoluto sucesso. Ontem à noite recebi uma ave-mensageira. Está a recuperar do esforço despendido, e dentro de pouco tempo estará a caminho. Teria vindo mais cedo não fora ter ficado doente depois de destruir os numrek. Foi muito esgotante para ela. Devia ouvir as coisas que as pessoas andam a dizer. Consegue destruir exércitos inteiros. Ninguém é capaz de se lhe opor.

— Isso é verdade? Ninguém mesmo é capaz de lhe fazer frente?

Rhrenna enrugou o pequeno nariz arrebitado antes de responder: — Ninguém que eu conheça.

“Ela massacrou o teu povo”, pensou Barad. Era suficientemente esperto para não o dizer em voz alta, por isso, limitou-se a guardar aquele pensamento e a olhá-la fixamente com o olhar de pedra. Apertou a mão à volta da lasca de carvão e segurou-a com o punho fechado.

— Não olhes para mim dessa forma — disse-lhe Rhrenna. — Não és a primeira pessoa a ter que se dobrar perante a vontade dela. Todos nós o fizemos. Devias tentar aprender a viver com isso. Foi o que eu fiz. Barad, nós vivemos numa época verdadeiramente espantosa. — Rhrenna pousou os pergaminhos ao lado dela e levantou-se. — Podes não amar a tua rainha, mas se existe alguém capaz de nos liderar atualmente, é ela. Olha, acabam de chegar visitas principescas.

Aliver e Aaden entraram nos jardins. Barad ainda não tinha visto Aliver, mas reconheceu-o imediatamente. O tio e o sobrinho caminhavam lado a lado, falando calmamente, com a criatura alada a alguns passos atrás deles. Os príncipes viram-nos, acenaram, e aceleraram o passo. A criatura ficou para trás, afastando-se ao longo da beira dos canais, espreitando para dentro de água enquanto caminhava com suavidade, à semelhança de um caçador benevolente. Barad sabia que ela era um prodígio, sobre o qual se falava por todo o império, mas era o príncipe renascido quem realmente o deixava fascinado.

Parecia-se exatamente com o que Barad havia imaginado. Jovem. Esguio e agilmente musculado, com uma postura direita e movimentos casualmente régios. Possuía o mesmo rosto que Barad tinha visto

irromper nos seus sonhos enevoados de há alguns anos, à medida que a revolta contra Hanish Mein ia aumentando de intensidade. Sabia que quando ele falasse o faria com uma voz que Barad já conhecia, a mesma voz que o encorajara com o poder da verdade. Se alguma vez algum homem fora o seu rei, fora aquele.

Na altura, Barad fez o que fez sem sequer saber que o estava a fazer. Barad, *O Pequeno*, que durante anos discursara contra a falsidade do regime monárquico, lançou-se para a frente. Aterrou com violência em cima dos joelhos e dobrou-se ainda mais para diante, até pressionar o rosto contra as botas delicadas de Aliver. Ouviu o príncipe pedir-lhe que se levantasse.

— Isso não é necessário — disse Aliver. — A sério, Barad, não tens qualquer obrigação de te inclinar perante mim.

— Ele deveria inclinar-se — disse o jovem príncipe, Aaden. — Era inimigo da minha mãe. Podíamos tê-lo matado!

— «Era!» — salientou Rhrenna. — Era nosso inimigo, mas já não o é.

— Não — disse Aliver. Tocou no ombro de Barad, passando-lhe os dedos por baixo dos braços, e puxou-o, fazendo-o levantar-se. — Nunca foi um inimigo. Nunca o foi verdadeiramente.

Barad olhou para cima, em direção ao rosto do príncipe. Queria dizer-lhe que ouvira muitas vezes a sua voz nos sonhos que tivera. Há alguns anos, a sua voz tinha-o salvado, tinha-lhe dado um objetivo, tinha-o incitado a revoltar-se em Kidnaban. Queria admitir todas essas coisas. Mas, em vez, disso, disse: — Que a rainha seja louvada, pois foi ela quem trouxe de volta aquele que estava morto.

Aliver não pareceu impressionado.

— Barad... — começou o príncipe, mas depois, ao olhar de relance para Aaden, pensou melhor. — Sim, que a rainha seja louvada. Ela traz muita vida, não acham?

— Deviam ver como ela fez aparecer água no deserto — ciciou Aaden.

Barad voltou a ocupar o seu lugar no banco e sentou-se a ouvir os gracejos entre Aliver e Aaden, com Rhrenna a desempenhar o papel de terceiro protagonista. Aaden contou que tinha acabado de mostrar ao tio os ovos de Elya. O rapaz pensava que os filhotes estavam quase a nascer. Até os via mexer no interior do revestimento rijo da casca.

— Só estão à espera que a mãe regresse — concluiu Aaden.

O simples facto de pensar naquele regresso provocou um arrepio de medo em Barad, mas sabia que o calafrio não era visível no exterior do seu corpo.

Aliver recordou o tempo em que era rapaz e nadara pelos túneis que ligavam os lagos entre si. Fora nessa altura que descobrira que os lagos faziam parte de um único sistema. Se conseguisse sustentar a respiração o tempo suficiente, poderia desaparecer num determinado local, nadar por entre a escuridão, e emergir num outro canal, um que, visto do lado de fora, parecia estar separado de todos os outros.

— Eu sou capaz de fazer isso — disse Aaden. — Consigo sustentar a respiração durante muito tempo.

— Hum, não sei não — disse Aliver, olhando para o tamanho dele. — Eu era mais velho do que tu quando experimentei pela primeira vez.

— Mas eu sou melhor nadador.

— E como é que tu, ao certo, sabes disso?

— Porque sei.

Aliver fez uma cara carrancuda.

— Talvez seja uma boa altura para fazermos uma aposta. — Aaden deu um salto de alegria perante aquela sugestão.

— Está muito frio — disse Rhrenna. — Vai apanhar um resfriado. Estamos quase no inverno, Vossa Majestade.

Aliver piscou-lhe um olho e sussurrou: — Os lagos conservam o calor do verão durante mais tempo do que seria de esperar. Um último mergulho não fará mal algum.

Enquanto os dois príncipes discutiam os pormenores, com Aliver a apontar e a fazer gestos, dando alguns passos à medida que se ia recordando da forma como os túneis estavam dispostos, Barad perguntava-se por que motivo a rainha o teria trazido de regresso à vida. De certeza que não fora apenas para ele brincar com o seu filho. Haveria um lado dela que desejava verdadeiramente enfrentar a ideologia que Aliver tinha relativamente ao mundo? Não conseguia imaginar tal coisa. Talvez ela já o tivesse mudado, e o tivesse transformado em mais um porta-voz das suas palavras. Mas não se apercebeu de qualquer tipo de hesitação nas palavras de Aliver, algo que ele próprio por vezes sentia, nem qualquer sinal de frustração. Barad observava-o com atenção, colocando toda a pressão do seu olhar de pedra sobre ele.

Havia algo por baixo da pele do seu rosto. Algo que não era físico, mas era claramente nítido, como se existissem feições que tivessem deslizado por baixo do rosto de Aliver, à semelhança de uma outra cara comprimida contra a fina barreira da sua pele. Aconteceu num determinado momento, e depois, já lá não estava. Por baixo do rosto do príncipe havia um outro rosto. Ou uma outra versão do seu rosto.

— Ora então, muito bem, Aaden, vamos fazer uma aposta — dis-

se Aliver. Começou a desapertar a camisa. Pouco tempo depois, com nada mais vestido para além dos seus calções justos ao corpo, Aliver mergulhou na água, para grande alegria de Aaden. O rapaz saltou, mergulhando tão próximo do príncipe que, se Aliver não se tivesse enfiado dentro de água Aaden teria aterrado em cima dele.

Barad voltou-se para Rhrenna. Tentou dizer em voz alta as palavras que a sua mente não permitia formarem-se na sua cabeça. Sabia o que tinha visto, e deveria ter sido capaz de o descrever através de palavras. A culpa era de Corinn. Mais uma das suas abominações. Estava mesmo ali. Se fosse capaz de apontar, para lhe mostrar a direção certa, também ela seria capaz de ver. Agarrou-a pelo pulso e disse-lhe, com toda a seriedade que conseguiu encontrar: — O trabalho da rainha é uma bênção para todos nós.

Não! Não é isso! Tentou bater com a mão em cima da pedra, mas tudo o que conseguiu fazer foi acenar vagamente na direção do príncipe.

Rhrenna anuiu.

— Não é extraordinário? A vida a partir da morte. Faz-nos pensar que mais ainda irá fazer Corinn.

A mulher libertou-se delicadamente da mão de Barad, pegou nas suas coisas, e afastou-se, com passos rápidos e decididos, parecendo novamente formal.

Sentado sozinho no banco, Barad lembrou-se do pedaço de carvão. Não tinha grande habilidade para escrever, tendo aprendido a ler já muito tarde na vida, mas tinha o mínimo de conhecimentos para conseguir rabiscar uma curta mensagem. Começou a escrever: *Príncipe Aliver, somos ambos escravos!* Imaginou as letras a formarem-se na pedra. Viu-as ao lado umas das outras, a soletrarem a sua verdadeira intenção. Quando terminou, conseguia sentir o coração a pulsar-lhe no peito. Aquilo servia. Apenas teria que acenar a Aliver para que este lesse a mensagem. Aquilo iria funcionar. Sabia que sim. Tentou captar a atenção de Aliver, mas o príncipe não o viu. Iria ter que se levantar. Foi o que fez, olhando de relance para a mensagem enquanto o fazia.

Ficou paralisado, antes de se levantar completamente. As palavras que tinha escrito diziam: *Príncipe, estamos ambos salvos!*

Barad voltou a sentar-se na pedra. Apagou as palavras com a palma da mão e deixou o carvão cair-lhe dos dedos. O seu coração, o qual tinha estado tão profundamente feliz momentos antes, parecia estar a morrer dentro de si. Observou os príncipes a nadar e a salpicarem-se um ao outro, a mergulharem e a perseguirem os peixes. Aaden gritou as regras improvisadas de um novo jogo de túneis por ele inventado.

Aliver participou com entusiasmo, parecendo um rapaz com exatamente a mesma idade que o sobrinho.

Ao ver o rosto de Aliver enquanto este abria caminho por entre a água, Barad viu novamente o movimento indefinido por baixo da sua pele. Aaden não conseguia vê-lo. Ninguém conseguia. Apenas ele, com os seus amaldiçoados olhos de pedra. Nem sequer Aliver sabia. “Não sabe que está prisioneiro dentro de si próprio, e eu não lho consigo dizer. Não consigo dizê-lo a quem quer que seja”.